

Daladier Pessoa Cunha Lima

*Honras*  
*à*  
**VIDA**

CRÔNICAS

*Honras*  
*à*  
**VIDA**

CRÔNICAS

Daladier Pessoa Cunha Lima

© Copyright 2020

Permitida a divulgação dos textos contidos  
neste livro, desde que citados autor e fonte.

**Daladier Pessoa Cunha Lima**

Revisão

**João Maria de Lima**

Padronização e catalogação

**Larissa Inês da Costa**  
(Bibliotecária CRB 15/657)

Capa

**Terceirize Editora**

Projeto gráfico e diagramação

**Terceirize Editora**

[www.terceirize.com](http://www.terceirize.com)

[terceirize@terceirize.com](mailto:terceirize@terceirize.com)

Impressão

**Gráfica Sul**

Lima, Daladier Pessoa Cunha.

Honras à Vida: crônicas / Daladier Pessoa Cunha Lima. – Natal:  
Terceirize Editora, 2020.

262 p.

Livro – Crônicas publicadas no Jornal Tribuna do Norte.

ISBN: 978-65-88305-01-0

1. Crônicas. 2. Reflexões. 3. Dignidade do homem. 4. Relatos edificantes. I. Título.

CDU 82-94  
Cutter L732h

Larissa Inês da Costa (CRB 15/657)

Daladier Pessoa Cunha Lima

*Honras*  
*à*  
**VIDA**

CRÔNICAS

Terceirize Editora

Natal/RN

2020

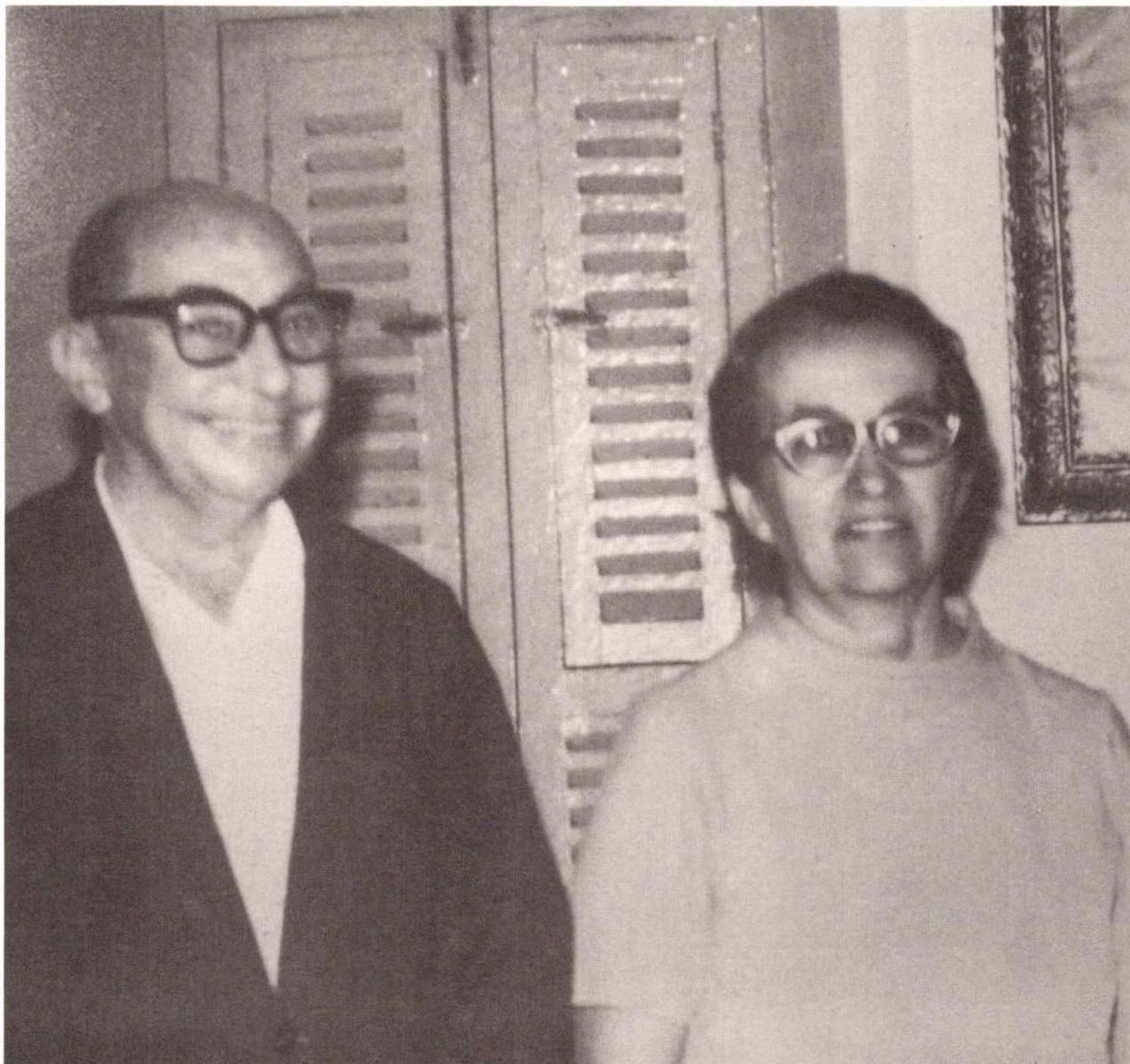
Daladier Pessoa Cunha Lima

*Honras*  
*à*  
**VIDA**

CRÔNICAS

Alegro-me só em pensar que este livro estará com você, mormente se as crônicas que o compõem vierem a merecer sua leitura.

*Diógenes e Eunice*



Diógenes da Cunha Lima nasceu em Serraria-PB, em 04 de janeiro de 1906, e faleceu em Nova Cruz-RN, em 1º de novembro de 1972. Eunice Pessoa da Cunha Lima nasceu em Tacima-PB, em 30 de outubro de 1912, e faleceu em Natal-RN, em 23 de setembro de 2001.

# Dedicatória

Dedico este livro à memória do meu querido pai, Diógenes, e da minha querida mãe, Eunice, que me deram a vida e me mostraram os melhores caminhos. E aos meus queridos filhos, netos e bisnetos, porque são eles a continuação e as principais inspirações do meu viver.

# Agradecimentos

Em especial, agradeço a Ana Maria, minha esposa, que muito me incentivou para reunir essas crônicas e publicá-las em forma de livro. Ela mesma as tinha guardado, impressas no papel, e entregou-me já composta a primeira seleção. Daí em diante ficou tudo muito mais fácil. Assim, relembro essa sua participação, sobretudo, porque foi feita com pleno cuidado, com longa dedicação e visível afeto.

Formulo os agradecimentos à amiga Adriana Rodrigues que assumiu as tarefas mais árduas e difíceis no tocante ao uso da informática, a fim de atender, de forma gentilíssima, toda a demanda para a concretização do projeto.

Deixo meus agradecimentos ao amigo Professor João Maria de Lima, pela revisão ortográfica do texto, e por outros apoios na organização geral do livro.

Envaidecido – permitam-me assim dizer –, registro a gratidão aos escritores Manoel Onofre Jr. e Thiago Gonzaga, mestres no ofício da escrita, pelas generosas palavras na “orelha” e no prefácio do livro.

Sou grato, também, ao jornal Tribuna do Norte – seus diretores, redatores, jornalistas e outros colaboradores –, por acolher e publicar todas as crônicas que compõem este Honras à Vida.

“Seria talvez mais justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros. E esses três tempos estão na mente e não os vejo em outro lugar. O presente do passado é a memória. O presente do presente é a visão. O presente do futuro é a espera”.

*Santo Agostinho – Confissões (1984, p. 344)*

“Ama a simplicidade  
Ama a vida  
Ama a beleza  
Ama a Poesia  
Ama as coisas que dão alegria  
Ama a natureza e a reverência pela vida  
Ama os mistérios  
Ama Deus”

*Rubem Alves*

# Prefácio\*

O filósofo grego Platão disse, certa vez, do alto de sua sabedoria: “É necessário cultivar a memória dos heróis para que o homem possa lembrar tão grande ele pode chegar a ser”. Rememoramos essa simbólica frase após a leitura do livro *Honras à Vida*, do escritor Daladier Pessoa Cunha Lima.

*Honras à Vida* nos eleva a partir de uma viagem local para o universal, homenageando pessoas e instituições (criadas também por pessoas), nos levando à reflexão de como o ser humano é realmente grandioso, e veio ao mundo para ser útil, para contribuir. A melhor forma de se encontrar é se perder a serviço dos outros, disse, em outras palavras, Gandhi. Das pessoas enfocadas no livro de Daladier, parece germinar uma vocação em prol da humanidade. Homens e mulheres devotados em suas ideias e ações, de uma simplicidade e humildade ímpar.

*Honras à Vida* constitui, pois, um verdadeiro discurso sobre a dignidade do homem, entenda-se aqui o homem como ser humano, independente do sexo. Todas as crônicas que compõem o livro nos fazem refletir que realmente o homem é a medida de tudo. São relatos edificantes, exemplos de como se faz o bem, por amor, sem esperar compensações.

A partir desses relatos, filosofamos sobre pelo menos três coisas: o que aprendi da vida? O que fiz da vida? Qual a minha contribuição para a humanidade? Ora, sabemos que a vida não é o caos, a vida tem uma engrenagem, mesmo que não a compreendamos; a vida nos ensina muitas coisas, e não temos dúvida, a melhor coisa da vida é realizarmo-nos como seres dotados daquele “leite da bondade humana” a que se refere Shakespeare. E foi o que as pessoas homenageadas neste livro fizeram: acreditaram na verdade delas próprias, aproximando-se da plenitude da condição humana, e, assim, aproximando-se de Deus.

Daladier, que foi por muito muitos anos professor de Medicina, tem na sua arte da escrita a clareza didática, que facilita a compreensão de sua mensagem e ao mesmo tempo distribui beleza.

Ao reunir em um volume essas crônicas, muitas das quais foram publicadas ao longo dos anos no jornal “Tribuna do Norte”, presta um relevante serviço à cultura regional.

Com desenvoltura, ele nos leva para uma viagem prazerosa, em que pessoas e instituições surgem, além de livros e até a natureza, representada por uma xanana e o pau-brasil. E o faz de uma maneira singular, como, por exemplo, ao dizer: “O mundo seria tanto melhor quanto maior fosse a parcela da humanidade a adotar e a praticar os ideais do Rotary”. Daladier trabalha com a palavra como um artesão, fazendo com que seu texto alcance o

maior número de leitores possíveis, até pelo fato de escrever há muitos anos para jornais, e compreender que a arte da escrita está muitas vezes na simplicidade dela.

No livro, estão presentes alguns colegas de profissão, médicos, professores e amigos de longa data. Giselda Trigueiro, Hiram Diogo Fernandes, Araken Irerê Pinto, Jessione de Carvalho Lima, Ernani Rosado ganham retratos em corpo inteiro, assim como grandes nomes do passado, como Câmara Cascudo, Henrique Castriciano, Onofre Lopes e Varela Santiago, além de importantes ícones da música e da literatura, bastando citar Rubem Alves, Clarice Lispector e Wolfgang Amadeus Mozart.

Outras homenagens demonstram a devoção do autor à fé cristã: Dom Nivaldo Monte, Monsenhor Pedro Moura e Cardeal Eugenio de Araújo Sales. Honras também mereceram seus confrades da Academia Norte-rio-grandense de Letras, como Agnelo Alves, Marcelo Navarro Ribeiro Dantas, José Augusto Delgado, Oswaldo Lamartine e Dorian Gray Caldas, este último falecido recentemente.

Observador atento, quase que como um *flaneur*, Daldier também interpreta fatos e atitudes de pessoas durante suas viagens pelo velho mundo. Engajado, também exalta o “Dia da Consciência Negra”, numa narrativa sobre personagens da sua cidade da infância.

Evidentemente, não poderia faltar no livro as homenagens afetivas ao irmão, poeta e escritor Diógenes da Cunha Lima e a Noilde Ramalho (no ano do

centenário de nascimento dela), importante nome da educação norte-rio-grandense, sobre a qual Daladier escreveu o livro “Noilde Ramalho: uma história de amor à educação” (2004).

O homem que se encontra nas páginas de *Honras à Vida* nos faz lembrar o famoso livro *Discurso sobre a Dignidade do Homem*, de Pico Della Mirandola, escritor que percorreu o mundo de sua época, tentando encontrar e relatar conhecimento através das histórias de seres humanos que faziam a diferença na sociedade. Pico Della Mirandola ilustra que “o homem é de todos os seres vivos o mais abençoado e, portanto, o mais digno de admiração”.

Com suas *Honras à Vida*, Daladier Pessoa Cunha Lima absorve também preceitos do Mestre dos mestres, Jesus Cristo, que nos ensinou que a vida que de fato vale a pena é a vida dedicada aos outros, ou seja, ao próximo.

**\*THIAGO GONZAGA é escritor. Mestre em literatura comparada (UFRN). Atual editor da Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras. É autor de “Presença do Negro na Literatura Potiguar”, “Nei Leandro de Castro- 50 Anos de Atividades Literárias” e outros livros.**

# Sumário

Prefácio.....	13
Apresentação .....	21
Ave Rotary! .....	23
Ubirajara Galvão .....	26
Professor Karol Wojtyla .....	29
Homenagem ao poeta Henrique Castriciano .....	32
Mestres da medicina.....	35
Viva a xanana!.....	38
Mozart (1756-1791).....	41
Hiram Diogo Fernandes .....	44
Mozart, o terapeuta.....	47
Paris, 1922 .....	50
Mestre, sábio e santo .....	53
Onofre Lopes.....	56
Miss James (1) .....	59
Miss James (2) .....	62
D. Pedro II.....	65
Jessé Dantas Cavalcanti .....	68
Brilhante, probo e bom .....	71
Sabina* .....	74
Honras a Paulo Bonavides.....	77
A basílica do Sacré-Coeur* .....	80
Desculpas ao cientista.....	83
Araken Irerê Pinto .....	86
Memória do Mons. Pedro Moura .....	89
Honras ao Cardeal Eugênio Sales.....	92

Noilde Pessoa Ramalho .....	95
Honras a três diletos amigos.....	98
O Cardeal e o Espírito Santo .....	101
Honras a Manoel Benício* .....	104
Onofre Lopes e o Crutac.....	107
Honras ao Professor Jessione .....	110
Sob um olhar azul .....	113
Honras à Liga Contra o Câncer .....	116
Honras a Agnelo Alves .....	119
Honras a um homem de bem .....	122
Bolonha, 1988 .....	125
Honras aos médicos de 1965, da UFRN.....	128
Ano novo com Rubem Alves .....	131
O sonho de Stefan Zweig.....	134
Honras a Varela Santiago* .....	137
Cascudo e Maquiavel .....	140
Meio século do Crutac.....	143
Honras a Ernani Rosado.....	146
Albert Sabin e Heloísa.....	149
Honras a Dorian Gray Caldas .....	152
Honras ao livro (1) .....	155
Honras ao livro (2) .....	158
A entrevista de Susan Gubar .....	161
Carta para Diógenes.....	164
Medicina e literatura (1).....	167
Medicina e literatura (2).....	170
Medicina e literatura (3).....	173
Momento singular da minha vida .....	176

Honras a Anton Tchekhov .....	179
Honras à árvore nacional do Brasil .....	182
Honras a Dines, Wolfe e Roth.....	185
Honras a Manoel de Medeiros Brito .....	188
Honras ao médico Oswaldo Cruz .....	191
Honras ao Conselheiro Brito Guerra .....	194
Honras a Zé Preto, a Corina e a Rosa .....	197
O Rio de Clarice.....	200
Honras ao escritor O. Henry.....	203
Honras a Giselda Trigueiro .....	206
20 anos do UNI-RN/FARN.....	209
Romeu e Julieta .....	212
Walt Whitman .....	215
Nabokov: 120 anos.....	218
Honras a Laika e a Félicette .....	221
Honras a Ieda Pessoa Cortez.....	224
Joseph Lister e a Rainha Vitória.....	227
Honras a Oswaldo Lamartine .....	230
A Última Ceia (1) .....	233
A montanha mágica* .....	236
Duas visões sobre a Peste.....	239
Fé e razão.....	242
Honras a Max Cunha de Azevedo .....	245
Centenário de Noilde Ramalho .....	248
Honras ao amigo Paulo Macêdo.....	251
Júlia, a mãe de Thomas Mann .....	254
Reflexões sobre a Covid-19.....	257
Thomas Mann, cidadão do mundo .....	260

# Apresentação

Reuni neste livro 80 crônicas sobre a vida de figuras humanas notáveis, em honra aos seus méritos e aos resultados benfazejos decorrentes dos seus labores. Essas crônicas fazem parte de um conjunto bem maior de textos que escrevi, de 2004 a 2020, quase todos publicados pelo jornal Tribuna do Norte. As homenagens prestadas e que, agora, reitero nestas páginas, não se restringem a pessoas, pois incluem organizações, fatos e contextos, além de uma árvore e de uma flor. Em grande parte, os nomes listados nesta galeria são de pessoas que já partiram para a eternidade, porém, há outras que permanecem no mundo dos viventes, algumas ainda em plena atividade laboral ou intelectual, graças a Deus. Faz-se necessário dizer que 86 textos, crônicas ou artigos, integrantes do acervo geral, não constam nesta coleção, pois compõem o livro “Retratos da Vida”, lançado em 2015.

Todos os nomes elencados engrandecem esta obra, e vários deles integram o rol das minhas amizades, mais próximas ou menos próximas; outros se destacam ou se destacaram no cenário humano coletivo,

seja de âmbito restrito ou ampliado. O mais importante é reconhecer o merecimento de cada um dos habitantes das páginas a seguir, alvos de louvores da sua própria geração e/ou dos seus pósteros.

Os textos nos quais prestei as homenagens tiveram, em sua maioria, o título de Honras a(à) ou Honras ao, expressões que criei e repeti várias vezes, daí o nome do próprio livro. No entanto, outros textos têm títulos diversos, mas todos seguem a premissa de nomes que dignificam ou dignificaram a vida, no seu sentido “lato sensu”. A ordem dos textos obedece à sequência das datas da publicação, as quais estão unidas a cada um, a fim de que possam servir para uma contextualização, quando for o caso.

Daladier Pessoa Cunha Lima  
Outubro de 2020

## Ave, Rotary!

**O** mundo seria tanto melhor quanto maior fosse a parcela da humanidade a adotar e a praticar os ideais de Rotary. Presente em 166 países e associando mais de um milhão e duzentas mil pessoas de raças, credos e culturas diversas, o Rotary Internacional reúne-as no afã de tornar realidade o lema “Dar de si antes de pensar em si”. Esse Clube de Serviço, fundado na cidade de Chicago (USA), em 23 de fevereiro de 1905, pelo advogado americano Paul Harris, preserva o seu nome original, palavra de língua inglesa que significa rotativo, pois as reuniões ocorriam em rodízio nos locais de trabalho dos primeiros participantes. O emblema, uma roda dentada, dá a ideia de contínuo movimento, além de passar a imagem de um círculo formado por várias pessoas de mãos dadas, unidas pelos sentimentos que as convocam, permanentemente, para a missão de servir. Evidentemente, para alguém se dedicar à causa de ser útil à sua comunidade, através de ações ou de atitudes, não necessariamente tem de pertencer a uma organização ou a um Clube de Serviço como Rotary. Há até mesmo os que são muito mais

efetivos nesse desiderato, atuando de forma independente ou por outros tipos de vinculações. Entretanto, a participação em grupo enseja o senso de responsabilidade compartilhada, o incentivo recíproco, além da sistematização de ações, que por isso podem se tornar mais eficazes.

Rotary Internacional é a única instituição não governamental que tem representação permanente na Organização das Nações Unidas. Uma de suas Conferências, realizada em Londres, no ano de 1943, serviu de motivação para que a ONU, em 1946, criasse a UNESCO-Organização para a Educação, Ciência e Cultura. Incentivar o companheirismo e a amizade é um dos pilares dessa Organização. Não somente como forma de aproximar pessoas de boa vontade, mas também, com o intuito de fazê-las mais participativas no ideal de servir. Sobrepujando o resultado das atividades de caráter humanitário, que somadas têm real significação, há o valor do desenvolvimento de uma ética para a vida, através de atitudes salutaras e por uma convivência pró-ativa voltada para o bem comum, seja no âmbito público, seja no âmbito particular.

Essa prática da boa convivência, da solidariedade, do amor ao próximo, da cidadania, da retidão em palavras e atos, extrapola os limites locais e regionais, alcançando extensão internacional, o que transforma o Rotary em uma grande rede mundial, que trabalha visando ao aprimoramento das habilidades

interpessoais e das cooperações interinstitucionais, com o objetivo maior de fomentar a concórdia entre os povos e a paz entre as nações. Mesmo valorizando muito os programas assistenciais, tanto os locais, quanto os de maior amplitude, como o Polioplus que visa à erradicação da poliomielite no mundo, o grande mérito do Rotary se assenta na difusão dos seus princípios éticos, na busca de uma sociedade mais feliz, pela vitória do altruísmo sobre o egoísmo e pela socrática esperança de se conseguir o bem, a verdade e a beleza, em benefício de toda a humanidade. Rotary Internacional precisa crescer; para que cresça sua ação oposta ao desamor, à ambição e à luta fratricida que tentam dominar o mundo.

*15 de junho de 2004*

## Ubirajara Galvão

**U**birajara Galvão será sempre um nome de referência na arquitetura do Rio Grande do Norte. Seus projetos se destacam no universo das construções de Natal, sejam prédios residenciais, sejam edificações destinadas a outras finalidades. Felizes os que podem ou puderam habitar qualquer ambiente por ele criado, pois vivem ou viveram, cotidianamente, com a visão beneficiada pela estética e com o bem-estar propiciado pela funcionalidade.

No início da década de 80, estava eu identificando um arquiteto para projetar a casa que sonhara para a minha família. Resolvi, então, procurar Ubirajara Galvão, tendo, primeiro, de vencer o receio de que os recursos disponíveis não fossem suficientes, porquanto dizia-se ser de elevados custos as construções dos seus projetos. Nosso conhecimento recíproco era superficial e, logo na primeira visita ao seu escritório, impressionou-me a elegância da recepção, além da segurança que passou quanto ao perfeito entendimento das expectativas do cliente. Nas conversas subseqüentes, permaneceram os gestos de cortesia e simplicidade,

bem como as evidências de elevado profissionalismo, competência e rara capacidade criativa. O tabu quanto aos custos foi desfeito, a casa foi construída e, graças a Deus, há mais de 20 anos desfruto, com a minha família, as benesses de um ambiente acolhedor, bonito e sóbrio, que a mente privilegiada de um arquiteto foi capaz de criar. Certa vez, ao lhe transmitir essas impressões, ele sorriu e, com sua característica simpatia, disse: “Que bom [...]! Fico feliz com isso”.

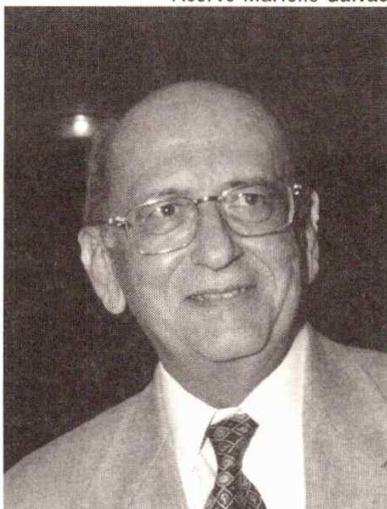
Estando no exercício do cargo de Reitor da UFRN, poucos anos depois, quando decidi pela edificação de um novo prédio para a Escola de Música, outro nome não me veio à lembrança: convidei Ubirajara Galvão para desenvolver o projeto arquitetônico. Conhecendo-o, não temi o fato da não existência de remuneração adicional, pois o vínculo empregatício com a UFRN e a sua motivação já seriam suficientes para garantir o total empenho na tarefa. Mais uma vez, deparei-me com um profissional brilhante, sensível, aberto ao diálogo e convicto dos seus princípios. Ouviu a todos: o Reitor, a Diretora da Escola, Professora Maria Eugênia, os professores de música, os funcionários, e passou a desenvolver um maravilhoso projeto, que se transformou no melhor edifício de Escolas de Música do Brasil. Elaborou esse trabalho com grande amor, feliz por saber que destinava a sua arte em prol da arte. A UFRN tem o dever de cuidar e preservar essa obra arquitetônica, não permitindo que se

desfigurem seus traços e detalhes originais, até como homenagem à memória do seu genial criador.

Ubirajara Galvão, há poucos dias, ultrapassou a porta da imortalidade, por onde todos nós haveremos de passar. Duas pessoas com esmerados dotes artísticos, ele e Marlene Galvão se completavam. Agora, o belo e simpático casal continuará na lembrança emocional dos amigos; Marlene e a família haverão de encontrar forças para suportar a imensa dor e vencer esse momento crucial de suas vidas. Natal perdeu um ser humano de extraordinário valor. Não somente o arquiteto exponencial, o artista de grande sensibilidade, o esteta, mas também o cidadão correto, íntegro, o homem afável, cordial, de fina educação, solidário, de gestos largos de simpatia. Que Deus o tenha no lugar que ele bem merece, certamente, reservado aos bons.

*11 de janeiro de 2005*

Acervo Marlene Galvão



Ubirajara Galvão  
(1935-2005)

# Professor Karol Wojtyla

**D**ia de Todos os Santos - 1º de novembro de 1946: Karol Wojtyla, que 32 anos depois tornar-se-ia João Paulo II, é ordenado padre, na presença de alguns amigos e parentes. Ele reverencia o arcebispo de Cracóvia (Polônia), cardeal Adam Sapieha, e deita-se ao chão com os braços abertos em cruz e a testa encostada no piso, simbologia das ordenações sacerdotais, a qual significa total submissão a Deus e abertura ao Espírito Santo. Impossível afastar da lembrança seu colega Jerzy Zachuta, que, certamente, também estaria sendo ordenado naquela ocasião, se não tivesse sido executado pela Gestapo, poucos anos antes, quando as forças nazistas devastaram a Polônia. Sabendo das aptidões intelectuais do novo padre, o cardeal Sapieha envia-o para Roma, por dois anos, a fim de prosseguir seus estudos universitários. Karol Wojtyla pela primeira vez ultrapassaria as fronteiras do seu país. Assim, 15 dias após a ordenação, ele viaja de trem para a Cidade Eterna, quando pôde observar, pela janela do vagão, a tremenda herança de destruição que a guerra deixara para a Europa.

Tendo de vencer alguns atropelos para hospedagem, instala-se, finalmente, no Colégio Belga e, em seguida, matricula-se no curso de licenciatura do “Pontificium Institutum Angelicum de Urbe”, conhecido como Angelicum, sob o número C – 905. Dedicando-se integralmente aos estudos e às orações, Wojtyla impressiona pela sua inteligência e pelo anseio de ampliar conhecimentos, especialmente em filosofia, teologia e idiomas. Encontra e interage com professores padres de elevadíssimo nível intelectual, alguns que depois atingiriam o cardinalício, além do teólogo francês Réginald Garrigou-Lagrange, autoridade mundial nos estudos tomistas clássicos e especialista em São João da Cruz. Com os professores francófonos do Colégio Belga, aprofunda-se na língua e na literatura francesas, ao mesmo tempo em que se aperfeiçoa em italiano, grego, latim e espanhol. Nesse tempo, já tinha domínio de alemão e russo, tendo, posteriormente, se tornado apto na comunicação em inglês e português.

Em junho de 1948, Wojtyla conclui, brilhantemente, seu doutorado em teologia, no Angelicum, obtendo conceitos máximos, especialmente na defesa da tese “A fé no pensamento de São João da Cruz”. De volta à Polônia e após alguns meses de atuação no meio rural, retorna a Cracóvia, quando intensifica seus estudos filosóficos, desenvolvendo pesquisas e publicando artigos e livros, sem deixar de dar sequência à sua missão pastoral. A fim de obter seu “doutorado do Estado”, matricula-se

na tradicional e respeitada Universidade Jagellon, criada em 1364, já sua conhecida, pois havia frequentado essa Academia, antes e durante a formação sacerdotal, quando estudou Teologia, além de língua, literatura e filologia polonesas. Cinco anos depois, em 1954, o padre Karol Wojtyla obtém esse importante grau universitário, com uma tese que relacionava a moral cristã e os estudos fenomenológicos de Max Scheler. Nesse período, inicia suas atividades docentes na Universidade Católica de Lublin, titular da cadeira de ética, sempre considerado exponencial nas suas aulas, orientações de pesquisas e publicações.

O professor Karol Wojtyla exerceu com sapiência e extrema dedicação suas atividades acadêmicas, por mais de 20 anos, somente interrompendo-as quando foi chamado para assumir o trono de São Pedro e passar a lecionar, em âmbito global, a ética e a doutrina cristãs.

***06 de abril de 2005***

## Homenagem ao poeta Henrique Castriciano

**A**tendendo atencioso convite formulado pelo Centro Norte-Rio-Grandense do Rio de Janeiro, estivemos, recentemente, naquela cidade a fim de fazer palestra sob o título “Recordando Henrique Castriciano”, dentro da programação do seminário “Nordeste em Questão: Histórias e Riquezas”. O convite nos foi apresentado pelo Presidente do Centro, Professor Otomar Lopes Cardoso, secundado por sua esposa Dea. Esse simpático casal amigo não estava no Rio, por motivo absolutamente superior, ficando a Presidência da Entidade sob a batuta do Professor Moacyr de Góes, que presidiu o Seminário. Moacyr de Góes fez belíssima alocução introdutória, em linguagem escorreita, fazendo-nos gentil saudação.

No início da nossa fala, dissemos que faríamos uma palestra, pois, precedendo-a, já havíamos ouvido uma breve e bela conferência. Por mais de uma hora falamos e dialogamos sobre a vida desse grande norte-rio-grandense que é Henrique Castriciano de Souza. Considerado o mais proeminente intelectual do Estado,

nas primeiras décadas do século passado, teve sua obra representada em respeitadas antologias, brasileiras e internacionais. Câmara Cascudo é o seu definitivo biógrafo, com o livro “Nosso Amigo Castriciano”, no qual diz que sempre preferiu a prosa ao verso de Henrique Castriciano. Mergulhado na completa orfandade aos 7 anos, menino enfermiço, Castriciano, desde muito cedo, evidenciou sua preferência pelos livros, pois as forças de sua mente superavam suas aptidões físicas. A leitura preenchia-lhe a existência, pontilhada de revezes substanciais, como a tuberculose pulmonar, que ceifou a vida de seus pais e da irmã Auta de Souza (1876-1901) e que lhe acompanhou, como a própria sombra, durante toda a vida. Conhecia, por acurada leitura, os clássicos universais, mas tinha predileção pelos grandes escritores franceses, e, principalmente, por Ernest Renan, de quem recebeu influência no primoroso estilo da linguagem escrita. Além de sucinta análise da sua prosa e da sua poesia, falamos, ainda, de Henrique Castriciano político, da vivência no Rio de Janeiro, das suas grandes amizades, da fundação da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, dos pseudônimos, das viagens internacionais e de outros aspectos relevantes. Concluimos dizendo que, afora os frutos diretos da sua erudição, Henrique Castriciano deixou quatro legados para o Rio Grande do Norte: a valorização da mulher através da educação (criação da Escola Doméstica de Natal), a “descoberta” de Nísia Floresta, a implantação do es-

cotismo e a influência intelectual que exerceu sobre o jovem Câmara Cascudo, 24 anos mais novo, influência autorreconhecida pelo mestre maior da cultura popular e do folclore brasileiros. O auditório do Centro estava repleto, com a presença de ilustres conterrâneos. À noite, a amiga Selma Dantas recepcionou algumas pessoas em seu apartamento no Flamengo, quando Murilo Melo Filho, esse destacado intelectual de quem todo o Rio Grande do Norte se orgulha, falou-nos com entusiasmo da Biblioteca Rodolfo Garcia, instalada na Academia Brasileira de Letras, com mais de 65.000 títulos, que ele implantou e dirige.

Esse foi um momento especial: por termos homenageado um nome ímpar da cultura e da educação do nosso Estado, pela afável acolhida e pelo reencontro de velhos amigos, distantes no tempo, mas próximos na afetiva memória.

*23 de junho de 2005*



Henrique Castriciano  
(1874-1947)

## Mestres da medicina

**O** Rio Grande do Norte comemora, justificadamente, meio século de funcionamento do curso de Medicina da UFRN. São quase quatro mil médicos diplomados na Instituição, desenvolvendo suas atividades pelo Brasil afora, especialmente em nosso Estado. Antes, os que queriam se dedicar a essa profissão tinham de estudar em outras cidades, o que restringia a possibilidade a poucos privilegiados. Os benefícios trazidos pela instalação da Faculdade de Medicina de Natal, hoje Curso Médico da UFRN, são tão evidentes que se torna desnecessário alongar considerações. Somos partícipes dos tempos árduos vividos pela novel Faculdade, criada em 1955 por Onofre Lopes, com adesão incondicional da comunidade e, especialmente, dos médicos por ele convocados para integrarem a classe dos professores fundadores.

Estávamos entre os vinte calouros da 5ª turma da Faculdade, que iniciou o curso em 1960 e concluiu em 1965. Portanto, somos beneficiários dessa instituição educacional que, ao comemorar o jubileu

de ouro, vê perpetuar-se no tempo, como memória inapagável, os exemplos de amor à missão de ensinar medicina dos professores pioneiros. Superaram-se esses mestres, no afã de instalarem em nossa terra uma escola da arte e da ciência de Hipócrates. Superaram-se, pois as dificuldades não eram poucas, além de que seus mestrados e doutorados eles os fizeram no dia-a-dia dos hospitais, das clínicas, dos consultórios ou dos laboratórios e bibliotecas, tendo de reavivar o interesse pelo estudo e pela atualização, atitude inerente à própria formação profissional.

Os êxitos logo surgiram, porquanto os primeiros médicos graduados em Natal, em dezembro de 1961, revelaram-se competentes, éticos e prontos para empreenderem jornadas posteriores de crescimento técnico-científico. A Faculdade de Medicina de Natal, sonho de Januário Cicco, obra de Onofre Lopes e realização de alguns heróis médicos-professores, além de outros colaboradores, projeta-se no tempo como um marco do bem, criado por poucos para o bem de muitos. Hoje, revigora-se o reconhecimento àqueles primeiros professores que propiciaram a jovens norte-rio-grandenses a concretização de sonhos, bem assim, garantiram reais benefícios à população pela presença de bons médicos para atendê-la. Esse sentimento de gratidão e de homenagem é unânime, tornando-se especial e afetivo entre os que vivenciaram o alvorecer da Instituição.

Na impossibilidade de relacionar todos, permitimo-nos lembrar, nesta evocação de um passado que parece presente pelo resgate de emoções, dos dois primeiros mestres que nos receberam na Faculdade: Sebastião Monte e Hiran Diogo Fernandes. Dr. Monte, Professor de Histologia e Embriologia, de uma família repleta de grandes nomes na medicina e no sacerdócio, com aquele jeito característico de cientista e fulgurante inteligência. Dr. Hiran, Professor de Anatomia, discípulo de Luigi Olivieri e de Liberato Di Dio, brilhante no desempenho da função, mestre de gerações, transformava a frieza da disciplina em ensino fascinante, abrindo as portas para os estudos posteriores da medicina. Nas pessoas desses dois admiráveis médicos e professores, homenageamos todos os mestres pioneiros da então Faculdade de Medicina de Natal, no ano do seu cinquentenário.

***17 de novembro de 2005***

## Viva a xanana!

**Q**ue mal fizeram as pobrezinhas das xananas? Teimam em brincar os olhos dos natalenses, nas manhãs ensolaradas, com suas pétalas singelas, mas cheias de significação estética, característica das coisas simples da natureza. Teimam, também, alguns setores burocráticos em decretar a morte das plantinhas inocentes, ceifadas impiedosamente por enxadas nas mãos de operários que “não sabem o que fazem” e, por isso, estão perdoados. Ficam lindos os canteiros das ruas de Natal quando floridos de xananas, com suas alegrias ingênuas. Parece até que sorriem para seus admiradores, em gesto de interação que somente a energia da natureza pode propiciar. Todavia, por decisão equivocada, a florzinha simples, popular, que não é encontrada nos jardins dispendiosos, que não alumbra os ambientes luxuosos, deve ser eliminada totalmente dos recantos públicos da cidade, pois carece de “pedigree” e, assim, não merece estar em lugar algum de destaque, incomoda, é mato desnecessário e intrometido.

Entretanto, o correto seria privilegiar o encantamento para os olhos e o deleite para o espírito trazidos

pela floração nativa das ruas da cidade. Faz parte da nossa identidade a graça telúrica de formas e cores que se vêem nas pétalas desses frágeis arbustos. O homem continua a agredir a natureza em escala mundial. Sabe-se que o aquecimento global, causador de enchentes, secas, tornados, furacões e outros eventos dramáticos são decorrentes de ambições econômicas, que alteram o efeito estufa, pela liberação exagerada de CO<sub>2</sub>. Conduzido por desinformação ou insensibilidade, o homem também agride a natureza em escalas menores, mas que não deixam de ter significado. É o caso da devastação da população das xananas de Natal, varridas por verdadeiros tornados e furacões, nascidos nos ágeis acionamentos de gumes afiados e implacáveis.

Escrevemos esta página com o sentimento de inconformação pelas cenas que presenciamos, há pouco tempo, apenas um retrato do que ocorre rotineiramente. Passávamos pela Av. Romualdo Galvão, próximo à Praça Augusto Leite, deliciados pela visão das belas florzinhas brancas e amarelas, e o verde das folhas, cobrindo o largo canteiro da rua. No dia seguinte, homens “armados” de enxadas cumpriam as ordens da execução sumária dos seres de Deus. No terceiro dia, a monotonia da terra nua dos canteiros era quebrada somente por diversos pequenos amontoados de areia e plantas mortas, evocando a imagem triste de um cemitério.

Nos dicionários encontramos chanana, mas os poetas preferem xanana. Dizem ter mais charme, escri-

ta com x. Sigamos os poetas, pois eles têm percepções que os simples mortais não têm. Seja com que grafia for, apelamos ao Poder Público municipal, à frente um homem sensível à preservação das belezas da cidade, para que se revogue a lei que decreta a morte da “Flor do Natal.” Agradeçamos a dádiva que nos concede a Mãe Natureza: “Viva a xanana!”

*04 de dezembro de 2005*

## Mozart (1756-1791)

O dia 27 de janeiro de 2006 marcou o 250º aniversário de Wolfgang Amadeus Mozart, considerado o maior gênio musical da história. Representativas de uma época já distanciada, suas composições – mais de 600 –, criadas em somente 35 anos de vida, entre elas verdadeiras obras-primas, parecem crescer a cada dia em relevância e significação para a alma humana. Durante todo o ano e no mundo inteiro, programações exuberantes reverenciarão a genialidade de Mozart. Em Salzburgo (Áustria), cidade onde nasceu, serão encenadas, durante o conhecido festival de verão (24/07 a 31/08), as 22 obras escritas para o palco, especialmente, as famosas óperas “A Flauta Mágica”, “As Bodas de Fígaro” e “Don Giovanni”. O Metropolitan de Nova York, bem assim a Ópera de Paris, comemorarão em alto estilo. São Paulo, Rio e outras cidades brasileiras, inclusive Natal, obviamente, aproveitarão a oportunidade para, através dos institutos e entidades culturais, reavivar repertórios de Mozart e expressá-los em concertos e encenações.

Dos textos alusivos às atuais celebrações mozartianas, dois nos chamaram a atenção. No primeiro, escrito por Norman Lebrecht e publicado no caderno “Mais” da “Folha de São Paulo” de 22/01/2006, intitulado “O Rei da Muzac”, o autor entra na contra-mão da história e faz comentários depreciativos sobre o famoso compositor. Com a devida vênua, a análise de Lebrecht é tendenciosa e se vincula a estereótipos que impregnam a imagem do gênio de Salzburgo, melhor dizer, do gênio mundialmente reconhecido como o maior talento artístico – musical de todos os tempos. Esqueçamos as opiniões do crítico Norman Lebrecht e voltemos nossa atenção ao artigo de João Pereira Coutinho, colunista do jornal português “Expresso”, publicado na “Folha” de 26/01/2006, acerca das mulheres que exerceram forte influência na vida do compositor.

Coutinho se reporta ao livro recentemente editado em Londres, sob o título “Mozart’s Women” (As Mulheres de Mozart), de autoria de Jane Glover, maestrina em Chicago (USA) e incluída entre os maiores estudiosos do compositor, não somente da sua curta e tumultuada existência, mas também, e sobretudo, do seu prodigioso legado musical. São três mulheres que, essencialmente, foram importantes na vida de Mozart, conforme Jane Glover: a mãe, Maria Anna, morta aos 58 anos, em Paris, quando acompanhava uma turnê do filho; a mulher Constanze, nem sempre bem vista pela posteridade, mas com papel significativo na perpetuação do acervo

artístico do marido; e a irmã, também de nome Maria Anna, conhecida como “Nannerl”, confidente de Wolfgang, companheira de infância em apresentações musicais que encantavam a Europa. O livro desmistifica a pessoa do pai, Leopold, como figura central e quase única a influenciar a vida de Mozart.

Em 1991, quando exercíamos o cargo de Reitor da UFRN e inaugurávamos o prédio da Escola de Música (no gênero, um dos melhores do Brasil), fizemos constar na placa de inauguração uma frase concernente aos 200 anos do falecimento de Mozart. Tanto o nascimento quanto a morte são motivos para celebrar, porque marcam o período de uma existência que se tornou perene, pois Wolfgang Amadeus Mozart é imortal pela genialidade ímpar. Felizes somos nós, os pósteros, que podemos usufruir, para nosso deleite espiritual, de suas maravilhosas criações artísticas.

***12 de janeiro de 2006***

## Hiram Diogo Fernandes

**N**o dia 12/02/2006, aos 79 anos, Hiram Diogo Fernandes passou para a eternidade, serenamente, “como uma vela que se apaga”, no dizer de Marly, sua mulher e companheira muito querida, deixando saudades, em particular para a família, além do sentimento de tristeza e de perda de uma figura humana admirável, em quantos o conheceram, especialmente, seus amigos, discípulos e colegas médicos. Viveu e morreu com muita dignidade. Na lembrança de todos fica a imagem do médico exemplar e do professor competente, culto, que sabia e podia ser exigente, com aulas magistrais e motivadoras, elegante nos gestos, nas palavras e nas atitudes, um tanto circunspecto mas cordial e educadíssimo na forma de lidar com qualquer pessoa. Consciente da inexorabilidade da doença, pediu a Marly para não permitir reanimação nos momentos derradeiros, e manifestou satisfação por saber que seu corpo iria ficar em jazigo do Cemitério Parque localizado, coincidentemente, ao lado do monumento em homenagem ao cadáver desconhecido, por quem sempre manifestou agradecimento e

respeito nas aulas de Anatomia Humana. Previamente, pagou seus funerais e outra vez solicitou à esposa que o vestisse de branco, pois, abdicando até mesmo das vestes de Professor Emérito da UFRN, queria ser sepultado com os trajes que caracterizam a Medicina, sua maior paixão, depois da família.

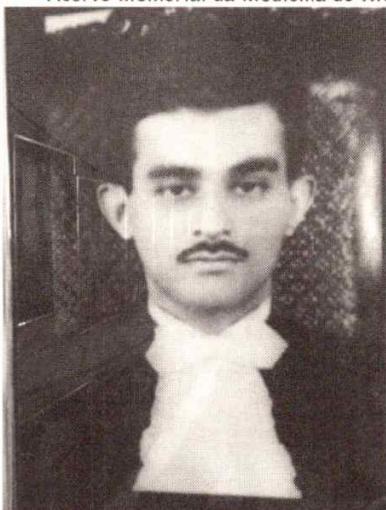
Hiram Diogo iniciou o magistério de Anatomia Humana na fase primeira da Faculdade de Medicina de Natal, hoje Curso Médico da UFRN, substituindo o italiano Luigi Olivieri, que antes exercera a função por dois semestres letivos. Em seguida, foi discípulo do Prof. Liberato DiDio, a maior expressão da Anatomia no Brasil. O Prof. DiDio, posteriormente, quando exercia a direção de uma universidade americana, tentou mas não conseguiu levar Hiram para os Estados Unidos. Depois de 20 anos no magistério de Anatomia, transferiu-se para o Departamento de Cirurgia, no qual permaneceu até a aposentadoria. Além de excelente professor, era um exímio cirurgião. Por muitos anos, participou com o Dr. Onofre Lopes, seu mestre e mentor, de incontáveis cirurgias. Quando Onofre Lopes faleceu, em 1984, instado por lideranças médicas e com aprovação da família, teve coragem para abrir o peito do amigo e arrancar-lhe o coração inerte, o qual está preservado no Museu da Medicina do CRM-RN, como um símbolo do amor que o fundador da UFRN dedicou à profissão e à própria Universidade.

Há cerca de dois meses, publicamos artigo sobre os 50 anos da Faculdade de Medicina de Natal, com referência aos professores pioneiros e, especialmente, a Hiram Diogo. No dia seguinte, sua voz ao telefone, já enfraquecida pela prolongada doença, gentilmente formulava agradecimentos. Disse-nos que não estava bem e concluía: “Mas desde ontem estou melhor, quando li o seu artigo”. Infelizmente, este texto já não causará essa mesma melhora. Contudo, representa uma justa homenagem à memória de Hiram Diogo Fernandes, mesmo que insuficiente para traduzir os grandes méritos do ilustre Médico e Professor recém-falecido.

Na história da Medicina do Rio Grande do Norte haverá sempre um lugar de destaque para esse ícone da profissão, que amou e dignificou, com muita ética e competência, a prática e o ensino da arte e da ciência hipocráticas.

*23 de fevereiro de 2006*

Acervo Memorial da Medicina do RN



Hiram Diogo Fernandes  
(1926-2006)

Foto da colação de  
grau em medicina

## Mozart, o terapeuta

**N**o meio de tantas notícias e de tantos fatos que levam à desesperança no crescimento espiritual do homem, surgem manifestações benfazejas para provar que nem tudo está perdido. Por exemplo: nosso planeta, não mais tão azul como o definiu famoso astronauta, une-se para comemorar, em 2006, de maneira exultante e feliz, o 250º aniversário de Wolfgang Amadeus Mozart. O compositor austríaco viveu apenas 35 anos e deixou legado musical com mais de 600 criações artísticas, entre as quais estão autênticas obras-primas. Atualmente, renovam-se a crença e os estudos voltados para os efeitos benéficos da música de Mozart sobre a mente e sobre o complexo emocional dos seres humanos. Não seria, então, a hora propícia para se difundir ao máximo essa música, no afã de tornar o mundo melhor?

A terapia pela música é amplamente reconhecida. Indica-se para controlar ansiedade e estresse, aliviar dor e atuar na melhoria dos desempenhos cognitivos, sociais e emocionais. Usada desde tempos remotos, a musicoterapia, na qual se inclui não somente

ouvir, mas também compor, tocar e cantar, conheceu grandes avanços na seqüência das primeira e segunda guerras mundiais. Aplicava-se aos soldados sobreviventes, a fim de aliviar-lhes os traumas físicos e psíquicos decorrentes das atrocidades vividas. O uso frequente desses tratamentos levou à profissionalização, e, em 1944, a Michigan State University (USA) criava o primeiro curso acadêmico de musicoterapia, o qual serviu de balizamento para outros que surgiram em diversos países. Nos últimos anos, identificou-se que a música de Mozart exerce efeitos restauradores sobre a saúde humana.

A revista “Time”, edição de 16/01/2006 dedicou reportagem de quatro páginas sobre o “Efeito Mozart”. São mostrados vários exemplos de cura de doenças por meio da musicoterapia mozartea. Uma artista parisiense, vendo-se bloqueada na criatividade e no uso do azul e do verde nas pinturas abstratas, sentiu-se completamente recuperada, após três semanas ouvindo Mozart, durante duas horas por dia. Sobre o compositor, ela diz: “[...] parece com um avô que lhe acalma quando você acorda no meio de um pesadelo”. Embora essa terapia, atualmente, passe por fase de grande interesse, o método há muito tempo goza de prestígio e reconhecimento. O médico francês Alfred Tomatis (1920-2001) é um dos pioneiros nesse alternativo modelo terapêutico, o qual se aplica no tratamento de crianças com

“deficit” de atenção, hiperatividade, dificuldade de aprendizagem, autismo, dislexia, depressão e outros transtornos do desenvolvimento.

A matéria da “Time” aduz que o “Mozart Effect” fortalece-se com o suporte científico que recebe, bem assim com publicações dos resultados das pesquisas em periódicos internacionalmente autorizados, como, por exemplo, a revista “Nature”. Algumas pesquisas sugerem que a música pode favorecer conexões neuronais. Além disso, amplia a ligação entre os dois hemisférios cerebrais, o que resulta em maior poder, mais rapidez e melhor controle mental. Acreditamos ser uma realidade a musicoterapia por meio das criações artísticas de Mozart. Todavia, para muitos se trata de mais uma controvérsia que surge na atribulada biografia do maior gênio musical da humanidade.

*23 de março de 2006*

## Paris, 1922

A revista Time, edição de 13 de março/2006, traz interessante matéria sobre o livro “A Night at the Magestic”, que se refere a jantar festivo realizado no luxuoso Hotel Majestic, em Paris, em maio de 1922. Aquela reunião social foi única, pois as cinco figuras que ilustram a capa do livro são James Joyce, Marcel Proust, Pablo Picasso, Igor Stravinsky e Serge Diaghilev, este último o fundador do Ballet Russo. A festa, com a participação de quarenta a cinquenta pessoas de destaque nas letras, nas artes e nos meios sociais da Europa, entre elas as cinco já nominadas, foi organizada por um rico patrocinador das atividades culturais, o inglês Sydney Schiff, que pensou em reunir alguns expoentes da intelectualidade da época, a fim de celebrar a primeira apresentação pública do ballet Le Renard, de Stravinsky.

Richard Davenport-Hines, jornalista residente em Londres, escritor com várias obras publicadas, é o autor de “A Night at the Majestic”. A edição americana, lançada nos últimos dias de maio passado, sob o título “Proust at the Majestic”, tem na capa a fotografia somente de Proust. Aproveitando as facilidades eletrônicas e os

descontos de lançamento, adquiri esse excelente livro, o qual se dedica, na maioria dos capítulos, a aspectos biográficos de Marcel Proust, especialmente dos dias que lhe antecederam a morte. No primeiro capítulo, entretanto, Davenport se detém nos comentários sobre a reunião festiva do Hotel Majestic, realizada na noite de 18 de maio de 1922.

Proust chegou ao encontro por volta das 2 horas e 30 minutos da manhã, contrariando a previsão de ausência, pois estava recluso e totalmente absorto na sua produção literária. “Sodoma e Gomorra”, o quarto volume de “Em busca do Tempo Perdido” acabara de ser publicado, o que lhe aumentava a fama e a admiração dos leitores em toda a Europa. A grande expectativa era o encontro entre Proust e Joyce, os dois escritores que, no dizer de Davenport-Hines, destruíram as certezas literárias do século XIX, da mesma forma que Einstein revolucionou a física. Joyce também vivenciava a glória pelo recente lançamento do “Ulysses”, publicado em Paris, em fevereiro de 1922. O diálogo entre os dois geniais escritores, conforme depoimentos constantes no livro, foi pouco cordial, com perguntas e respostas monossilábicas de parte a parte.

O crítico de arte Clive Bell, casado com uma irmã de Virginia Woolf e que estava naquela memorável reunião festiva, fez comparações entre Joyce, desajeitado, parecendo alcoolizado, mal-cuidado, e Proust, bem-vestido, embora fisicamente debilitado. O grande escritor

francês, em verdade, morreria seis meses depois, exatamente no dia 18 de novembro de 1922, na presença do irmão, Robert, e da governanta leal e amiga, Célest Albaret. Nos momentos finais, Proust foi visitado pelo Professor Joseph Babinski (1857-1932), médico que descreveu, pela primeira vez, o sinal de Babinski, que passou a ser rotina nos exames físicos neurológicos.

O livro faz registro histórico-literário importantíssimo, principalmente pelo inusitado encontro entre expoentes do Modernismo, no auge do movimento que revolucionou as diversas manifestações culturais em todo o mundo. Representa não somente mais um estudo da vida e da obra de Marcel Proust, mas também um deleite para seus numerosos fãs.

*29 de junho de 2006*

## Mestre, sábio e santo

**A** morte de Dom Nivaldo Monte transmite-nos a certeza da eternidade. Sua passagem terrena foi a preparação para a glória da sublimação espiritual. A ausência física causou consternação aos familiares, amigos e ao povo do apostolado do Senhor. Todavia, há o sentimento de que a morte levou-o à plenitude da existência. Sua aura de paz, felicidade e amor não se extinguiu, ao contrário, expandiu-se e alcançou a todos os que tiveram o privilégio de conhecê-lo. Padre Antonio Vieira, no “Prefácio aos Três Sonhos”, diz que “[...] o dormir é conseqüência do viver, e o sonhar do modo em que se vive. [...] o santo sonha como santo”. Pensamos que Dom Nivaldo está dormindo, dormindo eternamente, e sonhando sonhos de santo a impregnar a vida das pessoas atentas aos seus ensinamentos e sensíveis às suas mensagens, gestos, atitudes e exemplos, os quais se inspiraram no Evangelho de Cristo.

Sábio, santo e mestre é como o vemos. Sábio pela erudição, pelos conhecimentos adquiridos por meio de prolongados estudos, pela inteligência nata e expandida em leituras exaustivas e de aprimorada

escolha. Sábio pelo ecletismo do saber, desde a filosofia, a teologia e a doutrina cristã, até as ciências naturais, especialmente a botânica. Sábio pelo equilíbrio e bom senso, pela convivência amável e sorriso constante, pela solidariedade humana e disponibilidade em servir, enfim, por suas admiráveis qualidades que o tornam inesquecível e especialmente amado por seus conterrâneos.

Seria somente o bem-querer que nos leva a vê-lo um homem santo? Em outro artigo que escrevemos sobre Dom Nivaldo Monte, três meses antes de sua morte, encontra-se este trecho: “Sua figura faz-nos pensar na onipresença e na onisciência de Deus”. Quem não sentia, ao dele se aproximar, que estava diante de uma pessoa iluminada e capaz de dialogar com Deus? Sua fé em Cristo tinha uma força extraordinária, apta a guiar para o aperfeiçoamento pessoal além de inspirar a crença na lei divina e na imortalidade da alma. A vida dos santos é a imitação da vida de Cristo, na busca da perfeição humana. Dom Nivaldo Monte viveu como um homem santo, pois seguiu as pegadas de Jesus, filho de Deus, e a Ele dedicou seu mister. Ao lembrá-lo, vêm à mente as virtudes: solidariedade, tolerância, paz, perdão, fé, serenidade, compaixão, justiça, felicidade e amor pleno.

Dom Nivaldo Monte é mestre da vida, mestre da arte de pensar, de entender e amar o próximo, de encontrar alegria nas coisas simples, de ver as belezas da

natureza. Mestre em conciliar fé e razão. Não a fé cega, sem inteligência; nem a razão emancipada da fé. Mas a fé precedida do pensar e do refletir e que não tem medo da ciência. Suas convicções filosóficas e teológicas entoam com São Tomás de Aquino e São João da Cruz, à semelhança de João Paulo II, o Papa da encíclica “Fides et Ratio”. Mestre na Universidade e fora dela, na Igreja e na comunidade, nos sábios sermões e nos livros que escreveu; mestre de bondade e de fazer o bem, mestre pelos exemplos que deixou, mestre para seus contemporâneos e para as futuras gerações. Dom Nivaldo Monte: mestre, sábio e santo.

*23 de novembro de 2006*

Acervo da família



Dom Nivaldo Monte  
(1918-2006)

Em encontro com o  
Papa João Paulo II

## Onofre Lopes

O dia 13/07/2007 assinala o centenário de nascimento e o 23º ano do falecimento de Onofre Lopes. Por muitos anos, foi médico-cirurgião dos mais destacados em Natal. Aliava a competência profissional ao humanismo médico e sempre honrou o juramento hipocrático. No afã de mais e melhor exercer a medicina, tornou-se auxiliar e amigo do Dr. Januário Cicco, então diretor do Hospital Miguel Couto, hoje Hospital Universitário Onofre Lopes. Esse vínculo levou-o a fundar a Faculdade de Medicina de Natal, em 1955, marco definitivo para a criação da Universidade, a qual viria a ser sua maior e mais meritória obra. Iniciada como universidade estadual, em 1958, a instituição foi federalizada dois anos depois, pela ação pertinaz e competente do seu fundador. Hoje, reconhece-se: não há bem maior para o nosso Estado do que a existência da UFRN. Predestinado a ser pioneiro, Onofre Lopes consolidou a instituição universitária no Rio Grande do Norte, durante os doze anos de exercício do cargo de Reitor.

Ao deixar a Reitoria, deu seqüência ao maior programa de extensão da universidade brasileira, o CRUTAC,

por ele criado, expandindo essa experiência única a quase todo o Brasil. Das mãos do Reitor Onofre Lopes recebi o diploma de médico, em 1965, e, no ano seguinte, fui por ele convidado para trabalhar no CRUTAC, integrando a primeira equipe de saúde desse ousado programa. Por três vezes tive a oportunidade de homenageá-lo, uma em vida e duas “post-mortem”. Em 1980, quando exercia a função de Diretor do Centro de Ciências da Saúde, nas comemorações dos 25 anos da Faculdade de Medicina, entreguei-lhe, em sessão magna, o troféu “Bisturi de Prata”. Na condição de Reitor da UFRN (1987-1991), ocorreu-me a feliz ideia de instalar na Reitoria um grande painel, óleo sobre tela, obra do renomado artista plástico Dorian Gray, em honra a Onofre Lopes. Esse extraordinário e definitivo trabalho artístico, denominado “Universalidade”, ostenta a figura do fundador da UFRN em primeiro plano e está localizado no gabinete do Reitor. Em 1988, no ápice das comemorações dos trinta anos da Universidade, inaugurei o busto do primeiro Reitor da UFRN, no átrio da Reitoria. Confeccionado em bronze, o busto foi custeado por muitos professores da Instituição, principalmente os mais velhos, seus aliados na época áurea e árdua da primeira experiência universitária em nossa terra.

Identificava-se com as crenças e valores da sua terra e da sua gente, favorecido pelos laços genéticos com a raça negra. Na sua respeitosa presença, pressentia-se aura de sabedoria, de idealismo e de confiança. Fronte sempre erguida, caminhava com passos firmes

como se olhasse para o horizonte. Deve ter se envaidecido das funções que exerceu, mas, de forma eloquente, engrandeceu os cargos que ocupou. Não somente dignificou a bata branca de médico, mas também as vestes talares de professor, de reitor e de membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, da qual foi presidente por vários anos. Poucos nomes têm tanto valor para o Rio Grande do Norte quanto os de Câmara Cascudo e Onofre Lopes. São nomes-símbolos desta terra de Poti. Nomes-símbolos que se afirmam cada vez mais à medida que o tempo passa, porquanto cresce o significado dos seus legados, na cultura e na educação. Todavia, numa identificação mais específica, Cascudo é o nosso ídolo da cultura, enquanto Onofre Lopes é o nosso ídolo da educação.

*05 de julho de 2007*

Acervo da família



Onofre Lopes  
(1907-1984)

Reitor Onofre Lopes  
em vestes talares

## Miss James (1)

**A** professora norte-americana Leora James, mais conhecida por Miss James, viveu em Natal de 1917 a 1922, no exercício das funções de Diretora da Escola Doméstica. Sua atuação foi fundamental para a consolidação do projeto idealizado e implantado por Henrique Castriciano, o qual visava promover a emancipação feminina por meio da educação, no molde das Ecoles Ménagère da Europa, especialmente da Suíça. Entre as seis ex-Diretoras estrangeiras da Escola Doméstica, ela se destaca pelo legado de uma gestão pioneira e inovadora. Reorganizou o currículo, com ampliação para o ensino das Artes, de História, Álgebra, Direito Usual, entre outras disciplinas, aumentou o ciclo de estudos para seis anos e criou rotinas necessárias à dinâmica da Instituição, muitas das quais estão até hoje inalteradas. Por exemplo, a breve oração repetida diariamente no refeitório da Escola – antes das refeições – vem do tempo de Miss James. A diplomação da primeira turma concluinte da ED, em 25 de novembro de 1919, no então Theatro Carlos Gomes, ocorreu sob a direção da educadora norte-americana, quando o

paraninfo, Ministro Oliveira Lima, pronunciou memorável discurso em homenagem a Nísia Floresta.

Leora James, ainda muito jovem, veio para o Brasil na condição de missionária, por força da sua abnegação religiosa, indo morar no Recife. Antes, exercera as funções de diretora de uma escola na Virgínia – Estados Unidos. Sua transferência para Natal começou quando Henrique Castriciano convidou-a para conhecer a Escola Doméstica, após palestra sobre educação feminina proferida pelo ilustre norte-rio-grandense, na capital pernambucana. Veio, viu e gostou, pois logo retornou para assumir a direção do estabelecimento, que estava no terceiro ano de funcionamento, porquanto fora inaugurado em 1º de setembro de 1914. A vinda de Leora James para Natal se deve, portanto, a Henrique Castriciano, que, na época, às voltas com a implantação da Escola Doméstica, exercia o cargo de Vice-Governador do Estado e assumia a liderança literária da província, destacando-se pelas suas produções na prosa e na poesia.

A saída de Miss James de Natal, em 1922, se deve a outro grande intelectual e homem público notável, Antônio José de Melo e Souza (1867-1955), então Governador do Estado. Melo e Souza era homem austero, educado dentro de princípios rígidos do catolicismo. Solteirão, residia com duas irmãs solteiras, dessas que têm a Igreja como única razão de viver. O Governador soube de malévolos boatos de que a Diretora dedicava-se

a coaptar as alunas da ED para sua religião protestante. Inocente de tudo, Miss James dirigiu-se ao Palácio do Governo a fim de convidar o Governador para a solenidade de formatura da turma concluinte de 1922. Feito o convite, Melo e Souza secamente respondeu: “Senhora Professora, tenho o maior apreço pela Escola Doméstica e, especialmente, por seu fundador, Dr. Henrique Castriciano. Entretanto, sei que a senhora tem feito proselitismo junto às alunas, tentando atraí-las para a sua religião. Tem uma condição para a minha presença na solenidade: a ausência da Diretora”.

Essa passagem foi contada à Professora Noilde Ramalho pela própria Leora James, quando as duas se encontraram no Rio de Janeiro, muitos anos depois. Disse ter sido esse episódio a maior decepção da sua vida. Magoada e sentindo-se alvo de injustiça, Miss James entregou a direção da ED e deixou Natal, para nunca mais voltar.

***16 de agosto de 2007***

## Miss James (2)

**E**m artigo anterior, tentei mostrar a importância do trabalho de Miss James nas funções de diretora da Escola Doméstica. Henrique Castriciano teve a lucidez de entregar seu audacioso projeto de educação feminina a essa educadora norte-americana. Entristecida por desagradável episódio envolvendo o governador do Estado, Leora James deixou Natal no final de 1922. Cerca de 30 anos depois, a professora Noilde Ramalho, na Direção da Escola desde 1945, soube, por intermédio do Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, que a ex-diretora residia no Rio de Janeiro, no Hotel Serrador, centro da cidade. Em viagem ao Rio, Noilde Ramalho dirigiu-se ao Hotel e perguntou na recepção pela hóspede Leora James. Quando o funcionário informava da inexistência de tal nome entre os hóspedes, uma senhora se aproxima e inicia o diálogo:

- Por favor, a senhora está procurando por quem?
- Por Leora James; informaram-me que ela mora aqui.
- Sou eu, mas não moro mais aqui; venho semanalmente buscar a correspondência na Caixa Postal. Agora, estou residindo no Hotel Novo Mundo.

Depois desse emocional momento, Noilde Ramalho e Leora James voltaram a se encontrar por diversas vezes no Rio de Janeiro. Ao deixar Natal, a educadora norte-americana trabalhou em destacadas escolas na então capital do país. Nas conversas entre as duas educadoras, Miss James transmitia suas memórias do tempo vivido em Natal, principalmente sobre a desafiante experiência na direção da ED, na fase de implantação dessa pioneira iniciativa. Afora lamentável incidente com o governador Melo e Souza, católico fervoroso, o qual acreditou que ela fazia proselitismo da sua religião protestante junto às alunas, as reminiscências eram todas felizes e benfazejas. Uma hilariante passagem dessa época merece ser lembrada. Certo dia, a diretora Leora James recebe a visita de dona Inês Barreto, esposa de Juvino Barreto, moradores de casarão da Ribeira, onde, posteriormente, instalou-se o Colégio Salesiano São José. Uma lateral da área residencial da família Barreto ficava “vis-à-vis” com a fachada lateral do antigo prédio de dois pavimentos da Escola Doméstica. Dona Inês Barreto queixava-se e pedia providências contra a conduta de alguns insolentes rapazes que costumavam pular o muro da sua residência para subirem às árvores. Sem entender, Miss James disse que lamentava, mas esse problema não era da Escola. Dona Inês Barreto, então, explicou melhor ao dizer que os garotos subiam às árvores para olhar as professoras em seus aposentos no primeiro andar do prédio da Escola Doméstica.

Leora James casou com um patrício e foi morar nos Estados Unidos. Em julho de 1935, enviou longa carta escrita em inglês para Henrique Castriciano (arquivos da ED), na qual relata sua recente viuvez e o desejo de voltar a viver no Brasil. Residia em San Diego-Califórnia e sua assinatura passou para Mrs. Sheridan. Em 1939, antes de fixar residência no Brasil pela segunda vez, ela veio ao país a fim de receber grande homenagem prestada pela Associação Brasileira de Educação. A solenidade ocorreu na Federação das Academias de Letras do Brasil, no dia 1º de agosto, com a presença de Henrique Castriciano, Eloi de Souza e Adauto Câmara (orador).

Leora James, chamada por alguns familiares das alunas de “dona Miss James”, prestou relevante serviço a um dos mais relevantes projetos educacionais do nosso Estado e mesmo do Brasil.

*30 de agosto de 2007*

## D. Pedro II

**U**m rei português se viu ameaçado por um déspota francês e, para preservar o reinado, içou as velas dos seus navios em direção aos trópicos, para uma terra descoberta e colonizada por Portugal, havia cerca de 300 anos. Era a tábua de salvação encontrada por D. João VI, para escapar das ambições imperialistas de Napoleão Bonaparte, à frente das tropas mais temidas do mundo. Dessa forma, a família real portuguesa chegava ao Rio de Janeiro, em março de 1808.

Essa viagem mudaria por completo a história deste país tropical do Novo Mundo. Um príncipe, então com nove anos, era um dos passageiros dos navios e seria, pouco tempo depois, o personagem principal da Independência, quando passou a se chamar D. Pedro I, Imperador do Brasil. Antes, a corte portuguesa arranjara o casamento do príncipe Pedro com a arquiduquesa Leopoldina, filha de Francisco I da Áustria e sobrinha-neta de Maria Antonieta, rainha da França e mulher do rei Luís XVI, ambos guilhotinados no bojo da Revolução Francesa. A Casa de Bragança (Portugal) se unia à Casa dos Habsburgos (Áustria), por interesse político.

Desse tumultuado casamento, ocorrido em 1918, nasceram sete filhos. Em carta dirigida ao pai, datada de 17/12/1825, a Imperatriz Leopoldina fala do nascimento do filho mais novo: “Perdoe-me, querido papai, por não lhe ter escrito pelo último pacote mas estava muito doente e não pude cumprir o dever doce para meu coração. Graças a Deus estou muito feliz, embora tenha dado à luz, com muito esforço e não sem ajuda de parteiro competente, às três horas da manhã do dia 2 de dezembro, um menino muito grande e forte, que recebeu no sagrado batismo o nome de Pedro”. Chegava ao mundo, assim, o segundo Pedro, quem governaria o Brasil por 49 anos, três meses e vinte e nove dias, período administrativo mais longo e mais significativo da história do país.

Lançado há poucos meses pela Companhia das Letras, o livro “Pedro II”, do escritor José Murilo de Carvalho, faz o leitor comparar o passado de honradez do Segundo Reinado com o presente de desonra de parcela dos políticos brasileiros. A obra traça o perfil de um rei sem grandes alegrias, mas digno ao extremo, e de um reinado sem pompas, mas voltado somente para o bem comum; de um democrata de cetro e coroa a reger um governo de muita liberdade. Esse tema revela-se nos títulos de dois artigos de jornal: Carlos Heitor Cony publicou na Folha de S. Paulo “A democracia coroada” e Murilo Melo Filho escreveu “D. Pedro II: Imperador republicano”, publicado na Tribuna do Norte. Bastam

essas páginas da imprensa, escritas por dois dos mais expressivos nomes das letras do Brasil, para mostrar a importância e a dimensão que tem o livro do também Acadêmico José Murilo de Carvalho.

Logo no primeiro capítulo o autor ressalta a diferença entre o homem público quase perfeito, instruído para ser exemplar chefe de Estado, chamado D. Pedro II, imperador do Brasil; e o outro, Pedro D'Alcântara, homem simples, cidadão comum, erudito, amante das ciências e das letras que detestava as glórias do cargo e do poder. São 276 páginas com excelente texto histórico/biográfico que envolve o leitor pela evidência dos dramas pessoais e pelas subjacentes lições de ciência política. O livro é capaz de resgatar o orgulho nacional, ao trazer o passado digno e honrado de um homem público considerado pela crítica internacional como “governante modelo do mundo”.

***08 de novembro de 2007***

## Jessé Dantas Cavalcanti

**C**omeço da noite de seis de fevereiro de 2008, Quarta-Feira de Cinzas. Atendo o telefone, e Ana Célia me diz: “Pai morreu”. Primeiro, o choque da notícia, a verdade inelutável, o sentimento de nada poder fazer. Logo depois, a frustração de não ter tido mais uma boa conversa com Jessé, antes da sua partida para outras dimensões, nós que guardávamos recíproca, sincera e grande amizade. Permaneci por bastante tempo no mesmo lugar, quase imóvel, a pensar no amigo há pouco colhido pela morte. Refiro-me a amigo de verdade, o melhor que alguém pode ter. Sua figura que sempre trazia aura benfazeja, seus gestos próprios de pessoa muito cordial, seu semblante alegre de quem está pronto para transmitir algo de bom ficaram a passar na minha mente, como se fossem uma forma impossível de querer trazê-lo de volta à vida. Lembrei-me, então, da família que estava sentindo a grande dor da separação, pois sabia o quanto de amor Jessé distribuiu com todos, tendo-os unidos pelo afeto, pelo bem-querer e pela profunda fé em Deus. Jessé Dantas Cavalcanti morreu aos 87 anos, deixando um legado de

honradez, de exemplos nobilitantes e de ética de vida. Cirurgião-dentista, exerceu a profissão de forma competente e digna. Por muitos anos, era distinguido em Natal pelo labor da profissão. Professor da Faculdade de Odontologia da UFRN, alinhou-se a grandes nomes docentes que marcaram com alto prestígio aquela unidade de ensino e pesquisa, a qual passou a figurar entre as melhores do país. Foi fundador e membro da Academia de Odontologia do Rio Grande do Norte. Recebeu diversas condecorações e homenagens da UFRN, e dos órgãos representativos da Odontologia do Estado e do Brasil. Com ampla cultura humanística, escrevia muito bem, fruto da sua inteligência múltipla e dos estudos, além das constantes e seletas leituras.

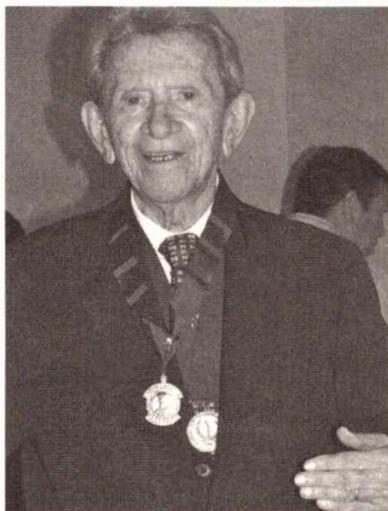
De 1979 a 1983, Jessé exerceu as funções de Vice-Diretor do Centro de Ciências da Saúde da UFRN. Nessa época, trabalhando lado a lado, conheci mais de perto suas grandes qualidades humanas, as quais se fizeram presentes na administração do Centro. Sempre repeti, a bem da verdade, que o êxito da gestão deveu-se mais a ele do que ao Diretor, porquanto prevaleciam suas corretas e sensatas orientações. Tive a oportunidade, então, de muito aprender com o amigo Jessé. Sua sábia visão da vida e do mundo, seu magnânimo olhar sobre o ser humano, seu Cristianismo convicto e fecundo, seu afã por justiça social devem ter influenciado meus passos dali por diante. Quando assumi as funções de Reitor da UFRN, em 1987, ele

assumiu a Chefia de Gabinete da Reitoria, deixando o cargo após dois anos, para se dedicar à família, conforme suas palavras. Mais uma vez, prestou serviços de alto nível de competência à Universidade.

Para Crináuria, esposa e amiga, para os filhos Ana Célia, João Helder, Carito e Mário Ivo, para os netos, o abraço mais afetivo. Jessé partiu no dia das celebrações dos 400 anos de nascimento do Padre Antonio Vieira, que ensinou a todos por meio dos sábios Sermões, entre eles o belo Sermão de Quarta-Feira de Cinza. Chego a pensar que Jessé, ao morrer no primeiro dia da Quaresma, deixou uma lição, como se fora uma mensagem assim: Aqui na terra, o que importa mesmo são os valores morais e espirituais; a jornada efêmera neste mundo deve se apoiar nas virtudes e na certeza do renascer para a outra vida, eterna, plena e feliz.

*14 de fevereiro de 2008*

Acervo da família



Jessé Dantas Cavalcanti  
(1921-2008)

Em setembro de 2006, Fortaleza-CE, quando recebeu duas medalhas da Academia Cearense de Odontologia.

## Brilhante, probo e bom

**V**ejo-o ainda rapaz-menino, por trás do balcão da loja de tecidos de seu Batista, em Santo Antônio do Salto da Onça. Eu tinha ido ajudar na pequena loja de meu pai, que abria somente aos sábados, dia de feira naquela cidade vizinha de Nova Cruz. Já era final de feira, mas ele continuava bem ativo, a arrumar os tecidos e atento a tudo, inclusive ao amigo que ali chegava. Guardo essa lembrança e sei o quanto foi importante para o Ministro José Augusto Delgado aquele aprendizado de vida, o contato com as pessoas simples, o valor do trabalho sério e honesto, a luta por um ideal a ser seguido dia a dia e a ser conquistado com obstinação. Seus pais eram amigos dos meus pais, tinham a mesma profissão e sonhavam sonhos semelhantes para a família. Educaram os filhos dentro dos princípios cristãos, mostrando o valor do trabalho e da busca por novos saberes. Estudar era a premissa básica, mas todos deviam ajudar na loja, pois ela dava o sustento e garantia a chance de procurar novos caminhos.

Quando penso nos preclaros êxitos de Delgado, recordo da sua bondosa mãe, dona Neuza, muito calma e

sensata, a ajudar no labor da família. Lembro do seu pai, o velho Batista, expansivo, brincalhão, amigo dos amigos, cheio de energia, a falar com todos de forma muito cordial. Comerciante em Santo Antônio e em Natal, sua imagem ficou marcada pelo sorriso aberto e pela alegria constante. O casal formou uma família que cresceu sob a égide do trabalho, da fé e do olhar no futuro. E Zezé Delgado? Mulher extraordinária, autêntica e sincera, nunca usou os cargos ocupados pelo marido para se exhibir ou para se aviltar no orgulho fútil. Mantém-se a mesma, sem ostentações nem melindres. É uma pessoa rara; inteligente, poeta, culta, seu valor é intrínseco. É a car metade de Delgado, e vice-versa, os dois se completam e se amam.

Um dos norte-rio-grandenses que mais se destacaram no Brasil, José Augusto Delgado tem sua vida traçada em uma direção, por meio do rigor e da pertinácia nos estudos, em especial no campo da cultura jurídica, bem assim da honradez e da ética plenas. Sóbrio, nunca perdeu o jeitão simples nem jamais abjurou suas raízes humildes, apesar dos altos cargos e funções que exerceu e exerce. Ser um dos maiores juristas do país não mudou seu perfil de homem solidário, afável e ligado à sua terra e à sua gente. Impressionou-me o número de pessoas de todo o país presentes a sua posse na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Poucos sabem fazer e manter amizades o quanto ele sabe.

Somos amigos desde crianças. Moramos, quando jovens, em uma casa que recebia estudantes do interior, a pensão de dona Lica. Era, então, chamado por todos de “títio”, pelo seu dom de acalmar os ânimos e de ajudar na hora certa. Gostava de paquerar e sabia se divertir, mas, ao receber convite para ir a alguns tipos de farras, vinha logo sua resposta: “Tudo, menos isso”. Não obstante ter sido aluno do clássico – área de humanas –, ensinava matemática aos colegas, o que fazia crescer um pouco sua mesada. Foi e será sempre o mesmo: brilhante, probo e bom. Há um lastro de coerência a unir todas as fases da sua vida. Agora, ao se aproximar o momento de deixar o Superior Tribunal de Justiça, pela idade, vejo-o igual àquele garoto da loja de tecidos do seu pai, no final da feira de Santo Antônio, atento e ativo, graças a Deus, pronto para novas tarefas, pois ainda tem muito a fazer pelo Direito e pela Justiça do Brasil.

***17 de abril de 2008***

## Sabina\*

J á se ouviam as vozes da liberdade, mas ali estava a senzala, com os escravos ainda presos aos grilhões infames. Os donos não chegavam a ser cruéis, porém as faltas tidas como mais graves eram punidas com açoites. A casa-grande ficava na parte mais alta da fazenda. Do terraço da frente, viam-se as lonjuras da região, as plantações, a mancha verde de mata e o rio perene. O patriarca era homem austero e cordial, sempre ladeado pela senhora dona, bem mais jovem, afável e temente a Deus. O casal tinha um filho rapaz e uma sinhá moça, dois anos mais nova que o irmão. As crianças negras recém-nascidas iam para o batismo, na capela da fazenda, durante as visitas periódicas de um padre amigo. Havia os escravos do eito, voltados para o trabalho agrícola, e os escravos do labor doméstico, os quais gozavam de certas regalias. Uma dessas negras de dentro de casa morreu de parto na primeira gravidez, sem nunca ter revelado quem era o pai da criança. Pensava-se ser um branco, comprador de café, que vinha com freqüência à fazenda para exercer o seu ofício... A menina nasceu sadia e, na pia batismal, recebeu o nome de Sabina. A

criancinha órfã cresceu e viveu na casa-grande, sempre querida por todos, tornando-se amiga confidente da sinhá moça, pois tinham quase a mesma idade. “Era cria de casa. A sinhá moça/ Que com ela brincou sendo menina/ Sobre todas amava esta Sabina/ Com esse ingênuo e puro amor da roça”.

Sabina, aos dezoito anos, mostrava-se uma bela mulher, corpo esbelto, riso fácil e andar provocante. Era feliz, amável e sensual. Enfrentou muitos convites para os prazeres da cama, mas a todos resistiu, inclusive os feitos sob pressão pelo capataz da fazenda. Sabina, no entanto, sentia o calor da atração por Otávio, logo por quem, o bonito senhor moço. Ele estava nos devaneios da mucama, na sua mente e nos seus ardentes desejos. Ela sofria por isso e procurava dissipar de todo jeito essa loucura. Otávio cursava a Faculdade de Direito, mas vinha para a fazenda durante as férias. Rapaz formoso e rico, havia uma plêiade de moças que por ele suspiravam. “Vinte anos tinha Otávio, e/ A beleza de um ar de corte,/ E o gesto nobre, e sedutor o aspecto/(...) Nas suspiradas férias/ Volvia ao lar paterno; ali no dorso/ De brioso corcel corria os campos”.

Em dia de sol forte e de muito calor, Sabina foi se banhar no rio, em busca de refúgio na limpidez das águas e na solidão das matas. Antes de mergulhar, despiu-se por completo e seu corpo escultural mostrou-se à natureza. Em sua companhia, somente os alegres pássaros do lugar. Na mesma manhã de estio, Otávio, “Chapéu de palha e

arma ao ombro, lá foi terreiro fora, passarinhar no mato”. Ao chegar perto do rio, no meio de folhagem densa, ele viu Sabina, como nunca tinha visto antes. Aproximou-se e, a transbordar de desejos, envolveu a mucama com juras e afagos. E Sabina se entregou, no “Prazer, prazer misterioso e vivo/ De cativa que amou silenciosa”.

O moço retornou à Academia e Sabina chorou de saudade, mas também sorriu, “Num pálido sorriso de mãe”. Ela sofreu os apupos dos terreiros, mas a todos perdoou. Em vão, esperou outra vinda do homem com quem fez chegar ao seu ventre a magia da vida. Otávio voltou, mas para casar com linda jovem de quinze anos. O casório se fez com grande festa na fazenda. Rápida, Sabina fugiu dos ruídos daquela noite, e decidiu se afogar no rio. “Morrerá comigo/ O fruto do meu seio; a luz da terra/ Seus olhos não verão; nem ar da vida/ Há de aspirar”.

Porém, o amor materno, a maior força do mundo, se sobrepôs a todas as tristezas. “Ia cair nas águas;/ Quando súbito horror lhe toma o corpo;/ Gelado o sangue e trêmula recua;/ Vacila e tomba sobre a relva. A morte/ Em vão a chama e lhe fascina a vista;/ Vence o instinto de mãe”.

\* Excerto do poema “Sabina”, de Machado de Assis.

**24 de abril de 2008**

## Honras a Paulo Bonavides

**A**o mesmo tempo em que avulta seu inextinguível amor cívico pelo Brasil, Paulo Bonavides é um cidadão do mundo. Essa simbólica condição advém das suas idéias e palavras em defesa dos Direitos Fundamentais do homem, capazes de vencer limites e de se espalhar pelos diversos quadrantes da terra. Veja-se o que ele disse em recente entrevista: “O Direito Constitucional contemporâneo oferece um quadro teórico para nós realizarmos a Democracia como fundamento da sociedade humana. Esta Democracia que é o coroamento, como direito da quarta geração, de um processo de universalidade da justiça na emergência do Estado Social. Porém, é preciso que o gênero humano coloque esses avanços teóricos na prática e desperte para um futuro melhor”.

Paulo Bonavides, pelos notórios serviços prestados ao Direito, à Justiça e à Democracia, através de obras universais e perenes, as quais colidem com o arbítrio e pugnam pela paz, merece e recebe as honras de homens e mulheres do seu país, além de pessoas das diversas regiões do planeta. Daí se poder dizer, com orgulho: é um guerreiro nordestino – nasceu na Paraíba, vive no Ceará

e tem laços afetivos com o Rio Grande do Norte –, é um brasileiro altivo, é um cidadão do mundo!

Paulo Bonavides é visto com o maior respeito por toda a comunidade jurídica do país. É o mais reconhecido entre os mais reconhecidos constitucionalistas brasileiros. Sua biografia é um belo quadro de glórias, emoldurado pela coragem no combate aos regimes totalitários e na defesa da paz como direito dos povos. Começou em Fortaleza, mas concluiu sua graduação na Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro. Ainda como estudante, passou um ano na Universidade Harvard, nos Estados Unidos. Dessa experiência, resultou o livro *Universidades da América*, que recebeu o prêmio Carlos de Laet, da Academia Brasileira de Letras. Iniciava, assim, sua longa e vitoriosa jornada de escritor.

O jornalismo foi sua primeira prática de trabalho, até que ingressou na Universidade Federal do Ceará, em 1958, com a tese “Do Estado Liberal ao Estado Social”, para Professor Catedrático de Teoria Geral do Estado. Essa tese se transformou em livro, que é um marco do Direito Constitucional brasileiro. Ainda hoje é considerada obra atual, pois aponta na direção de uma vida digna para todos os seres humanos, com liberdade, democracia e garantia dos Direitos Fundamentais dos indivíduos em uma sociedade. Além da vasta e preciosa bibliografia, Paulo Bonavides colabora com jornais e revistas do Brasil e do exterior, atende convites para conferências no país, na Europa, nos Estados Unidos e na

América Latina. Já recebeu os mais destacados prêmios jurídicos/culturais e participa de diversas instituições de Direito espalhadas pelo mundo, inclusive na função de professor visitante. Pertence à Academia de Letras do Ceará, é Professor Emérito da UFC e Doutor “Honoris Causa” da Universidade de Lisboa.

Insigne jurista e escritor, pensador, poliglota, professor, cientista social, filósofo, Paulo Bonavides já foi homenageado pela FARN com o título de Professor “Honoris Causa”. Na verdade, a Instituição se autodignificou, ao outorgar-lhe esse título. Aqui em Natal, onde tem muitos amigos – dois são especiais, Noilde Ramalho e Paulo Lopo Saraiva –, ele recebe esta semana outra justa homenagem da FARN, com a realização do I Congresso Brasileiro de Direito e Processo Constitucional. Durante o Congresso, a assembléia, em uníssono, prestará honras ao Doutor Paulo Bonavides, aclamando-o de “Guardião maior da Constituição e da Democracia brasileiras”.

**28 de agosto de 2008**



Acervo do UNI-RN

Paulo Bonavides  
(1925-2020)

Paulo Bonavides está ao lado da Professora Noilde Ramalho, do Dr. Manoel de M. Brito, do Reitor Daladier C. Lima e do Des. Aécio Marinho, na solenidade em que recebeu o título de Professor “Honoris Causa” do UNI-RN/FARN

## A basílica do Sacré-Coeur\*

**E**m crônica que escrevi sobre cenas vividas em recente viagem à Europa, reporteimei-me a uma linda mulher de Andorra, na direção de um carro conversível vermelho. Hoje, divido com os poucos leitores novas impressões de visitas a outras terras. Quando digo poucos leitores, não é por otimismo, pois sei que os tenho, haja vista alguns comentários que me chegam, como foi o caso da mulher em trajes leves e ousados, bronzeada pelo sol do verão nos altos dos Pirineus. Agora, puxo pelas lembranças vindas de um lugar sagrado que visitei. A basílica do Sagrado Coração, a Sacré-Coeur de Paris, no topo da colina de Montmartre, é um dos mais belos monumentos católicos em todo o mundo. Por duas vezes pude receber as graças no interior do templo. A quietude, o silêncio total e a beleza da arte sacra elevam à reflexão sobre a grandeza do mistério de Deus.

Naquela hora, meus olhos não somente viram mas também choraram. Disse Padre Vieira, no Sermão das Lágrimas de São Pedro, na Catedral de Lisboa, em 1669: “Cantou o galo, olhou Cristo, chorou Pedro. Que

pregador haverá em tal dia, que não fale em confiança de converter? Que ouvinte haverá em tal hora, que não ouça com esperança de chorar?” E mais adiante: “Todos os sentidos do homem têm um só ofício; só os olhos têm dois. O ouvido ouve, o gosto gosta, o olfato cheira, o tato apalpa, só os olhos têm dois ofícios: ver e chorar”. O escritor Rubem Alves assim expressa sua visão da presença divina: “Tudo o que vive é pulsação do sagrado. As aves dos céus, os lírios dos campos [...] Até o mais insignificante grilo, no seu cricri rítmico, é uma música do Grande Mistério. E acrescenta: “Se Deus mora numa casa, estará Ele ausente do resto do mundo?”. Não há como discordar desse pensamento. Contudo, existem lugares e momentos em que o Criador, como um enigma, parece se revelar. A Sacré-Coeur de Paris tem a primazia de levar à contrição, de trazer a paz e de ressaltar esse enigma de fé.

No pórtico da entrada, as grandes estátuas equestres de Santa Joana d’Arc e de São Luís impressionam, além da estátua de Jesus, em gesto como se estivesse a abençoar Paris à margem do Sena. No interior da basílica, a atenção se volta para o famoso mosaico de quase 500m<sup>2</sup>, com a imagem central do Cristo vestido de branco, tendo um brilhante coração em primeiro plano. Aos lados, em adoração, a Virgem Santíssima, São Miguel, Santa Joana d’Arc, a França personificada, em gesto de oferta da sua coroa, e, mais ainda, um Papa de joelhos que oferece o globo

terrestre. Ao pé do mosaico, em latim, está escrito: “Ao Santo Coração de Jesus, a França penitente e reconhecida”. A Sacré-Coeur foi erguida a partir da fé e da coragem dos franceses, frente aos reveses da guerra franco-prussiana de 1870. A basílica enfrentou muitos percalços, inclusive sofreu bombardeios durante a Segunda Guerra Mundial. É um lugar cívico-religioso importante da França e um templo de referência e de reverência para os católicos do mundo.

Pretendo voltar à bela igreja do Sagrado Coração de Paris. No entanto, será melhor evitar outro educado e merecido carão, igual ao que me foi passado por um zelador da basílica quando sussurrei com meu pequeno grupo de viagem sobre detalhes do ostensório. Aliás, o ostensório é de uma beleza sem par, com dois anjos de prata a sustentá-lo, tendo no centro da custódia a hóstia consagrada. Sinto essas emoções atuais como algo nascido há tantos anos, nas missas dos domingos, nas aulas de catecismo e nas novenas do mês de maio, vividas na singela Igreja Matriz de Nova Cruz. Essa igreja, todavia, continua a ser vista por mim como a mais bonita do mundo, da mesma forma como viam os olhos do menino da imbatível Cruzada Eucarística.

\* Crônica publicada em 25/09/2008, sob o título Cenas de Viagem (2)

***25 de setembro de 2008***

## Desculpas ao cientista

**E**m 1985, fiquei por vinte dias na Filadélfia – USA – em visita de estudos na Universidade da Pensilvânia. Cumpria a fase prática de um curso de especialização em Administração Universitária, promovido pelo Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, em parceria com a OUI e com a Universidade de Quebec. Essa fase do curso teve o objetivo de oferecer uma visão geral “in loco” da gestão acadêmica norte-americana. O grupo – éramos dois brasileiros, um paraguaio e um equatoriano – teve audiências com os diretores da Instituição, inclusive com o Reitor, no caso, chamado de Presidente. Como outra tarefa do grupo, constava a visita ao Campus de uma das melhores universidades dos Estados Unidos. O curso terminou durante um congresso da OUI – Organização Universitária Interamericana – realizado em Miami, logo após o estágio na Filadélfia. Os concluintes, cerca de trinta professores, entre brasileiros e outros latino-americanos, escolheram-me para ser o orador durante a entrega dos certificados, em solene sessão que reuniu reitores e ilustres figuras do mundo acadêmico das

Américas. Quando exerci o cargo de Reitor da UFRN –1987-1991–, incentivei as atividades da Administração Universitária, inclusive com a realização, aqui em Natal, de seminários internacionais e de cursos de especialização para docentes e servidores, o que resultou, sem dúvidas, em avanços na gestão da própria UFRN.

Na visita ao campus da Universidade da Pensilvânia, não há como esquecer o museu do primeiro computador digital eletrônico do mundo, montado em 1946, e que operou cerca de oito anos. Em um grande salão, viam-se máquinas enormes e estranhas, que ocupavam boa parcela do espaço físico. A Penn University mostrava orgulho de ter sido a sede onde nascera aquela gigantesca máquina, símbolo da materialização dos avanços na fase primeira da era computacional. Ali, portanto, estavam partes do histórico ENIAC – Electrical Numerical Integrator and Computer – que pesava 30 toneladas, com 25 metros de comprimento, construído à base de válvulas, relés e condensadores. Usava números decimais, e não códigos binários; gastava muita energia e não tinha sistema operacional, pois tudo era feito manualmente. À época da visita, cerca de 24 anos atrás, o ENIAC era tido, de fato, como o primeiro computador do mundo. Hoje, discute-se esse primado com outras experiências pioneiras. Uma delas é a máquina Colossus, criada na Inglaterra no começo da década de 40, que contou com a participação do cientista Alan Turing, considerado o pai da ciência da

computação. Por revelar conduta homossexual, Turing recebeu dos tribunais britânicos o castigo de castração química com hormônios. Esse crime oficial, bárbaro e cruel, levou o cientista à depressão e ao suicídio, em 1954, aos 41 anos de idade.

Lembrei-me dos famosos e pioneiros ENIAC e Colossus quando li, há poucos dias, uma notícia de que cresce na Inglaterra uma campanha em prol de pedido de desculpas à memória de Alan Turing, a ser feito pelo governo inglês. A campanha, que conta com o apoio dos escritores Ian McEwan e Richard Dawkins, ressalta o trabalho de Turing para livrar o mundo da tirania nazista, pois o cientista decifrou os códigos da máquina Enigma, usada pelos alemães para orientar suas tropas durante a Segunda Guerra Mundial. Com isso, o poder de Hitler começou a decair, até a derrota final. Essa campanha, vista por alguns como inócua, tem o mérito de ser um apelo à reflexão sobre injustiças muitas vezes cometidas em nome de uma moral que não se sustenta. Expiar os erros, mesmo sem redimir o passado, é uma boa prática de “mea-culpa” e serve para alertar sobre as dores que não se devem apagar da memória humana.

***10 de setembro de 2009***

## Araken Irerê Pinto

**F**aleceu aos 77 anos e deixou a lembrança plural de virtudes que fazem pensar de como podiam se reunir tantas em um único ser humano. Essas diversas virtudes estavam no dia a dia do cidadão, brilhavam nas lides do professor e do médico, extrapolavam no amor do pai de família e realçavam nos gestos do amigo Araken Irerê Pinto. Por onde passou, ficou um legado de honradez, de bondade e de talento, seja nas funções públicas ou na vida privada. Seu perfil de homem cordial, sensato e correto era imutável, estivesse diante de alguém rico ou pobre, de pessoa do topo ou da base da escala social. Engrandeceu a medicina do Rio Grande do Norte, e a história há de preservar-lhe a memória como um dos exemplos mais marcantes da profissão em nossa terra. Às suas clientes – era toco-ginecologista – transmitia segurança e tranquilidade, pela grande atenção que lhes dispensava, bem como por ser possuidor de amplo saber técnico-científico por todos reconhecido.

Fui seu aluno na Maternidade-Escola Januário Cicco, há cerca de 45 anos, na disciplina de Toco-Ginecologia e durante o estágio do final do curso médico. Guardo,

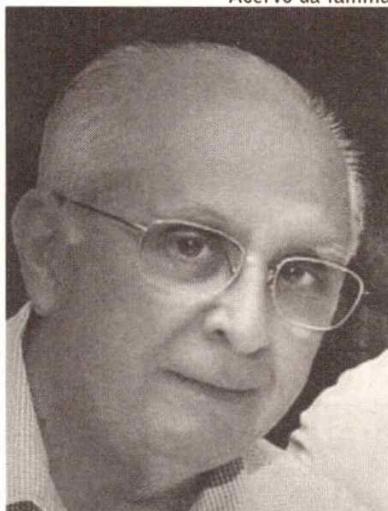
desde aquele tempo, a imagem de Araken na função de ensino, sempre a transmitir o melhor da especialidade, o avanço da ciência na área e a prática profissional tão válida para os alunos em formação. À época, o Professor Leide Morais se reunia, todas as semanas, com os docentes e estudantes para análise dos casos críticos presentes nos relatórios dos plantões. Leide, sentado ao centro, era uma espécie de juiz austero. De um lado o Professor Araken e, do outro, o Professor Lavoisier Maia; o primeiro, mais para advogado de defesa e, o segundo, mais para promotor, embora os papéis pudessem se inverter, em algum momento. Na verdade, não se tratava de acusar nem de defender, mas de discutir como melhorar os serviços, em prol das crianças que nasciam e das mulheres que pariam. Ali, como sempre foi na vida, estavam o espírito conciliador, o homem ético, estudioso e propenso à paz, atributos inerentes à personalidade de Araken Irerê Pinto.

Formou-se em Medicina no Recife, em 1955, e fez residência médica em São Paulo por dois anos. Ao voltar para Natal, ingressou no quadro de saúde da Polícia Militar, de onde saiu para ser professor da recém-criada Faculdade de Medicina. Aliou-se a Leide Morais, ao lado de outros colegas, para a criação de uma das melhores escolas do país em Toco-Ginecologia. Publicou vários trabalhos científicos e foi conferencista em congressos regionais e nacionais. Por várias vezes viajou ao exterior a fim de se atualizar nos avanços da medicina. Era o líder natural da Toco-Ginecologia no Estado, tendo ocupado diversos cargos nos órgãos

de classe. Foi um dos fundadores da Academia de Medicina do RN e do Hospital Promater, além de pioneiro do planejamento familiar, à frente da Benfam. Detentor de boa cultura geral, mantinha a prática da leitura, hábito que aprendeu com seu pai, o escritor Lauro Pinto. Em 2007, resolveu se aposentar da Medicina, sob protestos das suas clientes, as quais lhe prestaram emocional homenagem.

Araken será sempre lembrado por todos os que o conheceram. Para estes, fica a saudade da notável figura humana; para a família, a lacuna eterna; das clientes, a gratidão e as orações contritas. A morte não pode significar o nada. A pessoa se perpetua pelos seus descendentes, por suas obras, pelo bem que praticou, pelo amor que dedicou ao próximo, pela grandeza humana que preencheu sua vida. Assim, vida-morte-vida se completam e se perenizam na dimensão maior. Agora, ele chegou a essa dimensão maior e, durante a cruel doença, sobretudo, na hora da passagem, esteve sereno e tranquilo, junto à querida família e sob a luz que vem de Deus.

Acervo da família



***15 de novembro de 2009***

Araken Irerê Pinto  
(1932-2009)

# Memória do Mons. Pedro Moura

**P**edro Rebouças de Moura escreveu suas memórias, as quais envolvem o longo período de pároco em Nova Cruz – RN, bem como os íntimos conflitos vividos na fase de retorno ao estado laico. Ivonete da Silva, viúva de Pedro Moura, entregou esse acervo ao Dr. João Agripino da Silva, que, em boa hora, resolveu publicá-lo, com alguns adicionais. O organizador da obra, paraibano de nascença e nova-cruzense de coração, presta mais outro bom serviço à terra que adotou como sua, com este trabalho memorialístico, de valor não somente para a cidade-polo do agreste potiguar, mas também para a história da Igreja Católica do Rio Grande do Norte. Ele percebeu a falta de merecidas honras ao Monsenhor Pedro Rebouças de Moura, vigário de Nova Cruz de 1939 a 1968, o maior benfeitor dessa cidade em todos os tempos.

Meus pais, Diógenes e Eunice, foram grandes amigos do Padre Pedro Moura, depois elevado ao título de Monsenhor. Os dois sempre estavam presentes nas ações da paróquia: minha mãe mais voltada para as lides pastorais, enquanto meu pai dava total apoio às demandas

sociais. As missas dos domingos, rezadas em Latim, eram motivos para o encontro dos paroquianos na Matriz, às nove horas da manhã. Se o virtuoso pároco foi um pregador um tanto prolixo, era prático, objetivo, rápido mesmo, na difusão e na concretização de obras sociais. Pelos vínculos de afeto com o Padre Pedro e com a vida da Igreja Católica em Nova Cruz, toda a minha família manteve fortes convicções da fé cristã, as quais perduram ao longo do tempo. Fui coroinha e quase fui levado ao mundo eclesial, mas, logo cedo, percebi que essa não era a minha vocação.

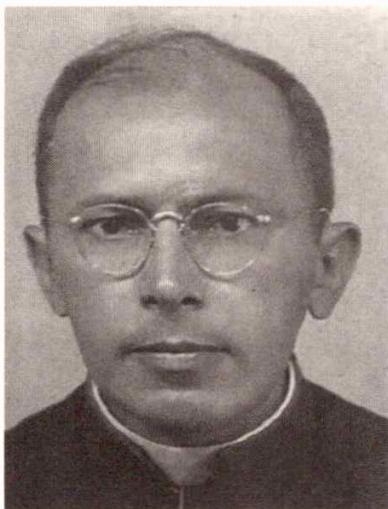
Concluí o curso médico em 1965, e, no ano seguinte, recebi convite do Monsenhor Moura para visitar o Hospital Imaculada Conceição, que ele construía em Nova Cruz. Na visita, ficou acertado o início de um ambulatório de clínica-geral, na parte térrea do prédio, já pronta e em condições para tal prática. Como não havia equipamentos para o consultório médico, meu pai fez doação ao Hospital de todo o material necessário. Portanto, durante vários meses, nos fins de semana, trabalhei naquela unidade, o que me deu o honroso ensejo de ser o primeiro médico do agora denominado, com toda justiça, Hospital Regional Monsenhor Pedro Moura.

São por demais valiosas e instigantes as memórias de Pedro Rebouças de Moura, digno sacerdote do clero norte-rio-grandense, que tantos e tão úteis serviços prestou à região agreste do Estado, no plano evangelizador e no âmbito da promoção humana. O presente autorretrato mostra o perfil humilde do autor, porquanto quase

somente enumera a criação de benfeitorias de alta significância para a comunidade, tais como colégios, hospital, institutos de proteção à infância e à velhice, sindicato rural, creches, cinemas, cooperativas, irmandades, igrejas, além de muitas outras obras de cunho espiritual e de interesse social. Ressalte-se que o relato do prelado, com ênfase, volta o foco para o dilema do celibato sacerdotal. Antes de receber a secularização, Padre Pedro Moura escreveu: “Assim, se dou graças a Deus porque até hoje jamais mantive intimidades ou relações sexuais com moças e mulheres, confesso, todavia, a minha facilidade quanto às afeições ao amor humano, e a grande luta para evitar problemas nesse sentido.”

Esta obra contém testemunho veraz de um padre que amou o sacerdócio mas também sonhou com uma mulher, pois queria se completar nessa destinação óbvia dos filhos do Criador; e que viu o casamento como “um direito natural, divino, dom de Deus a toda criatura”.

*20 de maio de 2010*



Monsenhor Pedro Moura  
(1913-1988)

## Honras ao Cardeal Eugênio Sales

**F**eliz a terra cujos filhos a engrandecem e a dignificam ao longo do tempo. Felizes a cidade, o estado e o país, que podem dispor de pessoas ilustres, bondosas, altruístas, transformadoras dos seus tempos, arautos das boas novas, disseminadoras do bem. Felizes as gerações que podem conhecer em vida seus líderes ou seus heróis, para deles receber, de forma mais explícita, os exemplos benfazejos. Felizes os segmentos da sociedade, no plano político, religioso, cultural ou outro qualquer, que podem contar com guias autênticos, inspiradores de confiança, artesãos da solidariedade. Felizes a cidade de Acari, o Rio Grande do Norte e o Brasil, por poderem aplaudir, venerar e proclamar todas as honras ao Cardeal Eugenio de Araújo Sales, na passagem do seu nonagésimo aniversário. Os norte-rio-grandenses, católicos ou não, têm orgulho desse nome. Livre de pecado, esse orgulho é um louvor às virtudes, é expressão espontânea e comunitária, é respeito, consideração e apreço por alguém detentor de tanta grandeza humana.

Eugênio de Araújo Sales nasceu em 8 de novembro de 1920, na fazenda Catuana, município de Acari-RN. A Igreja Católica foi fonte de fé cristã para a família, tanto é que, além de Dom Eugenio, um outro filho do casal Celso Dantas Sales e Josefa de Araújo Sales, também tornou-se sacerdote, o Arcebispo Emérito de Natal Dom Heitor de Araújo Sales. Três cidades foram portos seguros das ações eclesiais de Dom Eugênio: Natal, Salvador e Rio de Janeiro. Ordenou-se padre em 1943 e, em 1954, recebeu a sagração de bispo. De Natal foi para Salvador, na condição de Arcebispo e Primaz do Brasil, por decisão do papa Paulo VI. Em 1969, ascendeu a Cardeal, quando foi nomeado Arcebispo do Rio de Janeiro, função que exerceu por mais de vinte anos, até a renúncia compulsória. No entanto, permanece naquela cidade, como Arcebispo Emérito, a prestar valiosos serviços ao catolicismo do Brasil e do mundo, no dia a dia e nos diversos cargos do Vaticano, nas congregações, nos conselhos e em várias comissões.

Amigo pessoal de João Paulo II, o Cardeal Eugênio Sales recebeu o papa por três vezes no Brasil. Em 1991, Natal teve o privilégio de ser o ponto de início da peregrinação papal pelo país. Aqui, João Paulo II celebrou a missa de encerramento do XII Congresso Eucarístico Nacional. A vinda do Santo Padre a Natal contou com o trabalho diligente da Cúria Metropolitana, mas deve-se reconhecer que o prestígio do Cardeal Eugênio de Araújo Sales foi decisivo para que se efetivasse esse fato histórico

para o Rio Grande do Norte. Não há como dissertar neste espaço sobre a notável jornada social e evangélica de Dom Eugênio Sales, por onde passou e ao longo de uma vida tão repleta de ações de promoção e valorização do ser humano, tanto no âmbito dos direitos fundamentais quanto na dimensão espiritual. Apenas para lembrar seu primevo trabalho apostolar, citamos o “Movimento de Natal”, que reunia várias atividades sociais, inclusive as pioneiras Escolas Radiofônicas (MEB). Essa prática da Igreja de Natal espalhou-se pelo Brasil. Em outras funções, foi um dos criadores das Comunidades Eclesiais de Base e da Campanha da Fraternidade.

Sua missão sacerdotal dispensa rótulos, pois se alinha com os valores da Igreja, a qual não precisa se amparar em sistemas políticos ou ideologias a fim de promover a libertação do homem. Sua palavra foi sempre de suprema defesa da dignidade humana, segundo os preceitos do concílio Vaticano II e do Pontificado de João Paulo II, desde a primeira encíclica papal “Redemptor Hominis”. Culto, pensador e escritor cristão de renome, colaborador e articulista de vários jornais, é autor de livros, entre os quais “A voz do Pastor” e “Viver a fé em um mundo a construir”. Agradecemos a Deus pelo exemplo de vida do Cardeal Eugênio de Araújo Sales, um dos maiores líderes religiosos do país em todos os tempos.

*08 de novembro de 2010*

## Noilde Pessoa Ramalho

**T**em-se a impressão que ninguém no Rio Grande do Norte foi tão homenageado em vida quanto Noilde Ramalho. Refletiu-se agora essa condição, durante seus funerais, pela impressionante manifestação de bem-querer que a cidade de Natal prestou à mulher que dedicou sua vida à educação. Em 1945, Noilde Ramalho foi nomeada Diretora da Escola Doméstica de Natal, função que exerceu até 25 de dezembro de 2010, data do seu encantamento. Durante todas essas décadas, dedicou-se de corpo e alma à Escola, renunciou casamento, devotou-se ao ensino de várias gerações de alunas, foi anfitriã de visitas ilustres – inclusive presidentes do país –, adaptou-se às mudanças, criou um colégio e uma faculdade, e, sobretudo, deu lições de grandeza humana através de ações, de gestos, de atitudes, no dia a dia e ao longo do tempo. Na última conversa que tivemos, na véspera do embarque em um navio com alguns amigos, em viagem de lazer, dei-lhe notícias do menino vendedor de cocadas que certo dia lhe pedira apoio para estudar em um bom colégio, foi atendido, e agora é aluno destaque da FARN, com bolsa integral do Prouni;

falamos de outros assuntos e dos planos para o futuro. Estava sempre a pensar no futuro, porquanto tinha uma energia vinda de fonte que nunca secava, a qual parecia se replicar em pessoas próximas. Brindava o passado, vivia o presente e gostava de olhar para o futuro.

Não sabia ela, não sabia ninguém, que aquela viagem de navio não a traria de volta ao seu porto seguro. Voltou somente o corpo, pois seu espírito desprendeuse, ganhou a eternidade, encheu-se de luz e foi para junto de Deus. Mesmo com a certeza de que Noilde Ramalho recebeu a graça do Senhor, reservada aos bons e aos adeptos à prática do bem, a tristeza pela sua ausência é enorme: vai fazer falta, muita falta, deixou saudades, muitas saudades. Mas seus exemplos continuam, persistem as ações em prol da educação, por meio dos que com ela aprenderam, dos seus amigos, dos discípulos, das gerações que a conheceram e receberam suas bênçãos educacionais. Falo em bênçãos, ou seja, algo além de sábios ensinamentos, pois nasceram de uma figura humana cuja aura irradiava amor, grande amor ao trabalho, à natureza e à vida; amor às pessoas, sem restrições, amor à humanidade, amor especial às crianças de quem sempre ganhava um sorriso capaz de mostrar o vínculo afetivo com aquelas pequenas criaturas. Otimismo e bom humor não lhe faltavam, e apesar da longa idade, nada a abatia, tudo era motivo para renovar-lhe a coragem de lutar por suas crenças e convicções.

Tenho a honra de ser biógrafo dessa mulher notável, com o livro “Noilde Ramalho – Uma História de Amor à Educação”, de 554 páginas, publicado em 2004. O título do livro já define o conteúdo, o qual revela a trajetória de quem fez renúncias para se dedicar à educação, em uma jornada de sete décadas, a fim de levar avante a Escola Doméstica de Natal, um legado do poeta Henrique Castriciano, bem como para criar e dar vida ao Complexo Educacional H. Castriciano e à FARN, um conjunto de ensino, hoje, com mais de sete mil alunos. Pessoa fascinante, estava sempre a surpreender no vigor físico, na vivacidade, na alegria, nos gestos de afeto e de solidariedade. De porte altivo, era discreta, bonita e elegante.

Sua morte deixa de luto o Rio Grande do Norte e o país. Agora, seu nome passa a figurar na galeria dos grandes nomes que marcaram a educação brasileira. A profunda fé em Deus era presença forte em suas emoções. A vida dessa pessoa tão feliz findou em meio à paixão de viajar, nas terras de Santa Catarina, na cidade de São Francisco do Sul, como se quisesse render graças ao Santo do coração puro e o mais próximo dos Evangelhos. Entregou-se aos céus no dia da festa maior da cristandade, como se fosse para exaltar a vinda do Salvador. Bem-aventurada Noilde Pessoa Ramalho: uma multidão de amigos e admiradores rende-lhe honras, guarda ternas lembranças e dedica-lhe fervorosas orações.

***30 de dezembro de 2010***

## Honras a três diletos amigos

“**E**o pó volte à terra, como era, e o espírito volte a Deus, que o deu”. Estas palavras do Eclesiastes 12:7 evocam a sabedoria para se entender melhor a transição de cada homem na terra. É uma interface com a percepção da vida efêmera, contida na frase comum de se ouvir: “O tempo passa muito rápido”. Foi com esta frase que um longo amigo revelou a tristeza – tão nítida em sua face – pela recente morte da esposa querida. Retorno ao Eclesiastes – 1:5 – para dizer: “Nasce o sol, e o sol se põe, e volta ao seu lugar de onde nasceu”. Envolto nessas reflexões sobre a voragem do tempo e sobre a condição humana, presto honras à memória de três diletos amigos que, há poucos dias, se foram no rumo da eternidade, após jornadas terrenas plenas de êxitos.

Surpreso, leio notícia de que o médico Luís Evangelista, de vínculos com a cidade de Macau, partiu desta vida. Trabalhamos no antigo INPS, na função de médico clínico, época em que criamos ótima amizade. Sempre de bom humor, um tanto contido no sorrir e no falar, mostrava arguta inteligência, era autêntico,

além de sarcástico com as atitudes esnobes e vulgares. A mente privilegiada se expandia por leituras que cultivava. Com boa formação clínica, na sua simplicidade foi um médico exemplar, pela atenção ao paciente, pelo humanismo e pela competência nos deveres da profissão. Todas as honras à memória do amigo Luís Evangelista, homem sábio, sem arroubos nem soberbas, que sempre soube professar e fazer o bem.

Por onde passou, Eudes Caldas Moura deixou imagem de pessoa íntegra, inteligente e criativa. Por vezes polêmico, Eudes era leal às suas ideias, aos seus ideais e aos seus princípios. Foi pioneiro no ensino da Ortopedia e da Traumatologia no Rio Grande do Norte, e sua cultura não ficava nos limites dos saberes da profissão de médico/professor. As artes lhe fascinavam, em especial o cinema e a música. Durante a celebração eucarística em sufrágio da sua alma, lembrei-me da missa de 7º dia que ele mandou celebrar para seu filho Paolo, vítima de bárbaro crime, alguns anos atrás. Vieram-me à lembrança os belos cantos gregorianos por ele escolhidos para aquele momento, tudo conforme o requinte da sua sensibilidade, além da imagem de um pai absorto e mergulhado na dor profunda, diante da tragédia por precoce e tão brutal morte de um filho. Há cerca de dois anos, visitou-me na FARN, quando me presenteou um exemplar do livro que reuniu os escritos de Otacílio Alecrim. Queixava-se de alguns enfados, mas estava alegre e animado. Em fins de 2010, recebeu a comenda Onofre Lopes do

Conselho Regional de Medicina, evento que registrei em crônica nesta Tribuna do Norte. Fui seu aluno de medicina e seu amigo admirador; sua morte gera uma ausência humana muito sentida entre todos os que privaram da sua amizade.

Já se vão quase dois meses da partida do amigo Manoel Benício de Melo Sobrinho. Discreto, sóbrio e afável, seu alto valor intelectual ficava quase sempre oculto pelo natural recato. Manteve-se com absoluta retidão em todos os momentos da vida, seja no âmbito privado, seja no desempenho das várias funções públicas. Professor da UFRN, ocupou-se em muitas tarefas extras de relevância para a Instituição. Durante três reitorados, recebeu a missão de coordenar as ações para o reconhecimento dos cursos de graduação. Seu eficaz trabalho local e nas instâncias do MEC resultou no êxito dessa importante missão. Com justiça, a UFRN outorgou-lhe o título de Professor Emérito. Dedicou-se a vários afazeres em prol da comunidade, entre os quais se destacam os laços com Rotary Internacional. A paisagem humana de Natal sente a falta da figura inesquecível de Manoel Benício de Melo Sobrinho.

*29 de dezembro de 2011*

## O Cardeal e o Espírito Santo

**E**m 2003, o Cardeal Eugenio de Araújo Sales (1920 – 2012), na condição de Arcebispo Emérito do Rio de Janeiro, veio a Natal, quando recebeu uma série de homenagens. Atendeu convite da Escola Doméstica, onde foi recepcionado sob o estilo próprio de Noilde Ramalho, estilo discreto, fidalgo e caloroso. À mesa, durante o almoço, tive a honra de ficar defronte ao Cardeal, o que me deu a feliz oportunidade de conversar, de maneira informal, com aquela figura humana iluminada, que eu sempre respeitei e tanto admirei. No decorrer dessa visita à ED, disse-lhe que ele iria receber uma carta com solicitação de um texto/depoimento sobre a vida de Noilde Ramalho, para constar em livro biográfico que eu estava a escrever sobre a notável educadora. No seu depoimento, constante no livro “Noilde Ramalho – Uma História de Amor à Educação”, lançado em 2004, o Cardeal ressaltou o valor da família como célula originária do bem-estar social – mesmo princípio propulsor da ideia de Henrique Castriciano para implantar a educação feminina no RN, em 1914 –, e enfatizou o papel da Escola Doméstica nesse mister. Sobre

a insigne mulher biografada, disse: “Há pessoas, como Noilde Ramalho, que avançam em idade e em virtudes. [...] A vitoriosa Escola Doméstica é a coroa que Noilde porta consigo”.

Reitero o que escrevi em artigo pelo transcurso do 90º aniversário do Cardeal Eugenio Sales: a vinda do papa João Paulo II a Natal, em 1991, fato histórico para o nosso Estado, se deve ao prestígio desse Príncipe da Igreja, um dos norte-rio-grandenses e um dos prelados do Brasil mais ilustres e respeitados em todos os tempos. Hoje, relembro-me de uma exposição de telas de artistas plásticos do Rio Grande do Norte, realizada em 1988 no Rio de Janeiro, na sede da Academia Brasileira de Letras, sob a batuta do professor Antonio Marques. Lá, estavam vários artistas e os seus trabalhos – entre os quais o grande Dorian Gray –, na casa símbolo máximo da cultura do país, com o aplauso e a presença do Presidente Austregésilo de Athayde. O evento fez parte das celebrações dos trinta anos da UFRN, época em que exerci o cargo de Reitor, e só se efetivou pelos préstimos e o entusiasmo de Otomar Lopes Cardoso, com o pleno apoio de dom Eugenio.

Não vou repetir o quanto já foi dito e se escreveu sobre o Cardeal Eugenio de Araujo Sales, depois da sua passagem para a vida eterna, ocorrida em 09 de julho de 2012. Sua biografia, seus feitos humanos, seus méritos de líder religioso, enfim, as marcas das benesses deixadas por onde ele passou já foram expressas nas

diversas mídias do país e até do exterior. Vi e li muito dessa produção em louvor da memória de dom Eugênio, porém, há um artigo que me chamou a atenção: “O simbolismo da pomba”, escrito por José Narcélio Marques de Sousa, publicado no “Jornal de Hoje”. O autor refere-se à pomba branca que pousou sobre o esquife de Eugênio Sales e fez vigília ao corpo do Cardeal, durante os funerais. Narcélio concluiu que houve uma clara manifestação do reconhecimento divino, a “acolhida do Pai à alma nobre do filho Eugenio de Araujo Sales”. Além de me alinhar a essas conclusões, ousei uma pergunta: teria sido uma mística mensagem, na forma simbólica do pássaro do Espírito Santo? Fui reler o Sermão do Espírito Santo, do Padre Antônio Vieira: “O Espírito Santo – diz Cristo – vos ensinará tudo o que eu vos tenho dito. Notai a diferença dos termos e vereis quanto vai de dizer a ensinar. [...] Só o Espírito Santo ensina, porque alumia por dentro”. Ainda com a lembrança daquelas imagens inesquecíveis da pombinha branca, asas abertas sobre o corpo inerte do Cardeal, ousei mais uma vez perguntar: teria havido, naquele instante de emoção, o desígnio de relembrar os dizeres e os exemplos de dom Eugenio Sales, a fim de que se transformem em ensinamentos, por meio do Espírito Santo?

***09 de dezembro de 2012***

## Honras a Manoel Benício\*

**P**or vezes, exaltam-se méritos de pessoas além dos seus reais merecimentos; por vezes, ocorre o oposto, esquecem-se de tantas figuras tão dignas de honras. Alguns jactam-se dos seus próprios atributos, até mesmo com desprezo à verdade; outros mantêm-se no natural recato, pois entendem suas ações como sendo parte de uma missão conjunta. Manoel Benício de Melo Sobrinho (1925–2011) pertenceu ao grupo dos que não anseiam por aplausos, mas se comprazem pela paz interior do dever cumprido; dos que se afastam da soberba, mas se apegam ao decoro e à discrição; dos que prescindem da falsa modéstia, pois sabem ser simples, sóbrios e decentes. Benício deixou um legado de grandes feitos sociais por onde passou, com ênfase no âmbito da UFRN e nas diversas funções da administração pública do Rio Grande do Norte. O seu legado reveste-se também da grandeza humana que lhe era própria, da lhaneza no trato, da vontade constante de ser útil e de fazer o bem, dos exemplos dignificantes que merecem maior atenção dos pósteros.

Tive a honra do convite de Manoel Benício para ser um dos seus entrevistadores, ao lado de Cláudio

Emerenciano e de Tarcísio Gurgel, no programa *Memória Viva*, da TV Universitária. Agora, depois do falecimento do entrevistado, ocorrido em 13 de novembro de 2011, seu irmão, João Wilson Mendes Melo, brilhante escritor e integrante da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Professor Emérito da UFRN, concede-me também a honra ao me convidar para escrever o prefácio do livro em que se transforma aquela entrevista realizada em maio de 2005.

Manoel Benício de Melo Sobrinho foi versátil auxiliar da fecunda gestão de Aluísio Alves – de 1961 a 1966 – no Governo do Estado. Criado pelo Presidente John F. Kennedy, dos Estados Unidos, o Programa Aliança para o Progresso, logo no início, contemplou o Rio Grande do Norte, e Aluísio não hesitou em convocar Manoel Benício para gerir o projeto no Estado, nomeando-o para a SECERN. Sob seu comando e por meio de uma gestão digna e eficaz dos recursos públicos, foram construídas diversas unidades de ensino, entre as quais estão o Instituto Kennedy, o Colégio Winston Churchill e o Instituto Padre Monte. Muitos cargos administrativos do Estado contaram com o lúcido trabalho de Benício: Secretário da Educação, Presidente do IPE (implantou o Instituto), Diretor do Serviço de Pessoal, entre outros.

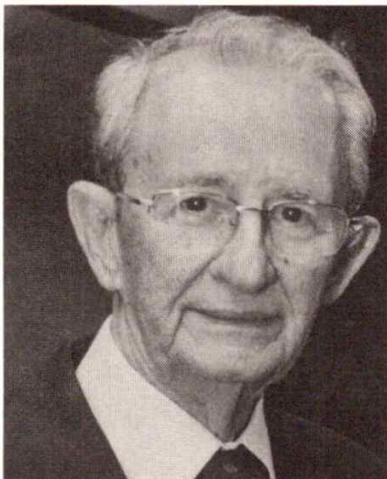
Por concurso, galgou as funções de professor de Direito Civil da UFRN, e, por 12 anos, presidiu o Departamento de Direito Privado. Prestou serviço de assessoria a cinco reitorados – cerca de 20 anos –, com uma missão especial no tocante ao reconhecimento dos cursos, durante

os tempos heroicos da Universidade. Em outubro de 1997, a UFRN outorgou-lhe, com muita justiça, o título de Professor Emérito. Posso afirmar que seu nome deve figurar entre os que mais fizeram em prol da UFRN, no sentido de consolidar e de garantir o prestígio da Instituição.

Discreto, sóbrio e afável, Manoel Benício gostava muito de viajar. Conheceu boa parte do mundo, sendo Paris a cidade predileta, conforme me disse sua filha Liana. Detentor de ampla cultura humanística e jurídica, estudava e lia com avidez. Pai de duas filhas e um filho, sua esposa Leda Batista Gurgel foi professora de francês e escreveu o livro *Cartas da Infância*, ótimo relato do tempo vivido nas fazendas do sertão de Timbaúba dos Batistas. O Rotary foi uma das suas paixões, onde, durante 50 anos, sempre se afirmou pela solidariedade e clarividência. A paisagem humana de Natal sente a falta da figura humana inesquecível de Manoel Benício de Melo Sobrinho. Sua memória precisa estar viva, para que possa transmitir preclaros exemplos às novas gerações.

\*Excerto do prefácio do livro *Memória Viva* de Manoel Benício de Melo Sobrinho.

Acervo da família



Manoel Benício de Melo Sobrinho  
(1925-2011)

*07 de março de 2013*

## Onofre Lopes e o Crutac

**P**resto honras ao Reitor Onofre Lopes, 106 anos depois do seu nascimento – 13/07/1907 – e 29 anos depois de sua morte – 13/07/1984 –, ao trazer à lembrança o Crutac, programa do qual me orgulho de ter sido um dos pioneiros, e que foi um dos seus ideais mais intensamente vividos.

Além de fundar a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Onofre Lopes criou o Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária (Crutac), conhecido como o maior programa de extensão universitária do Brasil, e talvez do mundo. Entrei na Universidade em 1960, ou seja, menos de dois anos após sua criação como instituição estadual, e, na condição de aluno calouro, vi a festa e me integrei às celebrações pela federalização. E, ao Crutac, a segunda maior obra surgida da ousadia e da vontade de bem servir de Onofre Lopes, cheguei lá ainda no alvorecer do projeto, pois empolguei-me pelos objetivos daquela ação de vanguarda acadêmica, voltada para a gente interiorana. Seis meses após receber meu diploma de médico, um convite do Reitor Onofre Lopes levou-me à sua presença, em seu consultório clínico, na Ribeira. Até chegar ao

destino, não sabia do assunto a ser tratado. Dr. Onofre, então, começou a me falar sobre seu projeto de levar a Universidade para o interior, para a região do Trairi, com sede em Santa Cruz. Disse-me que tudo começou quando uma senhora santa-cruzense o procurou para pedir que fizesse algo a fim de reabrir o Hospital da cidade, há anos fechado, fato que representava um descaso do poder público com a população carente daquela região. Sensibilizado pela proposta, ele também um homem vindo de uma pequena urbe rural, pensou em reabrir o Hospital para servir de estágio aos concluintes dos cursos da área da saúde.

Porém, sua ideia inicial havia evoluído no sentido de expandir a interiorização para todos os cursos da Universidade. Ao explicar o projeto, ele mostrava a força da sua convicção em redimir injustiças, em criar polos de desenvolvimento nas áreas menos favorecidas, além de interferir na formação de alunos e na atuação de egressos, tornando-os mais sensíveis com os problemas sociais, pelo contato direto com a realidade da pobreza interiorana. Ao falar sobre o Crutac, o Reitor Onofre Lopes parecia mostrar até mais emoção do que ao discorrer sobre a UFRN, motivo capaz de levar o ouvinte a aderir, a se envolver e a se comprometer com a ideia. Diante da missão para a qual o Reitor me convidava, não hesitei, deixei de lado meus outros sonhos profissionais, e, no dia 2 de agosto de 1966, estava em Santa Cruz, participando da inauguração do Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária.

Cheguei a Santa Cruz poucos dias antes da inauguração do Crutac. O Reitor incumbiu-me de reorganizar o Hospital, de pôr tudo em ordem para a abertura e funcionamento. Durante cerca de dois anos, ainda solteiro, morei no próprio Hospital. Integrei as equipes dos profissionais da saúde que, com os estudantes, atendiam os pacientes em Santa Cruz e nos municípios da região do Trairi. Vi de perto o mutirão dos diversos setores da UFRN, todos unidos em prol da boa causa, sob a mística passada pelo professor Onofre Lopes. Depois de tantos anos, ainda guardo comigo a emoção e o orgulho de ter vivido o Crutac, programa integrado à história das universidades brasileiras, que mostrou para o mundo, na prática, como as instituições acadêmicas devem manter o olhar universal, mas com foco principal nas questões regionais e locais, e de como precisam atuar para formar cidadãos éticos e profissionais imersos no senso da justiça social.

***26 de julho de 2013***

# Honras ao Professor Jessione

**J**essione de Carvalho Lima e sua esposa, Laura Maria Pimentel de Carvalho Lima, têm cinco filhos, todos casados e com suas profissões definidas, os quais deram ao citado casal o total de 10 netos. É uma família feliz, unida e fortalecida pela profunda fé cristã. Agora, para gáudio deste grupo familiar, chegou um novo ente querido, gerado com ênfase nos estudos, nas pesquisas e na obstinação de Jessione. Trata-se do livro “Cardiopatas: mecanismo de desenvolvimento e correlação anátomo-clínica”, uma obra de grande valor para a compreensão em detalhes das doenças do coração.

Jessione de Carvalho Lima, natalense, nasceu em 1938, e formou-se em medicina em 1965. Amigo-irmão, fomos colegas de turma durante os estudos médicos, desde quando mantemos uma grande amizade e um mútuo apreço pessoal, extensivos às nossas famílias. Logo nos primeiros anos da Faculdade, mostrou seu interesse pelos estudos da patologia, e, ao chegar às cadeiras clínicas, detinha-se mais nas explicações dos sinais e sintomas das doenças, fazendo a correlação com a patogenia do processo mórbido. Naquele aluno ávido pela verdade

basilar, nascia o futuro patologista, estudioso, meticuloso, e o futuro professor, brilhante, amante da pesquisa e da sagrada missão de ensinar.

Ao concluir o curso médico, Jessione não teve dúvidas, foi fazer Residência Médica em Patologia na Santa Casa do Rio de Janeiro. Quando voltou do Rio, por concurso galgou as funções de Professor do Departamento de Patologia, da então Faculdade de Medicina, para trabalhar ao lado e sob a grande liderança do Professor Getúlio de Oliveira Sales. De 1973 a 1975, fez mestrado na UFPE, na mesma área de estudos, tendo como orientadores os professores Adonis Carvalho e Barros Coelho. Mesmo sem se afastar da sala de aula, exerceu as funções de coordenador do Curso Médico, por cinco anos, e de Diretor do Centro de Ciências da Saúde da UFRN, pelo período de três anos.

O título do livro, “Cardiopatas: mecanismo de desenvolvimento e correlação anátomo-clínica”, já define no geral o conteúdo da obra. Disse-me o autor do seu intuito em replicar suas aulas – que as chamo de magistrais – agora postas em obra impressa, a fim de que possam chegar a muitas outras pessoas, em particular aos atuais e futuros profissionais da área da saúde. De uma forma muito lógica e didática, em cada capítulo os leitores irão encontrar a patogenia, isto é, o mecanismo de formação da doença, sob a ação de agentes físicos, químicos ou biológicos, e a fisiopatologia, que explica a clínica – sinais e sintomas – a partir das alterações

nos órgãos causadas pela ação dos agentes citados. Além do texto claro e direto, de fácil entendimento, as ilustrações bem feitas e em grande número, todas também nascidas da múltipla inteligência do autor, muito concorrem para a rápida aprendizagem sobre as patologias descritas. É um livro utilíssimo para o estudo das cardiopatias, mediante um modelo e um método que favorecem o prazer de aprender. Afinal, o motivo maior desta obra é contribuir para que se tornem mais capazes quantos exerçam as profissões que cuidam da saúde dos seres humanos.

Jessione de Carvalho Lima, professor no sentido mais significativo da palavra, médico que dignifica a profissão, cidadão íntegro, correto e solidário, amigo sincero e leal, guarda na sua humildade a grandeza das melhores figuras humanas. Coerente, constante nos estudos, perseverante, ele está de parabéns por esta obra que revela uma parte dos méritos de uma pessoa que soube e sabe praticar fecundos compromissos e lemas de vida: o de ser útil e o de fazer sempre o bem.

*20 de março de 2014*

## Sob um olhar azul

**V**olto às cartas antigas, guardiães do tempo, coleções grafadas de sonhos e ideais, de júbilos e tristezas, de aplausos e desdêns, de anelos e de frustrações, enfim, das mais diversas ideias e emoções da alma humana. Instado por uma amiga, disse-lhe que nunca me dediquei à redação de cartas, no entanto, não podia dizer o mesmo sobre meu pai, Diógenes da Cunha Lima (1906-1972), homem com pouca instrução formal, mas que gostava de ler e de escrever. No livro biográfico “Sob Um Olhar Azul”, autoria de Diógenes da Cunha Lima, filho, encontram-se antigas cartas escritas por Diógenes, pai, em especial para sua noivinha, Eunice, bem assim para filhos, netos e amigos.

O livro citado é a biografia de Diógenes da Cunha Lima, pai. Na recente segunda leitura que fiz, percebi mais o quanto o autor foi feliz em manter vivo o perfil de um homem bom, simples, inteligente, cheio de ternura e de amor: “Sua vida foi rica, lírica, e, no melhor sentido, humana”. Seu semblante chamava a atenção por dois traços marcantes: o sorriso quase constante e os olhos bem azuis, com um olhar de intenso brilho.

Diogenes, o autor, diz que ficou na dúvida quanto ao melhor título, *Um Sorriso Solidário*, ou, *Sob Um Olhar Azul*, e conclui: “O olhar venceu o sorriso”. No caso, digo eu: o poeta falou mais alto.

Diógenes da Cunha Lima chegou a Nova Cruz no começo da década de 1930, vindo da Paraíba, para se fixar no comércio de tecidos. Lá, conheceu a bonita jovem Eunice, filha de Francisco Targino Pessoa e Olindina Ramalho Pessoa, casal dos mais prestigiados na região. Eunice, ainda aluna da Escola Doméstica de Natal, e Diógenes logo passaram a namorar, noivaram e se casaram, em 1933. Desse bonito casal, nasceram seis filhos: Aryam (falecido), Gilma, Diogenes, Daladier, Marcelo e Olindina. Durante a fase de noivado, a família de Eunice alternou a morada entre Nova Cruz, Natal e São José de Campestre, o que obrigou o noivo a enviar à noivinha cartas para expressar seu afeto, seu bem-querer e seu grande amor.

Eis o resumo de carta do noivo, Diógenes, para a noiva, “Dileta Eunice”, de 25 de maio de 1932, transcrita no livro *Sob Um Olhar Azul*: “Estou de posse da tua missiva de ontem, que me trouxe uma confortadora consolação. Vejo bem que tu ainda sabes amar ao teu noivo; que não arrefece e nem arrefecerá nunca jamais uma só parcela da tua amizade e dos teus afetos por mim. [...] Longe, bem longe, onde me levasse o destino, eu não esqueceria a ti, como não esqueci. [...] És tu, Nicinha, a mensageira das minhas venturas. [...] Saudades do teu noivo, Diógenes”.

Além de várias outras cartas repletas de ternura, há um diário com registros semelhantes, escritos pelo noivo. Há ainda missiva de Diógenes a Francisco Targino, futuro sogro, pedindo Eunice em casamento: “Tomo a devida liberdade de pedir em casamento a sua diletta filhinha Eunice. Sei que você bem me conhece. Entretanto, quero adiantar-lhe que, apesar dos esforços, sou desprovido de bens materiais. [...] Seu amigo atento Diógenes da Cunha Lima”. Podemos, então, dizer: “o tempora! o mores!” Ó tempos! Ó costumes! Bem assim, rápido uma conclusão vem à mente: muitas cartas antigas, através do tempo, guardam em suas linhas – entre outros fatos e vivências – lindas histórias de amor.

*05 de março de 2015*

## Honras à Liga Contra o Câncer

**H**á poucos dias, terminei as 33 sessões de radioterapia, aplicadas sobre o local onde se situava a próstata, retirada por causa de um tumor, dois anos atrás. Em cerca de 20% dos casos semelhantes ao meu, precisa-se fazer esse tratamento adicional, a fim de alcançar grandes chances de completar a cura. Todos sabem o quanto as doenças da próstata afetam a saúde dos homens, e três letras estão sempre a perturbar suas mentes – PSA –, além do indefectível toque retal. A medicina evolui mais rápido em umas áreas do que em outras, e, no caso das doenças da próstata, existem novas opções de exames, mas persiste o grande valor do velho toque retal e do PSA, com respeito à condução médica correta dos eventos patológicos dessa glândula. Abordo esse assunto e falo assim tão claramente do meu caso, até para alertar aqueles que, porventura, possam se beneficiar com medidas a serem tomadas sem delongas.

Fiz todo o tratamento de radioterapia aqui em Natal, na Liga Norte-rio-grandense Contra o Câncer. Aliás, esse é o único serviço médico dessa área em

todo o estado do Rio Grande do Norte, no âmbito público ou privado, gerando uma demanda muito intensa. Isso é uma prova cabal do descaso do poder público, com raras exceções, para com a saúde das pessoas. Cabe aqui uma pergunta, com um misto de indignação e de tristeza: para aonde vai a soma dos tributos que todos pagam? O Brasil é um país de altos impostos, e, ao mesmo tempo, possui um dos mais baixos índices de retorno em real proveito dos cidadãos. Essas enormes distorções são históricas, vêm de longo tempo, e o povo está cansado de tanto despudor com o dinheiro público. A melhor reforma para o Brasil seria uma mudança radical nas práticas de muitos que exercem funções públicas, com a opção única pelo servir, e nunca pelo servir-se.

Dou ênfase ao criticar a gestão dos recursos arrecadados pelos governos, após conhecer de perto as condições difíceis da maioria dos enfermos que se tratam na Liga Norte-rio-grandense Contra o Câncer. Felizmente, lá eles encontram uma instituição completa, no tocante ao rigor profissional, à humanização e ao alto padrão técnico-científico, enfim, a todos os itens próprios dos serviços médicos de excelência. Na luta não somente contra o câncer, doença, mas também contra outros “cânceres” circunstanciais, dificuldades financeiras, pouca ajuda pública, planos de saúde insuficientes com as despesas dos seus usuários, além de uma alta demanda, os que fazem a Liga têm de se

desdobrar em idealismo, empenho, e competência para mantê-la como um exemplo nacional de serviço médico comunitário e filantrópico.

Devido a outras doenças, conheci alguns dos melhores serviços médicos do país, e, agora, posso dizer: a Liga Norte-rio-grandense Contra o Câncer, na sua área de atuação, iguala-se a todos eles. Mas está acima desses serviços, pois não se dedica apenas a uma elite, pelo contrário, atende a todos, do mais rico ao mais pobre, sem distinção alguma. Qualquer paciente que adentre os portões da Liga, mesmo que traga consigo grandes provações, sente-se logo melhor e mais seguro para enfrentar a jornada, só ao receber as atenções, o apreço e o sorriso natural de quantos lá trabalham.

*25 de junho de 2015*

## Honras a Agnelo Alves

**F**iquei na dúvida: depois de vários dias do falecimento de Agnelo Alves, ainda seria válido um texto meu em honra à sua memória? Depois que diversas matérias nas variadas mídias foram produzidas com o mesmo objetivo, ainda caberia algo a mais, sem ser repetitivo? Depois de tantas belas páginas escritas, provindas de longas e grandes amizades, de sincera admiração por Agnelo Alves, ainda assim deveria eu, com um olhar mais distante, escrever algumas reflexões sobre esse notável norte-rio-grandense? Dissipou-se a dúvida ao me fixar na imagem de uma pessoa que soube superar obstáculos, vencer barreiras, soube lutar sem descansos por crenças e ideais, enfim, de um guerreiro que combateu o bom combate e pugnou até a última hora.

Na missa de sétimo dia pela alma de Agnelo, o filho Carlos Eduardo ressaltou a coragem do seu pai de não se render à doença, e a recusa ao ócio para melhor cuidar da saúde, pois nada o fazia desistir de suas grandes paixões, em especial da escrita e da política. Fui leitor dos seus textos, na Tribuna do Norte, quase

todos sobre a vida política do nosso Estado e do Brasil. Era sagaz na análise, sendo claro e direto no estilo de escrever. Por vezes, suas críticas podiam até ser cáusticas, mas nunca passavam para a pura agressão ou mesmo para expressões grosseiras. Sua descontraída e perspicaz escrita era o retrato do homem consciente dos seus deveres e do respeito devido a todos os cidadãos. Fui seu leitor, mas também seu eleitor, pois sufraguei seu nome por duas vezes, para deputado estadual. E o fiz de forma espontânea, uma escolha pessoal para apoiar a quem julguei merecedor do voto, pela história de honradez e de amor à causa pública. Só deixou de frequentar as sessões da Assembleia e só não mais escreveu para a sua querida Tribuna quando suas forças físicas chegaram à extrema fraqueza, causada por longa e debilitante doença.

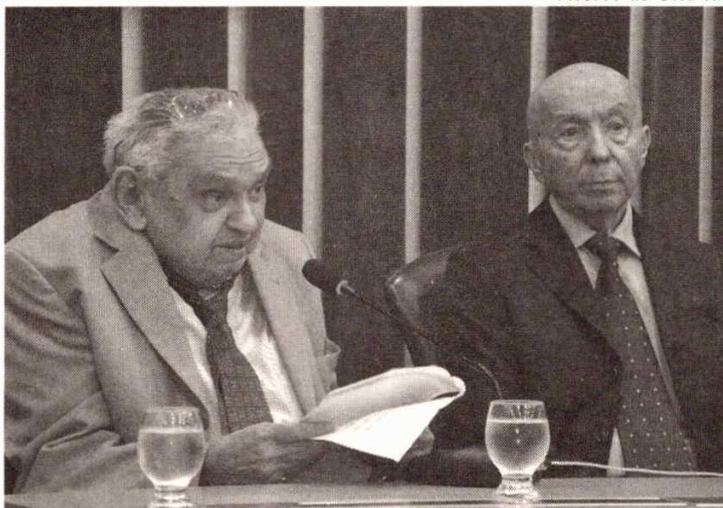
No perfil de Agnelo Alves, vê-se a pessoa sempre apta a superar contratempos, a se refazer de crises, a vencer tribulações que a vida lhe impunha. Nada lhe tirava a fé, nenhuma provação toldava-lhe o sorriso, não existiu revés que lhe roubasse a paz. Manoel de Medeiros Brito, seu grande amigo, contou-me algumas passagens que são fortes exemplos de resiliência, de aguda inteligência e de virtudes inatas de Agnelo Alves. Ainda menino, aluno do Colégio Marista, teve de deixar os estudos a fim de se tratar de tuberculose pulmonar, em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro. Não mais voltou aos bancos escolares, pois, desde muito

jovem, passou a trabalhar, na condição de repórter no jornal Tribuna da Imprensa, do Rio, ao lado do irmão Aluizio Alves, de Carlos Lacerda e de Carlos Castelo Branco. É difícil de se pensar em mestres melhores do que esses três, e essa foi uma grande escola para Agnelo Alves, na qual sua fecunda inteligência floresceu para servir à política, ao jornalismo e a tudo o mais em que se envolveu na vida.

Não me cabe agora repetir os êxitos que conquistou ou os óbices que se lhe impuseram, pois são de todos bem conhecidos. Prefiro ressaltar sua altivez e sua bravura frente às dificuldades, para vencê-las e, assim, cumprir sua missão e viver feliz. À família, fica o consolo de ter tido Agnelo Alves como o centro de grande afeto e de amor mútuos, e de saber que o seu nome vai brilhar no panteão das maiores figuras humanas do Rio Grande do Norte.

**09 de julho de 2015**

Acervo do UNI-RN



Agnelo Alves  
(1932-2015)

Solenidade em homenagem ao centenário da Escola Doméstica de Natal, na Assembleia Legislativa do RN, setembro de 2014

## Honras a um homem de bem

**O** nome Marcelo Navarro Ribeiro Dantas é perfeito para se unir à locução “homem de bem”. Algumas vezes, o uso dessa expressão traz somente uma parcela de verdade, para mais ou para menos, de acordo com o nome ao qual se vincula. Não raro a ouvimos nos instantes de grande emoção, ou mesmo fora dessas horas, fruto da amizade, de gratidão, ou de outros motivos de ordem particular. No entanto, em diversos casos, transmite o real perfil humano de alguém, nas suas diversas etapas, fases e cenários, como um traço de união de coerente forma de agir perante as demandas da vida. É o caso de Marcelo Navarro Ribeiro Dantas, e é assim que o vejo. Presto honras primeiro ao cidadão honrado, ao homem de bem, do qual emanam as virtudes que se prolongam na vida familiar, no círculo de amigos, nos âmbitos social e profissional, enfim, em qualquer ação ou lugar onde se pressinta sua presença.

O francês Blaise Pascal (1626-1662) dedicou-se à matemática, à física, criou teorias e teoremas, foi tam-

bém um pensador e autor de frases célebres. No seu livro “Pensamentos”, encontrei algo que me inspirou o tema deste texto: “Homem de bem. É preciso que não se possa dizer dele nem que é matemático, nem pregador, nem eloquente, mas que é homem de bem. Esta qualidade universal é a única que me agrada.” A presença de Marcelo Navarro no Superior Tribunal de Justiça é a certeza de que, antes de tudo, será mais um cidadão de bem na alta Corte, como convém à nação inteira. Ainda melhor porque esse cidadão leva consigo uma formação jurídica, cultural e humanística das mais fecundas que se pode ter, haja vista o quanto ele é admirado entre os mais admirados juristas do Brasil. O homem de bem e o homem culto Marcelo Navarro Ribeiro Dantas honrará o STJ, da mesma forma que honrou os Tribunais por onde passou, pois seu nome só traz grandeza moral e intelectual a qualquer Corte de Justiça.

Não consigo pensar e escrever sobre Marcelo Navarro Ribeiro Dantas sem ter na lembrança o nome do seu pai, o Professor Múcio Villar Ribeiro Dantas. Se não privei da sua amizade mais próxima, de longe acompanhei sua vida de homem correto, probo, respeitado por todos, tanto pela sua dignidade pessoal, quanto pela amplidão do saber jurídico, figurando entre os maiores juristas do Estado, em qualquer tempo. Professor de Direito dos mais respeitados por seus alunos, Consultor e Procurador Geral do Estado, advogado, empresário, seu nome ocupa um lugar de

destaque no Panteão das maiores figuras humanas do Rio Grande do Norte.

Volto a Blaise Pascal: “A natureza se imita. Um grão lançado em boa terra produz. Um princípio lançado em bom espírito produz”. Os princípios do homem de bem e a semente do estudo e do saber, deixados por seus genitores, floresceram e fizeram de Marcelo Navarro o jurista completo e certo para ocupar o lugar de Ministro do STJ, para atuar ao lado de eminentes pares, entre eles um brilhante norte-riograndense, o Ministro Luís Alberto Gurgel de Faria. Marcelo Navarro Ribeiro Dantas merece o apoio não somente de pessoas que ocupam altos cargos públicos, mas também de todos os cidadãos e cidadãs do Brasil que anseiam por mais Justiça.

*03 de setembro de 2015*

## Bolonha, 1988

**A**s universidades, vistas como organizações voltadas para a criação e a difusão do saber, têm um marco de origem no mundo ocidental, que é a Universidade de Bolonha, na Itália. Em setembro de 1988, aquela vetusta Instituição celebrou os 900 anos de existência, com uma festa acadêmica memorável, a qual, ainda hoje, renova-se a cada ano, como uma homenagem à própria academia, no âmbito mundial. À época, exercia o cargo de reitor da UFRN, e tive a honra de receber convite da Universidade de Bolonha para participar da grande celebração, pois a UFRN estava entre as oito universidades brasileiras convidadas. Estar presente naquele histórico encontro universitário foi um destaque para a UFRN, bem como foi uma feliz oportunidade para o seu reitor, pelo valor da efeméride, pelos assuntos expostos e discutidos, pela presença das universidades de todos os continentes – representadas pelos seus reitores –, além da grandiosidade das comemorações.

Precedendo o auge das solenidades, ocorreu um seminário sob o tema “Universidade no Mundo Contemporâneo”, durante cinco dias, quando reitores,

professores, expoentes da pesquisa e da cultura, pensadores de todo o mundo abordaram temas de interesse global, uma reflexão sobre o passado, o presente e o futuro da humanidade. O ponto alto das celebrações, no entanto, foi a assinatura pelos reitores, em nome de universidades de todos os continentes, da Magna Charta Universitatum, em 18 de setembro de 1988, documento perene que aproxima e até unifica a instituição universitária mundial, pela universalidade dos princípios que proclama.

O cenário em que ocorreu a assinatura da Magna Charta guardava algo de monumental. Os reitores, com suas diversas vestes talares, ficaram concentrados no Arquiginásio, o prédio mais antigo da U. de Bolonha, que abriga, entre outras preciosidades, o anfiteatro de anatomia humana, datado de 1638. Começou, então, o desfile dos reitores e autoridades por ruas medievais de Bolonha, até a Piazza Maggiore, centro da cidade, preparada para o evento. Esse centro histórico ostenta edifícios com séculos de vida, com a arquitetura típica de arcos múltiplos, além da Igreja de São Petronio, do século XIII. A Orquestra do Teatro Comunal de Bolonha executou peças de Verdi, no meio de poucos discursos, entre os quais o do reitor anfitrião e o do Presidente da Itália. Vale lembrar que Verdi fora o diretor do comitê musical durante as celebrações do 8º centenário daquela universidade. De acordo com o continente de origem, os 388 reitores presentes passaram a assinar a Magna

Charta Universitatum, uma espécie de constituição das universidades do mundo. Não cabe aqui repetir o teor dessa magna carta; apenas resumo ao dizer que se trata de princípios fundamentais da instituição universitária na sua dimensão universal.

Desde 1988, no mês de setembro de cada ano, realiza-se um seminário, sob o prestígio da Universidade de Bolonha, para celebrar e renovar aquele momento único e balizador da união do espírito acadêmico mundial. Nessas conferências anuais, que contam com personalidades da cultura e da ciência no âmbito global – em 2015, o atual reitor da USP, médico Marco Antonio Zago, foi um dos conferencistas –, novas assinaturas podem se juntar às primevas, a fim de referendar os preclaros valores contidos na Magna Charta Universitatum.

*1º de outubro de 2015*

## Honras aos médicos de 1965, da UFRN

**10** de dezembro de 2015 é uma data muito significativa para mim, pois completo 50 anos de formado em medicina, na UFRN. Permitam-me os prezados leitores que registre aqui essa emoção, porquanto há momentos inesquecíveis na vida de qualquer pessoa, e aquela colação de grau de cinco décadas atrás ficou para sempre gravada dentro de mim. Não só a colação de grau, mas também os seis anos de convívio e de estudos, as amizades nascidas desse partilhar de sonhos, a envolver colegas, professores e quantos fizeram parte da Faculdade de Medicina, entre os anos de 1960 a 1965. Depois de vários anos de prática e de ensino médico, fiz a opção de me dedicar à educação, e, agora, posso afirmar: deixei a medicina, mas ela nunca me deixou.

A minha turma era composta de 21 alunos, sendo cinco mulheres e 16 homens. Do total, quatro já se mudaram para a outra morada, percentual que permite dizer tratar-se de um grupo longevo, graças a Deus. No meio desse resgate proustiano, afloram os nomes de

todos, a começar pelos que já se foram, e renovo o apreço e a afeição a cada um dos 21 colegas e amigos. Hoje, em um olhar sobre a turma, ao focar tanto no exercício da profissão quanto em outras áreas, uma palavra de conclusão se sobressai: sucesso. Em honras à turma de médicos de 1965, da UFRN, elegi o dia exato dessas bodas de ouro – enlace com a medicina – para lançar o livro *Retratos da Vida*, o qual reúne 86 crônicas escolhidas entre as tantas que já escrevi e publiquei nesta *Tribuna do Norte*. Em uma das primeiras páginas do livro, consta uma mensagem minha aos colegas médicos dessa turma, cuja transcrição, na íntegra, está contida nos dois parágrafos seguintes.

“Toda saudade é uma espécie de velhice”. Essa frase do grande escritor e médico Guimarães Rosa fez parte do nosso convite de formatura, cuja sessão solene ocorreu no Teatro Alberto Maranhão, em 10 de dezembro de 1965. Saudade daquela noite memorável, da qual vocês me fizeram o orador da turma; saudade enorme dos seis anos de convívio na Faculdade de Medicina, quando nasceu em nós uma sólida e perene amizade; saudade de um tempo bom que se foi, mas deixou as benesses de uma ótima lembrança, que só faz bem ao coração. Infelizmente, quatro colegas já partiram, porém os recordamos com o mesmo sentimento fraterno, como se estivessem presentes nessa data de tanta emoção, 10 de dezembro de 2015, dia do 50º aniversário da nossa colação de grau. Nessa visão

pregressa, assomam também as figuras dos queridos professores, artífices da nossa formação e partícipes dos nossos êxitos, a quem reiteramos as honras que sempre lhes prestamos.

Penso que Guimarães Rosa, genialmente, quis dizer: à medida que o tempo passa, vão se acumulando em nós recordações de um passado do qual sentimos falta. Não sabíamos que, meio século depois, o pensamento do famoso mestre teria até mais significado, pois, se a passagem inexorável do tempo nos deixou as marcas físicas do peso dos anos, não apagou a lembrança dos dias venturosos daquela longínqua convivência. Assim, sentimos saudade, mas é uma saudade boa, capaz de nos remeter a um passado feliz, de uma fase tão auspiciosa das nossas vidas.

*03 de dezembro de 2015*

Acervo do autor



Missa de colação de grau dos médicos de 1965 - UFRN

## Ano-novo com Rubem Alves

**N**o limiar de um novo ano, o que escrever a fim de expressar uma ideia dessa passagem do tempo? Falar sobre as agruras dos brasileiros no decorrer de 2015, ao lado de novas esperanças para 2016? Ser pessimista ou otimista, acusar ou defender, lamentar ou somente olhar para frente? E quanto aos tumultos do mundo? Sonhar com mudanças capazes de revelar um planeta mais saudável e mais feliz, ou o oposto, ao vislumbrar maior desamor, ódio crescente, egoísmo sem limites, guerras, matanças, violência e fome? Resolvi, então, focar a crônica nestes primeiros dias de um novo ano na figura de Rubem Alves, cuja obra o torna imortal, principalmente pelos seus conceitos sobre o papel da escola e dos educadores.

Creio que esta opção ocorre também por ter entre minhas leituras atuais uma biografia de Rubem Alves, “É uma pena não viver”, do escritor Gonçalo Júnior, editora Planeta, 2015. O autor escreveu a melhor biografia do prêmio Jabuti 2011: Alceu Penna e as garotas do Brasil, editado pela Manole. Do livro biográfico sobre Rubem Alves, pincei uma frase a qual

resume sua vida: “Nossa simples missão é semear sonhos e esperanças nos corações humanos”. Bom seria se essa missão fosse adotada no âmbito mais amplo possível, de modo a se tornar uma semente do bem, dístico e escudo contra a temida “banalidade do mal”, na expressão de Hannah Arendt.

Rubem Alves nasceu em 15 de setembro de 1933, na cidade Boa Esperança-MG, e morreu em Campinas-SP, em 19 de julho de 2014. Em 1945, a família mudou-se para o Rio de Janeiro, quando ele sofreu chacota dos colegas da escola pelo intenso sotaque mineiro. Optou pelo caminho da religião, estudou Teologia no Seminário Presbiteriano de Campinas e exerceu as funções de Pastor por vários anos. Casou-se com Lídia, em 1959, com quem teve três filhos. Fez mestrado nos Estados Unidos, deixando mulher e filhos no Brasil, por não ter condições para levá-los. Em 1965, resoluto nas suas ideias inovadoras e com receio do Governo Militar, voltou àquele país, para cursar Doutorado na Universidade de Princeton. Ao retornar, em 1969, sem renda própria, morou na casa dos sogros, e, algum tempo depois, tornou-se professor da Unicamp.

Admiro Rubem Alves, o escritor de muitos livros, o pensador, o filósofo e, sobretudo, o educador. Ele pregava o valor da escola que instiga a criança e o ser humano, ao longo da vida, ao pensamento, à curiosidade, à reflexão crítica, criativa e profunda. Para ele, todo o conhecimento deve ser uma porta aberta à aventura

do saber, um saber que não é uma posse, mas que se estende, partilha-se, como um dom que circula entre todos, “sem precisar ser propriedade de ninguém”. Rubem Alves dizia que ser mestre é ensinar a felicidade. Existem muitas frases suas sobre as escolas, mas destaco a seguinte: “Para isso existem as escolas: não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas. As respostas nos permitem andar sobre a terra firme mas somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido”.

Dá tristeza olhar para o quadro da educação básica do Brasil. Mas o Ideb mostra experiências que dão alegria e esperança. Portanto, há solução, e não precisa ir longe para encontrá-la, pois ela está bem próxima e fala a nossa língua, em ilhas de sucesso dentro do próprio país.

***14 de janeiro de 2016***

## O sonho de Stefan Zweig

**C**arlos Heitor Cony consegue a proeza de transmitir, em poucas linhas, muitas ideias claras, com uma escrita de pensamento refinado. Sua ampla cultura favorece essa magia de dizer tanto em tão pequeno espaço, a exemplo das suas crônicas publicadas na Folha de S. Paulo. Há poucos dias, em uma dessas crônicas, Cony relembrou Stefan Zweig (1881-1942) que sonhava com uma condição humana única e solidária, com um mundo no qual as pessoas se movessem de um país para outro sem entraves nem barreiras. Portanto, um total contraste com o atual drama vivido pelas levas de refugiados na Europa.

Fiquei a pensar a respeito desse sonho de Stefan Zweig, de um mundo sem tanta divisão, mais coeso, cooperativo e altruísta. Decidi, então, reler o livro “Autobiografia: o mundo de ontem”, o último desse famoso escritor, entre os mais de 50 que deixou como legado imortal para a humanidade, sendo algumas obras-primas. Zweig escreveu esse livro no curto período em que residiu no Brasil, de agosto de 1941 a fevereiro de 1942. Ele e sua segunda esposa, Lotte, mataram-se

dentro do bangalô no qual moraram, na rua Gonçalves Dias, 34, na cidade de Petrópolis, RJ, transformado em museu – Casa Stefan Zweig – desde 2006, sob a direção do jornalista Alberto Dines. No prefácio do livro “Autobiografia: o mundo de ontem”, Alberto Dines afirma que essas memórias o autor terminou de escrevê-las pouco antes de tomar a dose letal de sedativos. Dines alega que, no geral, os escritores só redigem os prólogos depois do ponto final do conjunto da obra. E chama a atenção para as últimas palavras do prólogo, escrito pelo próprio autor: “Portanto, recordações, falem e escolham no meu lugar, e forneçam ao menos um reflexo da minha vida antes que ela submerja nas trevas!”

Durante vários anos da primeira metade do século passado, Stefan Zweig foi um dos autores mais vendidos e um dos mais famosos escritores do mundo. Em suas memórias, ele diz que alguns títulos seus chegaram a vender mais de 20 mil exemplares em poucos dias. Austríaco, judeu, humanista e pacifista, sentiu de perto os efeitos nocivos das duas grandes guerras do século XX. A primeira – 1914 a 1918 – fez-lhe sofrer pela agressão às suas convicções de pacifista, conforme ele mesmo afirmou: “[...] parecia-me um anacronismo criminoso no século XX ser treinado para manejar instrumentos assassinos”. Na 2ª Grande Guerra, Zweig sofreu muito mais, apesar de vivê-la por menor tempo, pois a sua morte ocorreu em 23 de fevereiro de 1942. Foi vítima do nazismo, por sua condição de austríaco e

de judeu, e amargou, pela segunda vez, a dor do ultraje às suas convicções de pacifista e humanista. Ele não entendia que tipo de humanidade era essa, na qual as pessoas tinham de ter provas de pertencerem ao mundo; ele, cosmopolita convicto, que sonhou com um planeta sem fronteiras e sem passaportes, com uma Europa única, tema presente na crônica de Cony, citada no começo deste texto.

A obra em apreço é o canto do cisne de Stefan Zweig, cuja fonte foi tão somente a memória do autor. E ele mesmo assim diz: “[...] essas minhas recordações escrevo-as no estrangeiro e sem o menor auxílio. De todo o meu passado, portanto, só tenho comigo o que carrego atrás da testa”.

*25 de fevereiro de 2016*

## Honras a Varela Santiago\*

**A**o buscarmos na lembrança o cenário humano de Natal, surgem nomes de vários médicos cujas figuras se destacam pelo ideal de servir à sua terra. Não me refiro somente à prática humanista da profissão, longe da ambição material, mas, sobretudo, pelas benesses deixadas para a posteridade, ao usarem suas condições de líderes, de beneméritos natos, de pessoas solidárias e plenas de virtudes. Eis alguns nomes de médicos que a história registra no rol de grandes benfeitores da cidade: Januário Cicco, Onofre Lopes da Silva, Luiz Antônio dos Santos Lima, José Tavares, Clovis Travassos Sarinho, João da Costa Machado, entre outros.

Uma figura humana também se sobressai nesse rol de beneméritos da medicina, no afã de ajudar o poder público a melhorar as condições de saúde das populações mais pobres: Manoel Varela Santiago Sobrinho (1885-1977). Conheci-o já longevo e o admirei ao longe, pois não tive com ele encontro pessoal, embora fôssemos colegas médicos. Mas, ao tempo em que exerci as funções de professor de medicina,

cheguei a ministrar – de maneira fortuita –, aulas práticas no Hospital Infantil Varela Santiago, a principal obra por ele criada, que presta enormes serviços de saúde à infância do Estado. A história desse Hospital, que em breve será contada em livro escrito pela Dra. Zélia Fernandes, médica exemplar em bondade e em competência, é uma saga de muita luta para vencer barreiras, e de muito trabalho a favor da saúde infantil, com o apoio de pessoas abnegadas e de coragem, a exemplo do atual Diretor, o médico Paulo Xavier da Trindade. É de se destacar, também, o nome do Dr. Manoel de Medeiros Brito, atual presidente da entidade mantenedora, decano na prestação de serviços filantrópicos ao Hospital.

Varela Santiago foi casado com a senhora Maria de Lourdes Lamartine de Farias, e o casal não teve filhos. Formou-se médico no Rio de Janeiro e exerceu a profissão nos moldes humanísticos, além de se dedicar à pesquisa e às demandas sociais, a exemplo da criação do Hospital que leva o seu nome. Numa época em que grassava a hanseníase, fundou e dirigiu a Sociedade de Assistência aos Lázarus e Defesa Contra a Lepra do RN, o conhecido Leprosário, ainda hoje existente. Exerceu cargo semelhante ao de Secretário de Estado da Saúde, nos Governos de José Augusto Bezerra de Medeiros e de Juvenal Lamartine de Faria. Recebeu diversos títulos honoríficos, entre os quais o de Professor Honorário da antiga Faculdade de Medicina de Natal.

Nossos destinos voltaram a se encontrar em 1997, quando cheguei à Liga de Ensino do RN, para criar o projeto da FARN – hoje UNI-RN –, instalada em 1999. Ele foi o presidente da Liga que por mais tempo exerceu a função – 30 anos –, com uma pauta notável de realizações. Professor da Escola Doméstica de Natal por muitos anos, criou o serviço de Puericultura em 1919, e foi um dos pioneiros, no Brasil, do ensino de Psicologia. Descobriu o talento de Noilde Ramalho, quando, em 1945, nomeou-a Diretora da ED. Varela Santiago e Noilde Ramalho são os principais artífices da doação à Liga, pelo Estado, do terreno no qual se situa o campus UNI-RN – ED – HC.

\* Texto para integrar o livro da história do Hospital Infantil Varela Santiago, escrito pela Dra. Zélia Fernandes.

**07 de abril de 2016**

Acervo do UNI-RN



Manoel Varela Santiago Sobrinho  
(1885-1977)

## Cascudo e Maquiavel

**N**o encontro de Câmara Cascudo com Nicolau Maquiavel, houve interessante diálogo entre os dois. Como explicar tal desatino? Ora, Câmara Cascudo nasceu em 1898 e faleceu em 1986, dedicou-se ao estudo da cultura popular brasileira, sendo exaltado na condição de professor, etnógrafo, antropólogo, biógrafo, historiador e escritor; Nicolau Maquiavel nasceu em 1469 e faleceu em 1527, dedicou-se ao estudo da política e da natureza humana, com foco na ambição e no poder. Sua terra natal é Florença, na Itália, mas desenvolveu missões em outros países europeus. Dessa forma, diante de tempo e de espaço tão díspares, como atinar para esse fantástico encontro? Bom, pode-se pensar em evento espiritual, dentro da lógica dos adeptos de Allan Kardec, mas não se trata de algo nesse campo. Na verdade, o relato desse encontro foi feito pelo próprio Câmara Cascudo, e consta no seu livro “Prelúdio e fuga do real”, cuja primeira edição é de 1974.

É por demais sabido que a obra de Câmara Cascudo, voltada com ênfase para a cultura popular, para o folclore e para a antropologia cultural, fruto de intensa

pesquisa etnográfica e de profundos estudos, é também permeada por evidente erudição. Numa época sem o suporte dos atuais avanços tecnológicos, ele foi capaz de produzir o conjunto de uma obra única, definitiva e tão extensa, fascinante pela riqueza de conhecimentos e de saberes regionais e universais, bem como pelo uso constante de uma linguagem literária. Em texto publicado no livro “Casculo: guardião das nossas tradições”, organização da professora Isaura Amélia Rosado Maia, o ilustre escritor Tarcísio Gurgel cita a obra “Prelúdio e fuga do real”, quando comenta o perfil intelectual de Casculo, no qual não se separam a cultura popular e a cultura erudita.

Nesse livro de ficção, o professor, que é o narrador e alter-ego de Câmara Casculo, tem encontros e conversas com autores ou personagens famosos e muito conhecidos na história humana e na literatura mundial. Para citar somente alguns desses autores e personagens com quem o Professor, ou seja, Câmara Casculo se encontrou e manteve uma conversa: Nicolau Maquiavel, Dom Quixote de la Mancha, Jean-Jacques Rousseau, Ramsés II, Erasmo de Roterdã, Nostradamus, Imperador Juliano, um Centauro, e muito mais. Tarcísio Gurgel diz que a leitura desses fantasiosos encontros são aulas de erudição e um maravilhoso exercício lúdico.

No tocante a Maquiavel, o autor relata que o professor – alter-ego de Casculo – encontrou, na Praça Augusto Severo, um “homem robusto, cabeça de abóbora

lilás, testa ampla, grisalho, nariz longo, sorriso irônico e triste. Saúda-me, diz meu nome e que ía para a nossa casa. Viemos juntos, silenciosos. Subindo a escada, apresenta-se: Niccolò Machiavelli!” Surpreso e como boas-vindas, o professor faz alusão à obra *O Príncipe*, escrito nos primeiros anos do século XVI. A palavra volta para Maquiavel: “[...] Quem ignora maquiavelismo? Sou sinônimo de criatura acima do bem e do mal, coração de bronze, mão de ferro, língua de prata. Aconselhei crimes, preguei o cinismo, sugeri felonias, doutrinei maldades. Não tive pudor, ternura, piedade, alegria.” E seguem precisos e deliciosos conceitos sobre Maquiavel e sua obra. Ao final, o homem de Florença diz – Addio, professore, seguindo-se a resposta: Arrivederci, Messer Machiavelli! [...]

*14 de julho de 2016*

Acervo do Ludovicus  
-Instituto Câmara Cascudo, Natal-RN



Luís da Câmara Cascudo  
(1898-1986)

Foto do final da década de  
1930, com condecorações  
recebidas em Portugal

## Meio século do Crutac

**O** Crutac, Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária, foi instalado em 02 de agosto de 1966, portanto, há 50 anos. Participei do evento, o qual ocorreu em Santa Cruz-RN, no Hospital geral da cidade, local que serviu de apoio às principais ações na fase inicial do recém-criado programa da UFRN. Santa Cruz e as pequenas urbes vizinhas estavam em festas e ansiosas, à espera da presença da Universidade e dos seus diversos setores e atores, dispostos a participarem na promoção da qualidade de vida da região do Trairí. Quem era o ator principal de toda aquela jornada humana? Quem era o cavaleiro andante que andava com os pés firmes no chão, cheio de sonhos e ideais certos para conquistar? Óbvio, era Onofre Lopes da Silva, fundador e primeiro Reitor da UFRN, que se tornou um dos maiores benfeitores do seu Estado.

A nova sigla logo se afirmou e o nome do Programa expressava a ideia central de envolver a Universidade em ações na área rural, por meio de um grande projeto de extensão acadêmica. Longe de abrigar objetivos assistencialistas, às vezes movidos por metas

eleitoreiras, o Crutac trazia o foco único da promoção social. As ações cresciam em relevância por reunir alunos das diversas áreas da UFRN, na busca de torná-los cidadãos mais conscientes e mais aptos para lidarem com suas responsabilidades sociais, não somente na fase de graduação, mas também – e sobretudo – após receberem seus diplomas e passarem a exercer as diversas profissões.

Onofre Lopes era um líder ousado e de forte carisma, cuja palavra tinha a força de tocar e de repercutir na emoção e na mente dos ouvintes. Essa certeza já se provara anos antes, quando ele, com exemplos e com palavras certas, conseguiu empolgar muitos nordestinos, na fase da fundação e da instalação da UFRN. Pouco tempo depois, com a Universidade já federalizada, nova campanha Onofre Lopes levou avante, no intuito de convencer os diversos setores da UFRN a se engajarem, de corpo e alma, nessa outra luta para a criação do Crutac. Vi de perto, na condição de médico do projeto, desde a sua fase mais precoce, o quanto a instituição aderiu e se mobilizou, a fim de atender aquela cruzada a favor do bem comum, sob a guarda de uma universidade com fortes raízes telúricas, mas sem deixar de ser universal.

“Há tempo para todo o propósito debaixo do céu.” Meio século já se foi, desde que o Crutac deixou de ser apenas uma ideia e passou à prática, com expansão posterior para grande número de instituições do Brasil. Seu

rápido sucesso mostrou o quanto era oportuno. Esse sucesso deve-se também creditar a todos os que se dedicaram ao projeto, aos pioneiros e às gerações seguintes, pela devoção e pelo amor à tarefa. Durante os primeiros tempos, na fase heroica do Crutac, registraram-se fatos e histórias memoráveis, com todos os participantes a fazerem o melhor, pois o ideal de servir estava à frente de qualquer ambição de proveito pessoal, como se uma forte mística pairasse sobre aquele ambiente de trabalho. Hoje, adaptado às condições atuais, deve servir de fonte de reflexão sobre o papel das universidades no mundo moderno, e de como elas podem se voltar para o seu meio social. No apagar das 50 velinhas, aplausos para o Crutac, orgulho da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

*14 de julho de 2016*

## Honras a Ernani Rosado

**A** morte de um amigo sempre desperta uma amarga emoção de perda. À medida que a idade avança, o ser humano sente aumentar a lista de pessoas ligadas pelo afeto e pelo bem-querer que partiram para a eterna viagem. Mesmo com a repetição desses eventos tristes, ao longo do tempo, mesmo com a lembrança das palavras do Eclesiastes, quando diz haver tempo de nascer e tempo de morrer, a sensação de desalento é inevitável, face à perda de alguém da nossa afeição. É o caso da morte recente do colega e amigo Ernani Rosado. Todos os seus muitos amigos, solidários à profunda dor da família, com certeza viveram e ainda vivem o choque da notícia inelutável, já envoltos na saudade de um convívio fraterno, ameno, inteligente e afável, que a sua presença era capaz de despertar. E os seus clientes, aqueles que tiveram a vida prolongada graças aos seus sábios cuidados médicos, graças aos seus precisos e hábeis manejos de um bisturi? E os seus ex-alunos, aqueles que receberam lições de um verdadeiro mestre da medicina, não somente no âmbito da ciência, mas também nos ditames da arte e

do humanismo? Estão todos abalados, no lamento sincero nascido da estima, do respeito e da gratidão.

Nessas horas, até ideias meio estranhas podem ocorrer: certas pessoas, a exemplo de Ernani Rosado, não deveriam morrer. Como é que uma pessoa tão plena de conhecimentos, tão apta para ensinar e para aprender, com tantas boas vivências a transmitir, de repente, desaparece? Como é que um ser humano de tantas qualidades, que na vida só ensinou e só praticou o bem, e que serviu de exemplo para várias gerações, de repente, deixa de existir? Bom seria se houvesse exceções às palavras do Eclesiastes, porém, devemos pensar na fragilidade do corpo, e crer na alma e na vida eterna. E acreditar com o coração nas palavras de Cristo: “Na casa do meu Pai há muitas moradas”.

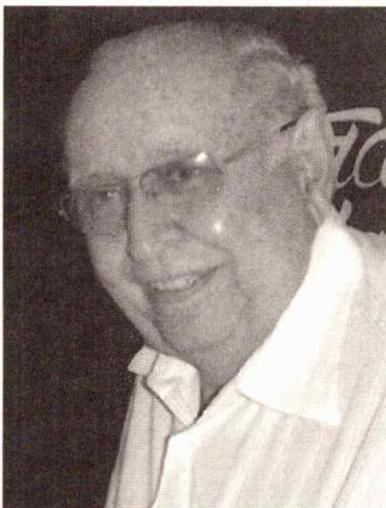
Natural de Mossoró, Ernani Rosado nasceu em 1934 e se formou em Medicina na UFPE, em 1957; foi o laureado e o orador da sua turma. Fluente em inglês e formado em Letras, era também cultor da sétima arte. Professor de Clínica Cirúrgica do Curso Médico da UFRN, integrou várias instituições vinculadas à Clínica Cirúrgica, no Brasil e no exterior, entre as quais o Colégio Brasileiro de Cirurgiões, e o International College of Surgeons. Membro e fundador da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte e da Academia Norte-Rio-Grandense de Ciências, além de integrante da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Autor de dezenas de artigos médicos e de dois livros: “O tempo que não passou” e “A memória permanente”.

Sobre o escritor Ernani Rosado, disse o Acadêmico Cláudio Emerenciano, que o saudou na posse da ANRL: “Seus artigos, discursos e conferências são crônicas sobre a vida. Da vida que não descansa e não se imobiliza nunca”.

Fui seu aluno, apesar da pequena diferença de idade. Gostava de lembrar que a minha turma – 1965 – foi a primeira a homenageá-lo. Ernani Rosado talvez tenha sido o professor com maior número de homenagens das turmas concluintes de medicina da UFRN. A nós, seus colegas e amigos, resta-nos dar graças por podermos guardar as lembranças de uma vida exemplar. Com os seus entes queridos mais próximos, ficam o conforto e o alento de poderem preservar a memória de um ser humano de tantas virtudes, a quem se atribui tão altos, justos e unânimes louvores.

*20 de outubro de 2016*

Acervo do autor



Carlos Ernâni Rosado Soares  
(1934-2016)

## Albert Sabin e Heloísa

**N**o romance *Nêmesis*, do grande escritor norte-americano Philip Roth, cujo enredo se baseia em intenso surto de poliomielite que assolou o estado de New Jersey – Estados Unidos –, em 1944, o narrador comenta sobre as três maiores ameaças, à época, na face da terra: a guerra, a bomba atômica e a poliomielite. De fato, essa terrível virose era um flagelo global, cujas vítimas podiam ser crianças, jovens e adultos, apesar do termo paralisia infantil. O exemplo mais conhecido no mundo, entre os adultos, é o caso do presidente dos Estados Unidos Franklin Delano Roosevelt, que contraiu a virose aos 39 anos. Em janeiro de 1943, Roosevelt veio a Natal a fim de se encontrar com o presidente do Brasil, Getúlio Vargas. Pouco tempo depois do famoso encontro em Natal, Getúlio Vargas perdia um filho de 23 anos, apenas 10 dias após adoecer de poliomielite aguda. Hoje, felizmente, o cenário é outro, para essa e para outras doenças infecciosas, as quais estão sob controle graças ao uso das vacinas. No caso da pólio, dois nomes são ícones na descoberta da vacina: Jones Salk (1914-1995) e Albert Sabin (1906-1993).

Portanto, são dois heróis, Sabin e Salk, na batalha mundial para a erradicação da pólio, por meio de vacinas. Ambos abriram mão dos direitos de patentes, a fim de tornarem mais viáveis as campanhas maciças de vacinação, no intuito de salvar os seres humanos desse flagelo, o que, depois de mais de 50 anos, está bem perto de se concretizar. Salk saiu na frente, e sua vacina injetável de vírus mortos começou a ser usada nos Estados Unidos a partir de 1955, e, ainda hoje, é a preferida no país. A vacina Sabin, de vírus vivos atenuados, por via oral, só recebeu a chancela para uso público nos primeiros anos da década de 1960. No Brasil, a partir da década de 1970, esse tipo de vacina passou a fazer parte do programa de imunização do sistema público de saúde, com ótimos resultados para a erradicação da pólio. Nos dias atuais, renovam-se os estudos sobre a correta opção por um ou outro tipo da vacina, a depender de cada caso e circunstância.

A vida de Albert Sabin tem muito a ver com o Brasil, porquanto ele se casou com uma brasileira – Heloísa Dunshee de Abranches Sabin (1917-2016) –, sua terceira esposa. A morte de Heloísa, há poucos dias, mereceu o registro do obituário da Folha de S. Paulo, em texto assinado por Marcelo Ninio, de Washington. Ela morreu na capital dos Estados Unidos, em 12/10/2016, onde vivia sozinha – há 4 anos, morava em uma casa de idosos –, desde que ficou viúva de Albert Sabin, em 1993. Logo depois da viuvez, criou o

Instituto Sabin de Vacinas, a fim de preservar a missão do esposo no combate e na prevenção de doenças infecciosas, em todo o planeta.

Em face da opção dos Estados Unidos pela vacina Salk – injetável –, o médico e cientista Sabin procurou outros países para provar a eficácia da vacinação por via oral, vindo ao Brasil por diversas vezes, nas décadas de 1960 e 1970, época em que conheceu Heloísa em uma festa no Rio de Janeiro. Aos 54 anos, Helô – como gostava de ser chamada – era desquitada e mãe de dois filhos. Albert Sabin, 10 anos mais velho, tinha dois filhos e dois casamentos prévios. Sabin e Helô logo se uniram e se casaram, não somente para, sob o amor dos dois, formarem um feliz casal, mas também para levarem avante o ideal comum de livrar tantas pessoas da temida pólio, ao redor do mundo.

***17 de novembro de 2016***

# Honras a Dorian Gray Caldas

**A**pós a morte de Dorian Gray Caldas, li algumas crônicas a respeito da sua vida, todas em honras aos méritos do brilhante escritor, poeta e artista plástico, além do perfil pessoal dessa grande figura humana, que se encantou em 23 de janeiro de 2017. É sempre assim, deixa-se para depois da morte os tantos louvores os quais podem ser vistos como tardios, pois já não chegam em vida àquelas pessoas do nosso afeto e da nossa admiração. Porém, os seres humanos não se acabam com a morte, prolongam-se através das suas virtudes, e dos seus exemplos, mantêm-se vivos nas mentes e nas emoções das pessoas mais próximas, bem como em quantos foram envolvidos pela convivência ou em reflexões comuns. Essa ideia avulta quando a pessoa que passou para a outra dimensão deixa uma obra perene, porquanto é unânime o sentimento de que são imortais o perfil humano e o legado intelectual de Dorian Gray Caldas.

Não me atrevo a comentar em detalhes as obras desse prolífico autor. Seus trabalhos artísticos estão espalhados pelo Brasil e em alguns centros ao redor do

planeta. Em entrevista a respeito de escritores, Truman Capote definiu: “Seu estilo é você”, ou seja, os escritos revelam a humanidade do escritor, seu olhar perante as vivências do mundo. O mesmo é válido para as artes de um modo geral. Por ser Dorian Gray Caldas um artista múltiplo, da cor, da forma e da palavra escrita, existe um fio condutor de perspectiva, de luz e de sombra em tudo o que ele brilhantemente produziu. Seus valores, suas crenças, seu amor pleno, sua pureza, sensibilidade, devoções, a nordestinidade, a cultura universal, a bondade, o lirismo, os sonhos, enfim, a humanidade de Dorian Gray perpetua-se no tempo e confere-lhe glórias perenes, por meio de suas sublimes criações.

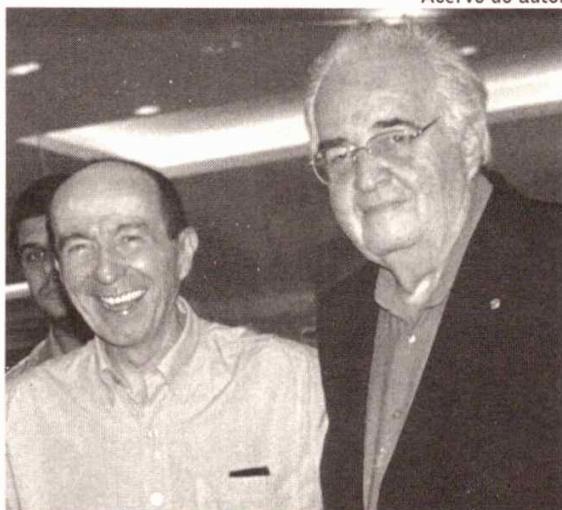
Por cerca de 50 anos mantive boa amizade com Dorian e com sua querida família, e foi crescente minha admiração pelo seu trabalho intelectual. Todos – ou quase todos – os livros de sua autoria integram o meu acervo particular, além de várias obras de pintura e tapeçaria. Em 1987, logo depois de assumir o cargo de Reitor da UFRN, a Universidade realizou uma exposição de artes plásticas do RN no Rio de Janeiro, na sede da Academia Brasileira de Letras, com a presença de Dorian Gray Caldas, entre outros artistas da nossa terra. Em 1989 – com o apoio do Professor Antonio Marques de Carvalho – envidei esforços para a edição pela Editora da UFRN do seu livro *Artes Plásticas do Rio Grande do Norte*, uma obra definitiva nessa área. Em 1990, sob os aplausos do escritor Veríssimo de Melo,

tive a honra de convidar Dorian Gray para produzir um grande painel em homenagem ao fundador e primeiro Reitor da Universidade, Onofre Lopes. Desde então, lá está a monumental obra, na sala do Reitor, criação genial de Dorian Gray Caldas. Cerca de uma década atrás, ele criou um belíssimo painel de 9 m<sup>2</sup>, tendo Freud em primeiro plano, que está no hall de entrada das Clínicas Integradas do UNI-RN.

Agradeço a Deus pela longa amizade que mantive com Dorian Gray Caldas, e pelas gratas oportunidades para difundir um pouco a obra desse notável escritor, artista e poeta. Do seu livro *Artes Plásticas do Rio Grande do Norte*, retirei a frase de R. Maria Rilke: “São as obras de arte existências secretas, cuja vida permanece ao lado da nossa que passa”.

*09 de fevereiro de 2017*

Acervo do autor



Dorian Gray Caldas  
(1930-2017)

Dorian Gray Caldas  
em evento social,  
ao lado do autor

## Honras ao livro (1)

**O** ser humano distingue-se pela inteligência e criatividade, pela ambição por novos conhecimentos e pela ânsia de registrar, por meio da palavra falada ou escrita, o produto ou o prodígio nascidos no âmago da sua mente e da sua alma. Cingidos à criação, preservação e difusão de ideias estão os livros e as bibliotecas – mesmo nos tempos digitais –, símbolos maiores da própria grandeza espiritual do homem, criado à imagem e à semelhança de Deus.

Ao escrever sobre a relevância do livro e da biblioteca, relembro e repasso amena passagem a mim contada pela saudosa professora Noilde Ramalho. Pouco tempo depois da morte de Henrique Castriciano de Sousa (1874-1947), seu irmão Eloy de Souza (1873-1959) procurou-a no intuito de doar à Escola Doméstica de Natal grande parte do acervo do Dr. Henrique. À época, a Escola mantinha uma égua, com cangalha e dois caçuás, para fazer o transporte de todas as compras da ED, além de outras demandas. O animal estava sob o comando de diligente funcionário chamado Raimundo. Professora Noilde, então, mandou buscar os livros de

HC, e entregou a tarefa a Raimundo, com o uso da égua e dos singelos acessórios. Depois da terceira viagem, trazendo os caçuaís cheios, Raimundo disse para a diretora da Escola Doméstica: “Dona Noilde, já sei de que esse homem morreu; foi de tanto ler, dona Noilde.” Henrique Castriciano é um exemplo de amor aos livros. Seu acervo era enriquecido por famosas obras em francês, idioma sobre o qual ele detinha total domínio. Na sua época, foi o mais destacado homem de letras do Estado, e as constantes e seletas leituras foram essenciais para a sua vasta formação cultural e humanística, revelada na excelente produção em prosa e em poesia. Foi HC quem primeiro motivou e orientou Câmara Cascudo a se dedicar, intensamente, ao mundo das letras. No sentido oposto à frase do ingênuo Raimundo, foram os livros e as leituras que levaram Castriciano a se tornar um ser imortal.

O livro infanto-juvenil, no nosso país, é festejado a cada 18 de abril, dia do nascimento do escritor Monteiro Lobato (1882-1948), nome maior desse tipo de literatura no Brasil. As histórias por ele criadas, por meio de dezenas de livros, muito fizeram e ainda fazem para ampliar a cultura de crianças, jovens e adultos, em diversos campos do conhecimento humano, e na formação cidadã, ao longo de várias gerações. A série da TV – O Sítio do Picapau Amarelo – manteve inesquecíveis os personagens por ele criados. Permitam-me lembrar do meu neto Thiago que, na idade de 6/7 anos, sempre com uma baladeira no pescoço, só atendia pelo nome de

Pedrinho, jamais de Thiaguinho. Monteiro Lobato criou a frase lapidar: “Um país se faz com homens e livros”.

A data de 23 de abril marca o dia do livro, no âmbito global. A escolha foi da UNESCO e se fez porque nessa data, em 1616, morreram William Shakespeare e Miguel de Cervantes. Termine esta página sobre o livro e a biblioteca, prestando-lhes as devidas honras, com as palavras do escritor e médico norte-rio-grandense Esmeraldo Siqueira: “Ali está o milagre supremo da civilização, a perpetuação da cultura, a continuidade da alma e do espírito humanos no que eles têm de mais nobre e de mais belo. São os livros o penhor desse prodígio.”

*20 de abril de 2017*

## Honras ao livro (2)

**N**ão se sabe precisar, mas, por volta de 4000 a.C., os seres humanos aprenderam a escrever. Cerca de um milênio depois, surgiram os hieróglifos egípcios, enquanto a escrita alfabética chegou em torno de mil anos antes de Cristo. Para alguns pesquisadores, a invenção da escrita foi o avanço tecnológico mais significativo da história da humanidade. No entanto, os escritos precisavam ser guardados, as ideias criadas careciam de vencer o tempo. Porém, como escrever e guardar? O homem, então, descobriu que tiras do caule de algumas plantas poderiam servir de base para seus manuscritos, e esse arranjo foi chamado de papiro, que deu lugar ao pergaminho feito de pele de certos animais, portanto, uma base mais firme e mais duradora. Tanto o papiro quanto o pergaminho não tinham o formato de páginas sucessivas, e eram longas folhas guardadas em forma de rolos. Assim, veio a necessidade de preservar essa preciosa dádiva, e surgiram as bibliotecas, o lugar onde os papiros e os pergaminhos ficavam, a fim de servirem para leituras eventuais, além de garantirem a evolução do saber ao longo do tempo.

A principal biblioteca do mundo com esse tipo de material foi a de Alexandria, maior guardiã cultural da Antiguidade, um tesouro que existiu alguns séculos antes e depois de Cristo, destruído por incêndios nunca elucidados. Por volta do século III d.C., pouco depois de os chineses descobrirem o papel, ficou fácil o uso do códice, ou seja, as folhas desse produto passaram a ser reunidas em páginas presas umas às outras, as quais poderiam ser lidas em sequência com seus textos manuscritos. O códice, portanto, foi grande passo para um dos maiores inventos da humanidade: o livro. Esse avanço foi crucial para a difusão da Doutrina de Cristo.

A escrita passou a ter mais fluidez, surgiram parágrafos, capítulos e sumários, além de outras vantagens para uma boa leitura. Na década de 1450, uma revolução ocorreu no mundo dos livros, quando o alemão Johannes Gutenberg inventou a prensa de tipos móveis. A máquina impressora de Gutenberg tornou possível a produção de livros, ou de qualquer impresso, em grandes séries. Os tipos móveis metálicos deram velocidade ao processo de impressão em um grande número de cópias. Por cerca de cinco séculos, os princípios da prensa móvel permaneceram os mesmos, com raras exceções, e houve a expansão dos livros, da leitura, da ciência e da educação. Foi a época de grandes avanços humanos, haja vista o Renascimento, o Iluminismo, e Revolução Industrial, o

florescer dos Direitos Humanos, entre muitos outros. Somente na década de 1990, a gráfica de tipo móvel começou a perder sua majestade, diante da Internet.

Quando se olha para a história do livro, notam-se as diferentes velocidades das mudanças: da invenção da escrita ao códice passaram-se 4.000 anos; do códice aos tipos metálicos de Gutenberg, foram 1.300 anos; Da prensa móvel à Internet, decorreram cerca de cinco séculos. Depois da internet, as mudanças passaram a ser super-velozes: da Web aos buscadores, foram 17 anos, e destes ao algoritmo avançado do Google, somente seis. Hoje, o conhecimento está à disposição de todos, em tempo real, mas o livro, tanto digital quanto em papel, continua a ser a fonte mágica do saber humano.

*04 de maio de 2017*

## A entrevista de Susan Gubar

**S**usan Gubar, escritora norte-americana, é professora emérita da Universidade de Indiana. Em 2009, Gubar, aos 65 anos, aposentou-se devido a um câncer avançado de ovário, e submeteu-se a uma cirurgia para remoção dos ovários, apêndice, útero, trompas e parte do intestino. Em 2012, ela escreveu o livro *Memoir of a Debulked Woman – Memória de uma mulher estripada –*, o qual foi listado entre os melhores do ano pelo *New York Times*. Além do tratamento tradicional para esse tipo de tumor, passou a receber terapia experimental, a partir de 2012, por meio do centro de estudos de câncer da Universidade de Indiana, nos Estados Unidos. Susan Gubar foi palestrante no Fórum “A jornada do paciente com câncer”, realizado pela Folha de S. Paulo, e concedeu entrevista ao jornal, cujo teor foi publicado na edição de 27 de abril de 2017.

A entrevista – a respeito da qual faço aqui rápidos comentários –, feita por Christiana Mariani, começa com uma pergunta voltada para o motivo que levou Gubar a escrever sobre sua experiência com a doença. Na resposta, revela que o seu diário escrito durante o

tratamento tornou-se para ela uma tábua de salvação, até porque não confiava na memória, devido aos efeitos das muitas drogas usadas. Diz ainda que no diário podia extravasar seus temores, sem, contudo, alarmar a família e os amigos. De minha parte, que enfrentei longo tratamento de dois tipos diferentes de câncer – estou em fase de remissão e acompanhamento –, fico a pensar o quanto me teria sido útil a escrita de um diário, até como barreira ao estresse. Aliás, vejo na escrita, sobre qualquer assunto, uma das melhores maneiras de nos proteger dos estresses do dia a dia.

Em certo ponto da entrevista, Gubar compara entre evitar a verdade ou ser aberto e sincero acerca da condição e da doença que a pessoa enfrenta. A escritora pensa que isso depende de cada um e das suas circunstâncias. A minha opção foi sempre a de expressar a verdade, como forma de manter-me alerta na busca de forças de superação, tenham elas origem próprias ou vindas de boas energias alheias. Além disso, os doentes e suas famílias precisam estar prontos para o pior, porém, sem nunca perderem o otimismo e a vontade de vencer. Não há dúvidas de que doenças graves, a exemplo de alguns cânceres, influem para mudanças na forma de ver a vida e o mundo. Sobre esse tema, a minha percepção em nada difere de Susan Gubar. Aviva-se na nossa mente a sensação de que somos mortais e passamos a cuidar melhor do corpo, da alma, das amizades e do bem-querer. A face espiritual se torna mais forte, e

deixamos de lado tudo o que é tóxico para nós e para os outros. Próximo ao final da entrevista, Gubar cita a escritora Susan Sontag (1933-2004), para dizer que ela considerava ser inimaginável a ideia de extinção, e, por isso, muito sofreu com prolongado e inútil tratamento para a leucemia aguda que a fez sucumbir. E arremata: “Quando eu estiver diante de uma situação terminal, pretendo me submeter apenas a cuidados paliativos”.

Hoje, o tratamento do câncer muito avançou, com grandes melhoras no prognóstico. Porém, sempre será preciso: a) seguir com rigor a prescrição médica; b) manter a altivez perante a ameaça da doença; c) aprofundar a fé em Deus, confiar nas próprias orações e receber, de forma integral – você percebe isso –, a força que lhe transmitem as preces de outrem em sua intenção.

***18 de maio de 2017***

## Carta para Diógenes

**T**odas as vezes que lhe trato assim, pelo primeiro nome, estranho o tom formal, mas o título do texto não chamaria igual atenção se fosse “Carta para Cunha”, como de fato o é. Há poucos dias, você me telefonou e disse que iria festejar seus 80 anos. Antes, pensara em viajar com a família, um lazer que muito lhe agrada. Porém, após pequeno susto com a saúde, pensou: “não sei quanto tempo tenho pela frente, então, vou reunir a família e amigos para celebrar minhas oito décadas de vida”. Aquela rápida conversa lembrou-me do nosso tempo de meninos em Nova Cruz, você e eu com idades muito próximas, alunos do Educandário Nossa Senhora do Carmo, das freiras franciscanas, nós dois vestidos com a fardinha, calça curta de tecido azul marinho e camisa branca. Não há como esquecer da nossa primeira escola, que agora é um colégio, das queridas irmãs que nos fizeram adentrar o mundo dos estudos e nos transmitiram valores, virtudes e princípios cristãos. Saudades e gratidão também guardamos de três bondosas pessoas – Corina, Lúcia e Hilda – que, em casa, ajudaram dona Nicinha a cuidar dos filhos pequenos.

Nossos dois irmãos mais velhos – Ariam e Gilma – nasceram em Natal; os mais novos – Marcelo e Olindina – nasceram em João Pessoa, e nós dois, os do meio, nascemos em Nova Cruz, cidade equidistante das duas capitais. Pois é, somos nova-cruzenses e nascemos na mesma casa, pelas mãos da mesma parteira, com intervalo de um ano e alguns meses. Jogamos muitas peladas de futebol no campo da Lagoinha, brincamos com castanha de caju, com “cédulas” de papel de cigarro, com carros de puxar e outros brinquedos da época. Algumas das suas roupas eu as aproveitava, e até os livros do colégio. Criança bem pequena, você era meio zangado – lembra-se? –, dentro do estilo: fácil de se irritar e difícil de serenar. Talvez a asma que tanto lhe importunou tenha contribuído para isso. Mas toda a “zanga” você gastou na infância, e, à medida da passagem dos anos, você se tornava o oposto, afável, cordial, de sorriso fácil. Nossa mãe dizia que eu demorei a falar de forma clara e que, quase sempre, somente você era capaz de traduzir as minhas palavras, única medida para que eu voltasse à calma. E a loja de papai, que ele tanto amava, ah, a loja, onde vendemos tecidos e aprendemos lições para a vida.

Uma imagem que nunca se apagou das minhas retinas: Cunha Lima – era assim que mamãe lhe chamava – com uma revista ou um livro nas mãos, totalmente preso à leitura. Dali, você não saía para nada, mesmo que fosse para a melhor brincadeira. Fomos criados em

um ambiente de valorização dos estudos e da leitura, mas penso que esse seu apego aos livros é de nascença.

Lembra-se do nosso Anjo da Guarda, visto em um pequeno quadro preso à parede do nosso quarto, na casa de Nova Cruz, com grandes asas e com as mãos a proteger uma criança? Nosso Anjo era bacana, atento e zeloso, mas não evitou que, vez por outra, houvesse entre os dois meninos uma contenda só resolvida no tapa, sem machucar. Porém, logo reinava a mesma paz e o mesmo afeto. Há muitas outras passagens para recordar, mas o limite do texto não permite.

Hoje, proponho que nossa atual escala do tempo avance mais devagar, assim, de 80 para 90, de 90 para 100. E depois dos 100? Aí é outra conversa, os tempos serão outros [...].

*13 de julho de 2017*

## Medicina e literatura (1)

“**N**a medicina como no amor, nem nunca, nem sempre”. Essa frase é recorrente no meio médico e entre os alunos de medicina, desde várias décadas atrás. A mim foi passada pelos meus professores, sendo por alguns citada em francês, pois a minha formação médica ocorreu na década de 1960, época em que ainda era patente a influência da França nas artes, nas ciências e na literatura, ao redor do mundo. Não encontrei o autor dessa máxima que compara o amor e a medicina, porém, como a versão em francês é muito conhecida – *Dans la medicine, comme dans l’amour, ni jamais, ni toujours* –, chego a pensar em uma origem da cultura gaulesa. E o que ela transmite? As palavras reunidas nessa frase passam a ideia de que a incerteza da medicina deve estar na mente do médico, a fim de fazê-lo percorrer caminhos mais seguros, para o diagnóstico, o prognóstico e o tratamento, visando ao bem-estar da pessoa doente. Se isso era válido na prática médica do passado, ainda se mantém nos dias atuais, quando as novas tecnologias passaram a fazer parte marcante do dia a dia da profissão?

Hoje, o que está em voga é a Medicina Baseada em Evidências – MBE –, a qual se apoia em processos científicos, por meio de estudos de natureza estatística e epidemiológica. A prática da MBE, somada ao uso do enorme acervo disponível de exames provindos do avanço tecnológico, além das pesquisas genéticas, permitem dizer que a velha máxima que compara o amor com a medicina já não tem sentido, virou somente um refrão nostálgico e histórico? Essa conclusão não prospera, a começar pela relação médico-paciente, crucial para o êxito de qualquer tratamento. Além disso, o quadro clínico ainda precisa se transformar em relato meticuloso, desde a anamnese, exame físico completo e os antecedentes, a fim de que as tomadas de decisões contenham o maior número possível de acertos. Todo esse cenário exige do médico a aptidão para produzir textos. Assim, a medicina não pode prescindir da palavra escrita, até porque, não sendo uma ciência exata, os registros médicos sempre se impõem para a busca do melhor caminho a seguir.

Portanto, o médico se obriga a trabalhar com a escrita de textos, e isso ele aprende desde os tempos da Faculdade. Esses textos do registro médico, no geral, são um tanto frios, pois devem ser um retrato falado da realidade. Por outro lado, o contato constante com a dor, com o sofrimento, com a doença, com a cura e com a morte, enfim, com emoções intensas, seria causa que influi e induz alguns médicos a se tornarem escritores?

Ícone no Brasil entre os médicos escritores, Moacyr Scliar (1937-2011) cita alguns nomes que preenchem essa condição, nos âmbitos mundial e nacional: François Rabelais, Anton Tchekhov, Conan Doyle, William Carlos Williams, Somerset Mairghaim, Louis-Ferdinand Celine, Jorge de Lima, Miguel Torga, Peregrino Júnior, Pedro Nava, Guimarães Rosa, Cyro Martins e Lobo Antunes. Aqui no Rio Grande do Norte, restrinjo-me a citar apenas os três médicos escritores falecidos em datas mais recentes: José de Anchieta Ferreira, Ernani Rosado e Paulo Bezerra. Em todo o planeta, as letras fascina muitas mentes voltadas à arte de Hipócrates. No entanto, o próprio Scliar pergunta: “É possível estabelecer uma relação precisa, uma associação causal, por assim dizer, entre medicina e literatura?”.

*13 de setembro de 2017*

## Medicina e literatura (2)

**A**o final da crônica anterior, ficou uma pergunta: “É possível estabelecer uma relação precisa, uma associação causal entre medicina e literatura?” Não restam dúvidas de que existe uma afinidade entre medicina e literatura. O uso da palavra escrita é para o escritor uma condição *sine qua non*, bem como é para o médico um meio útil à boa prática da profissão, além de servir como válvula de escape de suas angústias diante dos dramas humanos decorrentes das doenças. O médico e escritor Dráuzio Varela, na introdução do seu livro “Por um fio”, de 2004, profere: “Há muitos anos penso que, se conseguisse construir um caleidoscópio com as histórias dos doentes que conheci na prática da cancerologia, com as reações de seus familiares e amigos próximos, talvez pudesse transformá-lo num livro”. E Dráuzio Varela, a partir desse caleidoscópio, escreveu a própria obra “Por um fio”, além de outras nascidas das fortes emoções da sua vivência médica. Sem ser um atributo próprio da profissão médica, é óbvio, existem múltiplas formas de vínculos entre a medicina e a literatura. É

fácil encontrar médicos que também são escritores, dos quais alguns podem se alinhar entre grandes nomes tanto da literatura nacional quanto da mundial.

Um outro médico e escritor, Moacyr Scliar, cita a teoria da Psicanálise – criação do médico Sigmund Freud – como um exemplo da associação entre a medicina e a literatura, e afirma: “Psicanálise sem palavras é impossível, como é impossível literatura sem palavras”. Em verdade, Freud buscou a compreensão do inconsciente, e, para isso, louvou-se no estudo de grandes obras literárias, com ênfase em escritos de Goethe e Shakespeare. No livro “Freud com os escritores” – 2013 –, os autores dizem que o romantismo alemão preparou o terreno para as pesquisas de Freud sobre o sonho, porém, não o afastou de procurar a explicação nos conflitos da pessoa dividida entre o eu consciente e as suas forças inconscientes. Freud também foi um leitor voraz de outros famosos autores, sendo amigo de alguns deles, entre os quais se destaca Stefan Zweig.

Até mesmo uma prosaica evidência comprova a ligação entre a medicina e a literatura, no tocante à leitura e à escrita servirem como terapia. Não usada como prescrição médica, os que costumam ler e escrever podem constatar o quanto essa prática é uma benesse a favor do bem-estar pessoal, ou seja, da boa condição de saúde. No Brasil, com o nome de biblioterapia, existem bons estudos nessa área, que usa a literatura como forma de psicoterapia, na busca de melhorar a saúde

dos seres humanos. Em outros países, onde esse tema está mais avançado, encontram-se até setores especializados, entre os quais está a National Association for Poetry Therapy. No site dessa Associação, acham-se resumos de algumas pesquisas que mostram o quanto a biblioterapia pode ser útil até mesmo no apoio ao tratamento dos doentes com câncer.

Por outro lado, as doenças, os hospitais, a figura do médico, a prática da profissão, a vida e a morte, tudo isso compõe o leitmotiv de grandes obras que também vinculam a medicina à literatura e às artes. Nesse contexto, estão muitas obras-primas, cujas leituras fixam-se na lembrança, a exemplo de: *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann; *A Peste*, de Camus; *A Morte de Ivan Ilich*, de Tolstói; *O Alienista*, de Machado de Assis; além de *Nêmesis* – mais recente –, de Philip Roth.

*21 de setembro de 2017*

## Medicina e literatura (3)

**E**ste é o terceiro texto seguido que escrevo sob esse mesmo título. Pensei em escrever mais dois textos dentro do mesmo tema, mas desisti, pois essa opção poderia cansar alguns leitores. A trilogia visa apenas fixar os vínculos mais visíveis entre a medicina e a literatura. Na crônica anterior, ao final, citei cinco obras de ficção, de escritores não médicos que usam a prática médica, ou melhor, a luta contra as doenças e a busca pela saúde, como cenário dos seus enredos e das suas reflexões. Das cinco obras, escolhi duas para comentar, de passagem: a primeira, *A montanha mágica*, lançada em 1924, do escritor Thomas Mann (1875-1955), e a segunda, de nome *Nêmesis*, edição de 2010, do escritor contemporâneo Philip Roth.

No século XIX e na metade do século passado, a tuberculose pulmonar ceifava muitas vidas, quando ainda não havia antibióticos. A doença era tratada em sanatórios, de preferência localizados em regiões altas, de climas tidos como saudáveis. Em geral, a duração da internação era longa e incerta, pois o tratamento se apoiava em oferecer ao doente apenas o ar rarefeito e puro, boa

alimentação e repouso forçado. O livro *A montanha mágica* detém-se sobre a tuberculose pulmonar, e a figura central do romance é Hans Castorp, jovem engenheiro alemão. A obra aborda a vida dentro do Sanatório Berghof, situado nos Alpes Suíços, ao lado da pequena cidade Davos-Platz, em época que antecede a primeira guerra mundial. Hans Castorp fora ao Berghof para visitar o primo Joachin Ziemsser, com intuito de permanecer somente três semanas, mas, devido a surpresas na sua saúde, por lá ficou durante sete anos.

O grande escritor Thomas Mann, Nobel de Literatura de 1929, tem forte ligação com o Brasil, porquanto sua mãe, Júlia da Silva Bruhns (1851-1923), nasceu em Paraty, no litoral do Rio de Janeiro. Aos cinco anos, Júlia ficou órfã de mãe, quando foi levada pelo pai para o norte da Alemanha. Aos 18 anos, casou com o senador vitalício na cidade de Lübeck, Thomas Johann H. Mann, pai de Thomas Mann. A família Mann, que descende de uma brasileira, tem vários integrantes que se destacam no mundo das letras e das artes, a exemplo do famoso escritor Heinrich Mann, irmão de Thomas. Com mais de 800 páginas, *A montanha mágica* deve ser lida sem pressa, para que seja possível sentir o quanto o autor mergulha no mistério da condição humana, sob o ponto de vista do realismo, e, ao mesmo tempo, pelo realce das fraquezas, ambivalências e dubiedades que dominam as vidas naquele grupo multicultural, no âmbito do Sanatório Berghof.

A outra obra que escolhi para servir de exemplo na relação entre medicina e literatura reporta-se à poliomielite, e o livro, que trata do horror que ela causou, chama-se *Nêmesis*, do escritor norte-americano Philip Roth. Lançado em 2010/11, *Nêmesis* é uma obra curta e magistral, que gira em torno de uma epidemia de pólio que ocorreu na cidade Newark, US, no ano de 1944. No meio do flagelo, sobressaem-se uma escola local e um jovem professor de educação física, Bucky Cantor, que, por ter sido também vítima da doença, sente-se culpado ao ver a pólio se alastrar entre seus alunos. No caso, um processo cósmico – a epidemia de pólio – levou à tragédia pessoal de Bucky Cantor.

***19 de outubro de 2017***

## Momento singular da minha vida

**E**m sete de novembro de 2017, assumi a Cadeira 03 da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, um momento singular da minha vida. Instantes de muitas emoções, as quais foram mais intensas do que eu pude supor. Ao lado de uma comissão formada por ilustres acadêmicos, adentrei o salão nobre da Academia, ao som da Sinfonia 40, de Mozart, uma das mais lindas peças musicais criadas pelo gênio de Salzburgo.

Em seguida, o Coral do UNI-RN, sob a regência da musicista Tércia Maria Souza, com a participação do grande flautista Carlinho Zens, interpretou três números: Ave Maria de Gounod, Além do Arco-íris e Vozes das Secas. A regente Tércia Maria achou pouco tanta emoção que suscitou com a bela apresentação, e ainda teceu rápidas palavras acerca do meu apreço às artes, e se reportou à decisão de construir, no campus da UFRN, quando exerci o cargo de Reitor, o melhor prédio de Escola de Música do Brasil. Relembrou, também, que o coral que ali estava fora criado por mim, em 2002, na condição de Reitor da FARN/UNI-RN. Repito aqui a

gratidão que externei, naquela ocasião, a quantos lá estavam, seja por meio da presença física ou na esfera do coração. Conforme me disseram, poucas vezes aquele salão nobre recebeu um número tão grande de pessoas, felizes com o evento. Reitero o quanto sou grato aos ilustres Acadêmicos, que me deram a honra de ser um dos seus pares, e que se regozijaram por essa sessão solene de posse.

O presidente da ANRL, Diogenes da Cunha Lima, declarou, logo no começo da solene sessão, sua emoção em receber um seu irmão naquela Casa criada por Câmara Cascudo, lembrou dos nossos genitores, – seu Diógenes e dona Nicinha –, e evocou as imagens, os sorrisos e as bênçãos dos dois para seus dois meninos dos tempos de Nova Cruz. Aliás, devo lembrar que, hoje, são três nova-cruzenses a integrar a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, pois, além dos irmãos citados, consta o nome do jornalista Cassiano Arruda Câmara, que muito honra a ANRL.

Vou mais além, ao me referir às três cidades irmãs do Agreste Potiguar: Campestre, Santo Antônio e Nova Cruz, as quais, no conjunto, ampliam esse número para cinco Acadêmicos. De São José de Campestre, o nome que compõe esse grupo é o do pesquisador, professor e escritor Itamar de Souza, e de Santo Antônio do Salto da Onça, destaca-se a figura do professor, jurista e escritor José Augusto Delgado. Vale a pena ressaltar que os pais dos cinco acadêmicos, provindos dessas três

idades vizinhas, eram da mesma geração, viviam da labuta no comércio, e eram bons amigos entre si, alguns até compadres e comadres, por força do batismo de alguns dos seus filhos.

Recebi a saudação por meio do discurso do Acadêmico Armando Negreiros, colega médico e dileto amigo, um dos melhores escritores do Estado, nos dias atuais. Quanto às suas palavras, a meu respeito, reitero que elas hipertrofiaram algum mérito que eu possa, por acaso, possuir. Ele comparou a minha chegada à Academia a uma gravidez serotina, quando a criança nasce além do prazo normal, ou seja, meu ingresso naquela Casa deveria ter ocorrido antes.

Na Cadeira 03, sucedi ao Imortal José de Anchieta Ferreira da Silva (1928-2016), que foi o sucessor do Imortal Otto de Brito Guerra (1912-1996). Por ser o 1º ocupante, Otto Guerra é o fundador da Cadeira 03, cujo patrono é o Conselheiro Brito Guerra.

*1º de dezembro de 2017*

Acervo do autor



Foto da maioria dos Acadêmicos presentes na solenidade de posse

## Honras a Anton Tchekhov

**U**m assunto recorrente nos textos que escrevo, crônicas e artigos, para publicar nesta Tribuna do Norte, é a relação entre a medicina e a literatura. Existe sim uma afinidade entre essas duas áreas, haja vista a constante presença de médicos escritores, em qualquer país do mundo. No Brasil, destacam-se os nomes de João Guimarães Rosa, de Pedro Nava e de Moacyr Scliar. No âmbito global, há de se nominar Anton Tchekhov, Conan Doyle e Miguel Torga. Os seis médicos escritores aqui citados são apenas exemplos entre uma plêiade de figuras notáveis. Porém, o russo Anton Tchekhov (1860-1904) tem a primazia do reconhecimento mundial no tocante a reunir em uma pessoa a formação médica e a prática literária. Em um pequeno texto autobiográfico, Tchekhov escreveu: “Não duvido que a prática das ciências médicas tenha exercido forte influência sobre minha atividade literária; ela ampliou significativamente o campo de minhas observações, enriqueceu meus conhecimentos, cujo valor verdadeiro para mim como escritor só pode ser compreendido por quem é

médico; ela também exerceu uma influência diretriz, e, provavelmente, graças à intimidade com a medicina, consegui evitar muitos erros”.

Filho de pequeno comerciante, vivia na cidade Taganrog, mas, ao concluir o curso secundário, mudou-se para Moscou e ingressou na Faculdade de Medicina. Durante a formação médica já se revelou no campo das artes e das letras, e surge o escritor sensível ao clamor social, porém, sem nunca se vincular a qualquer partido político. Exerceu a medicina de clínico geral e, a serviço do governo do seu país, empenhou-se no combate a uma epidemia de cólera. Amigo de Tolstói, dele recebeu influência literária, mas não se alinhou aos cânones desse famoso autor russo. Aos 25 anos, já era um escritor reconhecido pela crítica, autor de contos que traziam a insatisfação social dos cidadãos russos. Sobre a obra de Tchekhov, diz o escritor Moacyr Scliar, ao citar o escritor Máximo Gorki (1868-1936): “Nada há nos contos de Tchekhov que não exista na realidade. A impressionante força do seu talento reside no fato de que ele jamais inventa.” E o próprio Scliar resume: “Sua ficção caracteriza-se pelo realismo”. Deixou uma obra que se reconhece como um primor na arte de escrever, principalmente na condição de contista e dramaturgo.

Anton Tchekhov viveu apenas 44 anos, uma vida de muito trabalho e de pouco lazer, voltada para a medicina – que ele dizia ser sua esposa –, e para a literatura – tida por ele como sua amante. Doente de tuberculose

pulmonar, desde os 20 anos de idade, Tchekhov somente se casou em 1901, três anos antes de falecer. Sua esposa, a atriz Olga Knipper, do Teatro de Arte de Moscou, tentou trazê-lo para uma vida mais feliz. Num verão, o casal viajou para a vila de Badenweiler, na Alemanha, um local saudável e de ar puro, no intuito de curar ou de melhorar da tísica. De repente, Anton Tchekhov sentiu-se mal e pediu a presença de um médico. Olga chamou o doutor Schwörer, a quem o doente balbuciou: “ich sterbe”, em alemão, “estou morrendo.” O médico acalmou-o, aplicou-lhe uma injeção e mandou servir-lhe uma taça de champanhe. O enfermo bebeu até o último gole, sorriu para a esposa e disse: “Fazia tempo que eu não tomava champanhe.” Poucos minutos depois, parou de respirar. Era o dia 15 de julho de 1904.

***11 de janeiro de 2018***

# Honras à árvore nacional do Brasil

**R**iqueza econômica do passado, o Pau-brasil é uma riqueza histórico-sentimental do presente. Se não é assim, deveria ser, para a maioria dos brasileiros, ou até mesmo para todos. Evoco o “Manifesto da Poesia Pau-brasil”, lançado pelo escritor Oswald de Andrade (1890-1954), no bojo do Modernismo de 1922. Em 1924, esse autor publicou seu primeiro livro de poesia, sob o título Pau-brasil, com ilustrações da grande pintora modernista Tarsila do Amaral (1886-1973). O Manifesto Pau-brasil se ancorou no primitivismo, com a valorização – sem ufanismo – do passado histórico e cultural da nação, e vislumbrou nessa árvore um dos símbolos da brasilidade.

A cada ano, na data de 03 de maio, celebra-se o dia nacional do Pau-brasil. É ingrato e injusto por parte de nós brasileiros, deixar passar ao léu essa data, sem as devidas honras à árvore que deu nome ao nosso país, e que foi tratada, por séculos, com total desprezo, ao ponto de ficar ameaçada de extinção. Além de ser a árvore nacional do Brasil, após a promulgação da

Lei nº 6.607, de 07 de dezembro de 1978, sua história resgata a importância do amor à natureza, à preservação da Mata Atlântica, aos cuidados e respeito de todos os seres humanos pela vida no Planeta. Aos que nunca viram ou não conhecem essa árvore, deixo a sugestão de conhecê-la, de curtirem sua beleza e de se tornarem seus fãs. Tenho a sorte de ter um exemplar ao alcance dos meus olhos, no lugar em que moro. O verde escuro das folhas fulgura aos raios do sol, e, quando as flores amarelas se abrem, o verde-amarelo resulta em um esplendor da natureza. No dia 03 de maio passado, juntei-me a um grupo formado por alunos, mestres e funcionários do UNI-RN e plantamos, no campus da Instituição, 15 mudas de Pau-brasil, para aumentar o número das árvores, já frondosas, que lá existem. A doação das mudas foi feita pela Direção do Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte, que representa um ótimo exemplo de órgão público, voltado para a proteção da natureza, em especial da Mata Atlântica.

O Pau-brasil, também chamado de Ibirapitanga, Pau de Pernambuco e outros nomes, é uma das principais espécies da Mata Atlântica, bioma de floresta tropical que se estende do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul. Com riquíssimas flora e fauna, é lamentável que se comprove uma intensa devastação da Mata Atlântica, ao longo do tempo, desde a chegada dos colonizadores e dos piratas de outros países, com ênfase aos franceses, que aqui chegavam para encher

seus navios de toras de Pau-brasil, a fim de lucrarem com a venda da madeira e da tinta vermelha própria da Ibirapitanga. Hoje, a Mata Atlântica reduz-se a 7% da área original. Os brasileiros ainda não se deram conta do quanto precisam preservar os tesouros dos seus ecossistemas.

Câmara Cascudo, em *Universidade e Civilização*, aula inaugural da, então, Universidade do Rio Grande do Norte, proferida a 21 de março de 1959, comenta que a palavra brasileiro – ver o sufixo eiro –, foge à regra e não se refere a uma profissão, mas aos nativos do Brasil: “Era o homem que trabalhava o Pau-brasil. [...] Iam as naus, gementes nos alísios, o velame bojudo, carregadas de Pau-brasil, esforço dos brasileiros”.

*17 de maio de 2018*

## Honras a Dines, Wolfe e Roth

**E**ste mês de maio de 2018 ficará na lembrança pelo adeus terreno a três seres humanos exponenciais, voltados para a arte no uso da palavra escrita: Alberto Dines, Tom Wolfe e Philip Roth. Os três são da mesma geração e quase morreram em datas iguais. Autores de biografias, ensaios e ficção, Wolfe e Dines têm no jornalismo a marca maior do perfil de escritor. Quanto a Roth, sua expressão principal reside no romance, e muitas das suas obras deixam a ideia de autobiografia. Alberto Dines, brasileiro, morreu aos 86 anos, no dia 22 de maio de 2018, na cidade de São Paulo; Tom Wolfe, norte-americano, morreu aos 87 anos, no dia 14 de maio de 2018, em Nova Iorque; e Philip Roth, norte-americano, faleceu aos 85 anos, em 22 de maio de 2018, na cidade de Nova Iorque.

O nome de Alberto Dines compõe o rol dos bons escritores brasileiros contemporâneos, porém, sua glória maior fixa-se aos sucessos que alcançou nas funções de jornalista – referência no Brasil – e de

professor. Crítico severo do governo militar, foi professor da Unicamp e da PUC – Rio de Janeiro, além de lecionar em universidades dos Estados Unidos e de Portugal. Escreveu 15 livros, entre os quais “Morte no Paraíso – A Tragédia de Stefan Zweig”. Disse a jornalista Mírian Leitão: “Alberto Dines era a técnica e a ética. Era a busca da qualidade máxima no exercício do jornalismo, em qualquer tempo”. Ele foi o grande defensor da criação do Museu Casa Stefan Zweig – 2006 – em um bangalô na cidade de Petrópolis-RJ, a fim de preservar a memória desse notável escritor austríaco, que lá viveu e morreu.

Thomas Kennerly Wolfe, conhecido como Tom Wolfe, nasceu e cresceu em ambiente familiar de riquezas materiais, estudou nas melhores escolas e em ótimas universidades, sendo sempre bom aluno e pessoa de hábitos refinados. Foi um ótimo atleta de beisebol, mas, logo cedo, revelou sua tendência pelas letras, e optou pelo trabalho de repórter, em cujas matérias já usava seu típico senso de humor. Em 1962, Wolfe mudou-se para Nova Iorque, a fim de ser repórter e ensaísta do New York Herald Tribune, além de produzir textos para a revista Esquire. Começava ali sua ideia de unir o bom jornalismo à própria expressão literária, prática a qual Wolfe chamou de Novo Jornalismo. Nos Estados Unidos, outros escritores se ligaram a essa prática pioneira do jornalismo literário, a exemplo de Truman Capote (1924-1984), Norman Mailer (1923-2007) e Gay Talese,

entre outros. Um dos seus principais livros é *A Fogueira das Vaidades* (1991), levado ao cinema.

Philip Roth está na lista dos melhores escritores norte-americanos de todos os tempos. Recebeu os maiores prêmios literários dos Estados Unidos e alguns do exterior. O Nobel de Literatura não consta na sua biografia, mas deveria constar, o que revela mais um equívoco da Academia sueca, sede da concessão dos Prêmios. De origem judaica, nasceu e viveu a juventude na cidade de Newark, New Jersey. Publicou 31 obras excelentes. Tenho e li alguns dos seus livros, dos quais destaco *A Marca Humana* e *Nêmesis*. No primeiro, o drama humano ocorre em contexto acadêmico; no segundo, uma epidemia de pólio domina a cena deste romance, com o qual Roth, encerrou sua vida de escritor, em 2011/2012.

*1º de junho de 2018*

## Honras a Manoel de Medeiros Brito

**B**om mesmo é chegar aos 90 anos e ter na lembrança uma plêiade de tantos fraternais amigos, bem assim, manter, ao longo de muitos anos, o mesmo ritmo cordial, alegre e solidário nos diversos encontros da vida. Aos que já partiram para sempre, a afeição parece até aumentar, perpetua-se nos laços de uma pura e sincera amizade. Bom mesmo é chegar aos 90 anos e ver as pessoas mais próximas, aquelas envoltas no amor familiar, a cumprirem suas missões, a vencerem os embates do dia a dia e a crescerem para o futuro. Bom mesmo é saber que um longo tempo já passou, mas ficou a marca das boas ações em prol do bem comum. Bom mesmo é chegar aos 90 anos em pleno vigor físico – ele diz que duas doses de cachaça por dia protegem-lhe a saúde – e poder olhar também para a frente, a fim de vislumbrar o quanto de produtivo e benéfico ainda é possível fazer; é ter a memória ativa e repleta de um passado que já vai longe, cheia de fatos alegres ou tristes, dramáticos ou banais, quase todos importantes para a história política do Rio Grande do Norte, nas últimas

sete décadas. Assim é Manoel de Medeiros Brito, com sua profunda fé em Deus, sereno e feliz por suas vivências do passado e do presente, as quais lhe permitem, lhe instigam e lhe exigem planos para o porvir.

Nasceu em Jardim do Seridó-RN, em seis de julho de 1928. Seu pai era dono de vistoso hotel da cidade, no qual se hospedavam conhecidos políticos do Estado. Desde cedo, então, ele conheceu figuras de destaque nas funções públicas do Rio Grande do Norte. Seus primeiros estudos foram em Jardim do Seridó e em Natal, mas, em 1950, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde graduou-se na Faculdade de Direito do Distrito Federal. Eleito deputado estadual, cumpriu o mandato de 1955 a 1959. Exerceu diversos cargos públicos: Chefe do escritório do Governo do Rio Grande do Norte na capital do país; Procurador Advogado dos Feitos do Estado; Ministro e Presidente do Tribunal de Contas do Estado; Secretário Chefe do Gabinete Civil do Governo; Secretário Estadual do Interior e Justiça (oito anos); Secretário do Interior, Justiça e Segurança Pública (quatro anos). Como exemplo para outras gerações, mais do que a importância dos cargos exercidos, devem ser levadas em conta a honradez, a seriedade e a competência no desempenho das funções. Poucas pessoas ostentam um rol de serviços prestados à sociedade tão extenso e com tantos méritos.

Ao longo da vida, Manoel de Medeiros Brito, até pela opção para as funções públicas, manteve

convivência com os maiores líderes políticos do Rio Grande do Norte. Apesar de ter convicções e de adotar decisões firmes, mesmo com a diversidade dos cargos exercidos, alguns tidos como difíceis tarefas, e das posições radicais que muitas vezes as lutas políticas ensejam, ele mantém íntegras as amizades e recebe a admiração e o respeito de todos, independente de partido.

Na Liga de Ensino do Rio Grande do Norte – UNI-RN, HC, ED –, tenho a sorte de com ele trabalhar, de quem recebo, quando recorro, sensatas sugestões, além de me comprazer com rápidas, amenas e, para mim, profícuas conversas. O livro tão esperado que ele escreve sobre suas memórias está em fase de conclusão, o qual, com certeza, será obra definitiva no tocante à recente história político-social do nosso Estado. Portanto, diante do perfil humano desse notável norte-rio-grandense, é preciso e é justo se proclamar todas as honras a Manoel de Medeiros Brito.

*26 de junho de 2018*

## Honras ao médico Oswaldo Cruz

**E**m dias recentes, diversas notícias alertam sobre o retorno de doenças já erradicadas no Brasil, a exemplo do sarampo. Essa palavra ainda hoje me instiga, pois minha mãe dizia o quanto fiquei frágil, desenganado mesmo, ao contrair a doença antes do segundo ano de vida. Entre as cidades do país onde existem casos de sarampo, nos dias atuais, está o Rio de Janeiro. Chamou-me a atenção esse fato, como se aquela tão bonita urbe tivesse, no seu perfil e ao longo do tempo, o estigma das doenças epidêmicas. Porém, não são somente os relatos desses males, mas também são as notáveis lutas no combate a algumas das enfermidades causadas por micróbios ocorridas no Rio de Janeiro, as quais compõem um dos principais capítulos da história da medicina do nosso país.

A febre amarela chegou ao Rio de Janeiro em 1850 e avançou por quase todo o país. Pensava-se que era uma doença contagiosa, a ponto de o Imperador Dom Pedro II enviar convite ao grande cientista francês Louis Pasteur, para vir ao Brasil a fim de “purgar o Império

do seu maior flagelo”. Somente no começo do século 20, brilhou a estrela do médico Oswaldo Cruz (1872-1917), que passara três anos de estudos no Instituto Pasteur, em Paris. Nomeado pelo Presidente Rodrigues Alves para o cargo de Diretor de Saúde Pública – equivalente a Ministro da Saúde –, Oswaldo Cruz recebeu plenos poderes para sanear e livrar da febre amarela a capital do Império, e, por extensão, o país inteiro. Ele implanta, então, as famosas brigadas de mata-mosquitos, pois já se sabia que a febre amarela tinha um vetor na sua cadeia de transmissão. A campanha não admitia réplicas, era compulsória e, em face do rigor, houve reação forte por parte de alguns setores, inclusive de nomes famosos, a exemplo dos poetas Olavo Bilac e Emílio de Menezes. Além de cientista e insigne sanitarista, Oswaldo Cruz também era devoto do livro e da literatura, tanto é que logrou se eleger para a Academia Brasileira de Letras, tendo Emílio de Menezes como concorrente. Conta-se que o poeta, revoltado com a derrota, teria mandado dizer ao vencedor que “já tinha pronto o discurso de posse e o venderia barato [...]”.

Na transição do século 19 para o 20, além da febre amarela, grassava no Rio a varíola e a peste bubônica. Ao lado da campanha do mata-mosquito, Oswaldo Cruz começa a luta contra a peste, e divulga o pagamento pelos ratos levados ao local indicado. Um espertalhão chegou com um alto número de roedores e despertou suspeita. Preso, confessou: fizera uma criação de ratos

para vender ao governo. Mas eram só ratos cariocas, disse em sua defesa [...]. E a varíola? Essa era de efeitos terríveis, apesar de o controle ser mais fácil, mas a população temia usar a vacina. Oswaldo Cruz instituiu a vacina obrigatória contra a varíola, e houve grande repulsa dos cariocas, até que, em novembro de 1904, o tumulto chegou ao auge, com destruição, mortos e feridos nas ruas do Rio, convulsão social chamada de A Revolta da Vacina. Hoje, o problema está nos erros da gestão pública, pela falta de vacinas ou de campanhas corretas para se atingir as metas ideais na prevenção das doenças.

Oswaldo Cruz ergueu e implantou o Instituto Manguinhos, que depois recebeu o seu nome, um dos melhores centros de pesquisa do Brasil. O renomado escritor francês Anatole France, em visita ao Rio de Janeiro, em 1909, na saudação que fez a Oswaldo Cruz, assim falou: “O senhor fez o mesmo que Hércules. Matou a hidra. É um benfeitor da humanidade”.

***19 de setembro de 2018***

# Honras ao Conselheiro Brito Guerra

**E**m seu romance “A imortalidade”, Milan Kundera cita Goethe a contemplar o palco de um teatro de Leipzig, no qual estava representado, em uma cortina, o Templo da Glória, com grandes dramaturgos ao redor. No meio deles, sem dar atenção aos outros, um homem estava em destaque, era Shakespeare, que, “indiferente aos grandes modelos, caminhava sozinho ao encontro da imortalidade.” Parece nonsense, mas morte e imortalidade formam um par indivisível. Aqui, não se trata da imortalidade da alma, mistério próprio dos ungidos pela fé. Trata-se da imortalidade daqueles que, depois de mortos, permanecem na memória dos pósteros, conforme seus feitos durante a vida. Sob esse prisma, ninguém é mais exemplar do que William Shakespeare.

As Academias de Letras têm o condão de preservar as memórias de quantos conseguem ter seus nomes no rol restrito de ocupantes de suas cadeiras. Na sucessão dos ocupantes, bem como em datas que resgatam fatos significativos de suas vidas, as Academias evocam

os perfis humanos dos seus membros, vivos ou mortos. Assim, elas cumprem uma de suas missões, ao manterem viva a memória dos seus acadêmicos, os quais compõem a galeria dos seus imortais.

A exemplo da Academia Brasileira de Letras, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, fundada em 1936, compreende 40 cadeiras e seus 40 ocupantes em trânsito, eleitos por seus pares durante os processos de sucessão. Assim, no decorrer do tempo, com a morte de um titular e a posse de outro, por uma mesma cadeira passarão sequentes imortais. Vale relembrar o escritor Mário Moacyr Porto, no seu discurso de posse na ANRL: “[...] a cadeira se preenche, mas o lugar continua devoluto”. No entanto, existem 40 nomes fixos, imutáveis, são os Patronos das respectivas cadeiras. Desde novembro de 2017, tenho a honra de ocupar a Cadeira 3, da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, cujo Patrono é Luiz Gonzaga de Brito Guerra.

Conselheiro Brito Guerra – Luiz Gonzaga de Brito Guerra – nasceu a 27 de setembro de 1818, na fazenda Coroas, no município de Campo Grande, província do Rio Grande do Norte, e faleceu a 06 de julho de 1896, em Caraúbas-RN. Dessa forma, a 27 de setembro passado, ocorreu o bicentenário de nascimento desse insigne norte-rio-grandense, data a ser celebrada, em breve, pela Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Quando jovem, Brito Guerra recebeu apoio do seu tio Padre Francisco de Brito Guerra e se

formou em Ciências Jurídicas na Faculdade de Direito de Olinda-PE. Exerceu o cargo de juiz de Direito em várias cidades do RN e, por decreto imperial, foi nomeado Desembargador da Relação de Ouro Preto -MG, onde, em 1874, ao lado de outros magistrados, instala e passa a ser o primeiro Presidente da Corte de Justiça de Minas Gerais. Além dessa e de outras funções relevantes, consta a de Ministro do Supremo Tribunal de Justiça. Seu ilustre neto, imortal Otto de Brito Guerra é o fundador da cadeira 3 – primeiro ocupante – da ANRL. Ao fazer a saudação a Otto Guerra, durante a posse na Academia, o escritor Hélio Galvão assim se reportou ao Des. Luiz Gonzaga de Brito Guerra: “Exerceu de fato a magistratura, naquele nobre sentido primitivo, do que julga e do que ensina”. Afora os cargos decorrentes de decretos imperiais, ele ainda recebeu de Dom Pedro II os títulos de Conselheiro, de Cavaleiro da Ordem da Rosa, da Ordem de Cristo e de Barão do Açú.

*11 de outubro de 2018*

## Honras a Zé Preto, a Corina e a Rosa

**N**este 20 de novembro de 2018, dia da Consciência Negra, decidi prestar honras a três pessoas de pele negra, as quais estão presentes nas minhas melhores lembranças afetivas, dos tempos de criança. Destaco que a cor da pele dessas três criaturas pareciam ser de origem pura, vinda da África, sem nenhuma mesclagem com outra etnia. Ademais, reflexões sobre a questão racial se impõem no Brasil, sob a luz do direito à dignidade humana, inerente a todas as pessoas.

Presto honras a Zé Preto, que vivia em Nova Cruz no meu tempo de menino. Era forte, alto, sempre com um jeito de quem tinha tomado uns tragos de cachaça. Bonachão, cordial, tranquilo, gozava do apreço de todos do lugar. Transportar cargas bem pesadas era com ele mesmo. Fazia o transporte de fardos de tecidos da estação de trem para a loja do meu pai. Comprados no Recife, os tecidos iam sortir a loja para as vendas durante a safra de algodão. Tempos bons e de progresso aqueles, quando os trens da Great Western

corriam sobre os trilhos da região Agreste, e os campos ficavam bordados de branco, cobertos pela alvura dos capuchos de algodão. Com a idade de 6 ou 7 anos, tive grande infecção no 2º artelho do pé direito, por causa de uma topada. Escondi de mamãe, a fim de não parar de jogar futebol, mas não resisti à dor crescente. A ferida estava muito feia, forte inchação, e papai me levou para consulta médica. Na ida, a fim de me consolar, ele chamou o carro de aluguel da cidade, um Ford 29 com capota de lona. Foi meu primeiro passeio de carro. Na volta, os bancos do Ford foram trocados pelos braços de Zé Preto. Cheguei em casa meio tonto pelo cheiro de álcool que respirei no percurso, e logo caí no sono. Após beber uma meiotá de pinga, ele morreu afogado, ao tentar repetir a façanha de atravessar a nado o rio Curimataú durante uma grande cheia.

Presto honras a Corina, que trabalhou na casa dos meus pais quando eu ainda estava fora da escola. Sua pele também era negra total, sem mistura. Lembro, sobretudo, da sua alegria, do seu sorriso, da sua ternura para comigo e para meus irmãos. Lembro também das ótimas cocadas de leite que fazia. Certo dia, sofri leve queimadura em uma das mãos, num ferro de engomar cheio de brasas de carvão, usado por Corina naquele momento. Chorava eu e chorava ela, mais ela do que eu. Lá pras tantas, disse-lhe: “A dor só vai passar com cocadas de leite.” Ela parou tudo e fez logo as benditas cocadas. Foi viver em São Paulo,

onde se deu bem, casou e teve filhos. Encontrei-a algumas vezes quando ela vinha de férias para Natal, e ríamos juntos, sentindo o gosto das cocadas de leite.

Presto honras a Rosa, irmã de Corina, parecidas no semblante e na bondade do coração. Rosa trabalhou por dezenas de anos com meus avós maternos. Ao longo do tempo, transformou-se em verdadeiro anjo da guarda dos dois, até fazerem a travessia final. Menino, passava alguns dias de férias na casa dos meus avós em São José de Campestre, e, desde então, pude perceber a grandeza humana de Rosa, Roseira, a alcunha de afeto. Já estudante de medicina, morei três anos na casa dos meus avós, aqui em Natal, depois que se mudaram para esta cidade. Mais uma vez, recebi de Rosa sua típica atenção, seu apreço e sua bondade, sou-lhe sempre grato. Por justiça, filhos e filhas de meus avós deram-lhe uma casa para morar. Ao se aposentar de um emprego público, Rosa vendeu a casa e foi residir em Belém, na Paraíba, com sua outra família, a de sangue.

***29 de novembro de 2018***

## O Rio de Clarice

“**P**asseio afetivo pela cidade”, completa o título acima, primor de livro de Teresa Montero que resgata a vivência de Clarice Lispector nos diversos bairros e ruas do Rio de Janeiro. A leitura flui de forma suave, em livro com lindas fotos, que envolvem Clarice e os diversos espaços públicos ou locais onde a famosa autora residiu ou frequentou. A capa mostra uma foto de Clarice Lispector ao lado do filho Paulo, sentados na areia da praia do Leme, pouco tempo depois de a bela escritora retornar para o Rio de Janeiro, ao se separar do marido, o diplomata Maury Gurgel Valente, em 1959. Logo nas primeiras páginas, outra foto de Clarice, tendo ao lado os filhos Paulo, Pedro e uma amiga. Em crônica publicada na Folha de S. Paulo, em outubro de 2018, em alusão ao livro de Teresa Montero, recém-lançado, o escritor Álvaro Costa e Silva comenta: “Ela acabara de voltar dos Estados Unidos, já separada do marido diplomata, e escolhera o recanto meio escondido da zona sul para morar. A escritora nascida na Ucrânia mais parece uma carioca da gema de tão à vontade na

areia: maiô de alças, óculos escuros e impressionantes pernas longas e bronzeadas. Gatíssima, entrando em seus 40 anos.” De fato, a beleza física de Clarice chamava a atenção.

Clarice Lispector pertence ao grupo restrito dos melhores escritores do Brasil, com ênfase entre os autores de contos, embora tenha destaque no rol dos cronistas e dos romancistas, sem esquecer seus livros infantis. Algumas das suas obras já viraram filmes, e, nos próximos dias, o cineasta Luiz Fernando Carvalho pretende levar ao cinema o romance “A Paixão segundo G.H.”, que é, conforme os críticos, uma das máximas criações literárias de Lispector. *A Hora da Estrela* é o seu romance mais conhecido, e, no cinema, compõe a lista dos cem melhores filmes brasileiros de todos os tempos. Clarice nasceu em 10 de dezembro de 1920, na Ucrânia, e morreu em 09 de dezembro de 1977, no Rio de Janeiro, onde morou a metade do seu tempo de vida. Hoje, passados mais de 30 anos da sua morte, é crescente o respeito da crítica, do mundo acadêmico e dos jovens leitores à sua vasta obra. Uma grande parcela dos seus fãs nasceu depois de 1977. Assim, a leitura de Clarice Lispector agrada às diversas gerações, em sua linguagem única, no afã de perscrutar a alma humana.

O principal biógrafo de CL é o escritor norte-americano Benjamim Moser, com o seu livro de 648 páginas, “Clarice, uma biografia”, lançado em 2009.

Em 2015, ele organizou outro livro de grande impacto, com 654 páginas, o qual reúne todos os contos da escritora. Neste livro – “Todos os contos” –, ele escreve no prefácio: “A sua arte nos faz desejar conhecer a mulher; e ela é uma mulher que nos faz querer conhecer sua arte”. Ao final, ele diz: “Clarice Lispector: uma Tchekhov feminina nas praias da Guanabara”. De fato, o realismo nas obras de ficção, tanto de Clarice quanto de Tchekhov, é ponto comum capaz de unir o famoso escritor russo e a autora de *A Hora da Estrela*.

A autora Teresa Montero é também a líder do passeio cultural “O Rio de Clarice”, circuito cultural que há 10 anos encanta os participantes, com passagem pelos bairros Tijuca, Centro, Catete, Botafogo, Cosme Velho, Jardim Botânico e Leme. O livro *O Rio de Clarice* segue esse roteiro, e, na leitura, pressente-se a aura de Lispector, que até parece flunar pelas várias páginas, vista por meio da arte da palavra escrita e de fotos magistrais. Um deleite.

*17 de dezembro de 2018*

## Honras ao escritor O. Henry

**D**urante algum tempo, dediquei-me com afinco ao estudo da língua inglesa, como se fora um lazer. Cheguei a frequentar, por vários anos, salas de aula nas quais eu era o vovô da turma, e, mesmo assim, nunca tive problema em relação à grande diferença de idade com meus “classmates”. No afã de dispor de ótimos livros na língua inglesa, associei-me à Folio Society, de Londres, que publica obras de literatura, história, dicionários e muito mais, em exemplares muito bonitos, de capa dura e com belas ilustrações. Entre os livros da Folio Society que possuo, está *American Short Stories*, uma coleção de contos de grandes autores norte-americanos, a exemplo de Edgar Allan Poe, Sherwood Anderson, F. Scott Fitzgerald, Ernest Hemingway e O. Henry, além de outros.

À época, cerca de duas décadas atrás, li algumas dessas *American Short Stories*, e o nome do escritor O. Henry ficou na minha lembrança. De fato, esse é o pseudônimo de William Sidney Porter, que nasceu em 1862, na Carolina do Norte, e morreu em 1910, em Nova York. Foi morar no Texas, e, na cidade de Austin,

trabalhou como caixa de um banco, quando foi acusado de cometer desfalque. Fugiu para Honduras, e, ao retornar, foi levado para uma prisão em Ohio, onde ficou por quatro anos. Nesse tempo, escreveu muitos contos, prática que começou desde o tempo vivido no Texas, porém, agora sob o pseudônimo O. Henry, pois queria sepultar a imagem negativa do seu nome de origem. Depois da prisão, passou a morar em Nova York, onde casou e continuou a escrever short stories em ritmo intenso.

Em dias recentes, ao reler o livro “As obras-primas que poucos leram” – organização de Heloísa Seixas –, deparei-me com uma resenha sobre o escritor O. Henry, de autoria de Ruy Castro. Nessa resenha, vejam o que ele escreveu: “Alguém foi mais lido do que O. Henry, nos Estados Unidos, entre 1901 e 1910? Deixem-me ver. Ninguém. Nesse tempo, ele escrevia um conto por semana para o poderosíssimo New York World, que o distribuía para o resto do país”. Ruy Castro comenta que as histórias criadas por O. Henry são capazes de fazer rir quanto de chorar, com um final sempre inesperado.

No conto “Presente de Natal”, um jovem casal, mesmo sem dinheiro, resolve se presentear, na véspera do Natal. Os dois, Jim e Della, saem por Nova York em busca de uma solução secreta para seus anseios afetivos. Ele possui somente um velho relógio de al-gibeira, herança do avô e do pai, porém sem a devida corrente. Ela só dispõe das belas madeixas castanhas

do seu longo cabelo. Della vai a uma loja de perucas e vende seu lindo cabelo por 20 dólares, mas quase chora ao perder suas madeixas. Em seguida, compra, pelo mesmo valor, o presente do seu querido noivo, uma corrente para o antigo relógio de tanta estima. Ao mesmo tempo, Jim vende o seu único bem material, o bendito relógio, e, com o dinheiro, compra o presente de Natal para a sua amada: um pente de concha de tartaruga com armação de prata, digno dos seus lindos cabelos. Em lágrimas os dois se abraçam, choram e riem quando entregam seus – agora inúteis – presentes. O. Henry ainda faz uma alusão aos presentes dos Reis Magos, na noite do Natal, que também pareciam inúteis, cuja história ainda hoje é contada, depois de tantos séculos.

***28 de dezembro de 2018***

## Honras a Giselda Trigueiro

**S**e fosse viva, Giselda Trigueiro teria 85 anos de idade no próximo 18 de fevereiro de 2019. Nasceu em Vila Velha, Ceará, e faleceu em Natal, aos 52 anos, vítima de câncer de mama. Graduiu-se no Recife, nos cursos de filosofia e de medicina, e, em 1957, casou-se com o médico natalense Kerginaldo Trigueiro, seu colega na Faculdade. A família se completou com os nascimentos de Franca, Gustavo e Carla. Os dois primeiros seguiram a profissão dos pais, e a mais nova optou pela área do direito. Muitas pessoas somente conhecem o nome Giselda Trigueiro, porém, não sabem o quanto a vida dessa mulher representou para a medicina do Rio Grande do Norte. Não só para a medicina, mas também para diversas outras atividades, pois ela engrandeceu o cenário humano desta terra, com sua participação efetiva e com sua simpática presença. O único hospital de doenças infecto-contagiosas do Estado tem o seu nome; nada mais justo, porquanto, a essa área de estudos, ela dedicou todo seu empenho de médica exemplar e de sábia mestra.

Não estava entre os professores fundadores da então Faculdade de Medicina de Natal – criada em 1955 –, mas merece destaque seu labor na área das doenças infecciosas e tropicais, desde os instantes primários do ensino médico no Estado. Nessa função, ao longo do tempo, fez escola. Com inteligência, denodo e árduos estudos, foi capaz de se afirmar como líder natural de uma equipe coesa, em função de um projeto de excelência no ensino e na pesquisa, além do desvelo total aos doentes, quase todos vindos de populações de baixa renda. Sou partícipe e testemunha dessa jornada humana, cultural e científica, vivida sob o teto do antigo Hospital Evandro Chagas, tendo à frente a figura singular da Dra. Giselda. Formou um núcleo acadêmico que mantém, até hoje, os ideais que ela deixou. Todos aprendiam muito no serviço clínico por ela criado e dirigido, tanto no que concerne à própria especialidade, quanto ao amor à medicina, além do respeito aos cânones da ciência e da ética.

Afora as funções de médica e professora, Giselda Trigueiro também foi chamada a assumir tarefas de gestão, as quais foram cumpridas sempre com o mesmo sucesso. Por cerca de 25 anos, ocupou a direção do Hospital Evandro Chagas, foi chefe do Departamento de Infectologia e Coordenadora do curso médico da UFRN; dirigiu a Associação Médica do RN e a Sociedade de Médicos Escritores do Estado. Manteve intercâmbios e vínculos com os mais famosos professores

da especialidade no Brasil, e era expoente nacional no estudo clínico do tétano. Livre Docente pela UFRN, com vários trabalhos de pesquisa apresentados no Brasil e no exterior, criou a Residência Médica em Infectologia, da qual, a seu convite, fui o primeiro coordenador. Ao lado de ilustres colegas, fundou e integrou a Academia de Medicina do Rio Grande do Norte.

Elegante – no sentido mais amplo da palavra –, era ativa, digna, culta e corajosa. Quando ouviu a sentença de que sobreviveria somente de 2 a 3 meses, devido ao avanço da doença, ela disse ao médico norte-americano que a tratava: “Obrigada Doutor, pelos seis anos de vida que o senhor me deu”. Consciente da inelutável situação de saúde, escreveu o próprio epitáfio, típico para a sua visão da vida e do mundo: “Aqui jaz Giselda, muito contra a vontade”.

*07 de fevereiro de 2019*

Acervo particular de Ana Maria Ramos



Giselda Trigueiro  
(1934-1986)

Colação de grau em  
medicina - UFPE

## 20 anos do UNI-RN/FARN

**T**udo começou em fevereiro de 1997. Por acaso, encontro-me com Noilde Ramalho – diretora da Escola Doméstica de Natal – e ela me pergunta se eu estava disposto a transformar uma ideia sua em realidade, em resumo, implantar o ensino superior no âmbito da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte. É preciso lembrar que a Liga de Ensino do RN – entidade educacional sem fins lucrativos – fora fundada em 1911, pelo poeta e escritor Henrique Castriciano, no afã de desenvolver a educação feminina no nosso Estado, cujo projeto se efetivou três anos depois, com a criação da Escola Doméstica. A própria Liga, em 1987, pelas mãos de Noilde Ramalho, inaugurou um colégio misto, o Complexo Educacional Henrique Castriciano. Em seguida, no final do século passado, havia uma nova e ousada meta a alcançar, a fim de que, além do ensino infantil e básico, a instituição galgasse o patamar da oferta dos cursos de graduação e de pós-graduação.

É claro, aceitei aquele convite que recebi nos albores de 1997. Afora todo o entusiasmo de continuar a ser útil na área educacional, trazia comigo uma longa

experiência na gestão do ensino superior, após tantos anos na UFRN, onde exerci, entre outras, as funções de Diretor de Centro, de Pró-Reitor, de Vice-Reitor e de Reitor. Senti-me à vontade, até pela afinidade entre os princípios da Liga de Ensino do RN e os ditames da minha consciência face à visão da vida e do mundo. A portaria de criação da FARN tem data de 28 de abril de 1997, assinada pelo então Presidente da Liga de Ensino, Professor Osório Bezerra Dantas. No intuito de compor comigo o grupo formador do projeto da FARN, convidei alguns amigos e participantes da gestão na qual exerci o cargo de Reitor da UFRN. Sem retoques, o projeto foi aprovado pelo MEC, e, em 25 de fevereiro de 1999, ocorreu a sessão magna de instalação da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte - FARN, com a presença das mais altas autoridades do Estado.

Em janeiro de 2012, a FARN se transformou no Centro Universitário do Rio Grande do Norte - UNI-RN, credenciado pelo MEC. Ao longo desses 20 anos, sob a égide da Liga de Ensino e com apoio do seu presidente, Dr. Manoel de Medeiros Brito, a instituição se consolidou, avançou em novas tecnologias, cresceu em números e manteve sua vocação de nascença, ao ter a qualidade em primeiro lugar. Hoje, são 14 cursos de graduação, cerca de 30 de pós, foram perto de 7.000 diplomas de formação superior emitidos e quase 4000 certificados de pós-graduação, para orgulho desses felizes e distintos egressos. Todo o êxito se deve a um

constante trabalho em equipe, a envolver gestores, docentes, colaboradores e alunos. Com perseverança e obstinação, sem vaidades fúteis e sem arrogância, mas com amor à educação e respeito à ética, a serviço da ciência e da cultura, o UNI-RN celebrou, a 25 de fevereiro de 2019, 20 anos de pleno sucesso no ensino superior do Estado.

Além de outros momentos festivos, a Câmara Municipal de Natal prestou significativa homenagem ao Centro Universitário do Rio Grande do Norte, alusiva à data. Registro a gratidão do UNI-RN à Casa do Povo da cidade de Natal, com ênfase ao vereador Kleber Fernandes, ex-aluno da Instituição e autor da proposta.

*07 de março de 2019*

Acervo UNI-RN



Reitoria do UNI-RN

## Romeu e Julieta

“**S**hakespeare parece tudo saber e tudo expressar sobre o ser humano.” Essa frase é do escritor e crítico literário, de âmbito mundial, George Steiner, em seu livro *Nenhuma Paixão Desperdiçada* – 2018. No capítulo em que comenta a obra literária de Shakespeare, ele mostra não ser unânime a reverência ao autor de *Hamlet*, e cita nomes de famosos escritores que fizeram certas restrições ao valor do legado cultural do gênio inglês. Entre esses nomes, surge Samuel Johnson (1709 – 1784), para quem Shakespeare era, no elenco dos escritores ingleses, *primus inter pares*, porém, “o cânone que ele deixou tinha defeitos óbvios.” Steiner revela que, no período entre 1780 e 1830, cresceu a “adoração” à obra do autor de *Romeu e Julieta*, e se reporta ao reitor da Universidade de Glasgow, Thomas Campbell, como provável inventor do termo “bardolatria”. Apesar do registro histórico de alguns opostos, haja vista Tolstói e T. S. Eliot, o culto ao bardo de Stratford-upon-Avon se expandiu e chegou ao extremo, a exemplo de Victor Hugo que percebeu em Shakespeare uma força

cósmica, uma inspiração absoluta, em tudo comparável à que emana do Livro de Jó e dos Profetas. Ou como proferiu Goethe: “Com Shakespeare não se chega ao fim”.

Em dias recentes, três notícias fizeram-me lembrar da obra *Romeu e Julieta*. Começo com a morte do grande cineasta italiano Franco Zeffirelli, aos 96 anos, em Roma, onde morava. Fazia parte de um grupo de escol, surgido na Itália após a Segunda Guerra Mundial, de grandes diretores de cinema, formado, além de Zeffirelli, por Federico Fellini, Luchino Visconti e Vittorio De Sica. Ele era o sobrevivente do grupo. Nascido em Florença, estreou na obra de Shakespeare em 1967, com a *Megera Domada*, estrelado por Richard Burton e Elizabeth Taylor, e, logo em seguida, 1968, consagrou-se ao dirigir *Romeu e Julieta*, sucesso de crítica e de público, a mais inspirada versão dessa famosa tragédia lírica. Mais de duas décadas depois, voltou à obra do bardo inglês, ao dirigir *Hamlet*, tendo no elenco Mel Gibson e Glenn Close.

Outra notícia de estreita ligação com a cultura shakespeariana versa sobre o *Club de Julieta*, com sede em Verona, na Itália, cidade que fulgura no enredo de *Romeu e Julieta*, padrão do perfeito amor juvenil, peça escrita entre 1591 e 1595, baseada em um conto de origem italiana. O jornal *Folha de S. Paulo*, edição de 12 de junho de 2019, publica boa matéria sobre o assunto, inclusive com resumos de algumas cartas de histórias

de amor, umas de sucesso e outras de frustrações. A cada ano, cerca de 8.000 cartas chegam ao clube, em Verona, onde brasileiras voluntárias colaboram no tocante às mensagens em português.

Para completar essa série de eventos capazes de resgatar a lembrança de Romeu e Julieta, obra que une o amor lírico e a tragédia humana, relembro o tríplice assassinato ocorrido na cidade de São Paulo, quando um homem, cheio de terrível fúria, tirou a vida do namorado da sua filha e, ao prosseguir na ferócia, matou o pai e a mãe do sereno e cordial rapaz. Essa comparação mostra a grandeza da obra de Shakespeare, que abrange, de forma atemporal, as mais diversas nuances da alma humana. Mais de 400 anos depois da criação de Romeu e Julieta, um crime no Brasil nasce a partir do puro amor de um jovem casal e termina em tragédia envolta no ódio de perfil familiar.

*27 de junho 2019*

# Walt Whitman

**N**o dia 31 de maio de 2019, o mundo celebrou os duzentos anos do nascimento de Walt Whitman, poeta nascido nos Estados Unidos e que se tornou global, pelo conteúdo, pelo estilo livre e pelo ritmo flexível dos seus versos. Em 1855, aos 36 anos, lançou a primeira edição de *Folhas de Relva*, com 12 extensos poemas, todos compostos de versos soltos, sem rimas e sem regras, a ponto de ser visto como precursor do modernismo literário. Porém, somente décadas depois, precisamente no ano de 1922, com a publicação das obras *Ulisses*, de James Joyce, e *A Terra Devastada*, de T.S. Eliot, convencionou-se tê-las como o marco do modernismo literário mundial. Existe a versão de que as mudanças nas artes, nas letras e nos costumes, naquele período, decorreram das desilusões e das crises vividas pela sociedade após o fim da Primeira Guerra Mundial.

Desde a primeira edição, *Folhas de Relva* causou forte impacto nos leitores e na crítica. Não trazia o nome do autor, apenas, em uma das páginas do poema *Canção de Mim Mesmo*, constava: “Walt Whitman,

um grosso, um kosmos”. Descobriu-se que se tratava de um jornalista e carpinteiro nova-iorquino, autor de resenhas e poemas esparsos, que preferia a companhia da gente do povo aos já famosos homens de letras. De família pobre, pouco frequentou escolas, mas era amigo dos livros, dos teatros e dos jornais de Nova York, além de ter sido professor na área rural. Folhas de Relva, logo após sua edição inaugural, sofreu críticas severas da imprensa e do mundo literário, e o seu autor foi tratado como obsceno, grosseiro e insano. Porém, uma voz de alto poder cultural ouviu-se em defesa de Folhas de Relva, a do pensador, filósofo e escritor Ralph Waldo Emerson, que assim se reportou a Whitman: “Felicito-o pelo seu pensamento livre e corajoso, o que me dá grande alegria. Encontro essa coragem na maneira de tratar os temas, que tanto prazer dá e que só uma ampla visão pode inspirar. Saúdo-o no começo de uma grande carreira.”

Walt Whitman nasceu em West Hills, Long Island, mas, ainda menino, foi com a família morar no Brooklyn, em Nova York. Optou pelo trabalho em jornais e, aos 27 anos, foi redator do Brooklyn Eagle. Já escrevia em prosa e verso, porém, sem nenhuma projeção. Aos 30 anos, começou sua jornada na escrita de versos livres, sem rima e sem métrica. Seu nome de batismo era Walter Whitman Filho, no entanto, a partir de 1855, passou a assinar Walt Whitman, não somente para se diferenciar do nome do pai, mas também no

intuito de apagar o vínculo com sua produção prévia em prosa e em versos, de pouca valia.

As edições seguintes – nove ao todo – de *Folhas de Relva* tiveram crescente número de versos e de páginas, e, em 1891, o poeta deu por encerrada sua obra máxima. Whitman exaltou a liberdade, a vida, a morte, o homem comum, e até o cosmos: “Eu celebro a mim mesmo, e o que assumo você vai assumir, pois cada átomo que pertence a mim pertence a você”. Harold Bloom, magistral crítico literário norte-americano, em seu livro *A Anatomia da Influência – 2013 –*, escreveu: “A influência de Whitman sobre a poesia do mundo continua vasta, enquanto sobre a criação americana é quase infinita.” Walt Whitman faleceu em março de 1892, com pneumonia e tuberculose pulmonar, sob o manto da pobreza e da solidão.

***11 de julho de 2019***

## Nabokov: 120 anos

**E**m abril de 1899, ou seja, há 120 anos, em São Petersburgo, Rússia, nasceu Wladimir Nabokov. De origem aristocrata, desfrutou de uma infância de luxo e riquezas, no conforto de uma mansão em São Petersburgo e na modelar fazenda Vyra, quando despertou sua grande paixão pela pesquisa de borboletas. Vladimir e os irmãos contaram com tutores nativos no ensino do francês e do inglês, os quais também davam aulas de literatura própria de seus países de nascença. No tocante à literatura russa, V. Nabokov, nesse tempo, conheceu obras de Gógol, Pushkin e Turguêniev, bem como um pouco de Tolstói e Dostoiévski. Assim, desde tenra idade, recebeu vasta formação intelectual, além de se tornar fluente em três idiomas: russo, francês e inglês.

Após a Revolução Bolchevique de outubro de 1917, a família teve de fugir para a Crimeia, e, em 1919, exiliou-se na Inglaterra, tempo em que Nabokov se matriculou no Trinity College, em Cambridge. Em 1922, depois de concluir os estudos no College, mudou-se para Berlim, cidade na qual sua família se fixara. Nessa

fase, começou sua brilhante jornada de escritor, e, para completar sua renda, teve de dar aulas de inglês e de tênis, esporte que muito praticou, desde criança. Uma tradução ajudou-o a descobrir o caminho da fama, ao passar para o russo a obra “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carrol. Residiu em Berlim por 15 anos, e foi lá que ele encontrou Véra Slonim (1902-1991), mulher russo-judaica, com quem se casou, em 1925. Do casal nasceu um único filho, Dmitri Nabokov (1934-2012), que veio a ser tradutor e cantor de ópera. Os dois, a esposa e o filho, foram o leitmotiv do homem e do escritor Vladimir Nabokov.

Após viverem três anos em Paris, devido à ascensão e ameaças do Nazismo, o escritor, a mulher e o filho mudaram-se para os Estados Unidos, em 1940. O novo exílio, o novo recomeço, outro idioma, fizeram surgir nova identidade do escritor, além de aflorar a autotradução. Certa vez, Nabokov definiu: “Minha cabeça fala em inglês, meu coração em russo, meu ouvido em francês”. Desde então, passou a produzir exclusivamente na língua inglesa. Houve, contudo, uma exceção: continuou a escrever poemas em russo e a autotraduzir para o inglês, pois a poesia era o seu vínculo, que ele nunca perdeu, de criação e de afeto com a língua russa.

A rigor, não sou um nabokoviano, mas admiro a vida e a obra de Vladimir Nabokov. Já li alguns dos seus livros, a exemplo de *Lolita*, o mais famoso, mas o texto que mais me fascina é a sua autobiografia, “Fala,

memória”. Também destaco “O Dom”, em cujo prefácio Nabokov confessa que esta seria sua última obra na língua russa; e o livrão Contos Reunidos, no qual estão 52 contos, em 827 páginas, prefácio de Dmitri Nabokov. Em Lições de Literatura, livro que reúne aulas sobre sete magistrais autores europeus – VN foi professor de literatura no Wellesley College e na Universidade Cornell –, ele deixa uma mensagem final aos alunos: “Tentei ensiná-los a ler livros pelo prazer de conhecer suas formas, suas visões, sua arte. Busquei ensiná-los a sentir o calafrio da satisfação artística”. Vladimir Nabokov, notável escritor trilingue, professor, tradutor, enxadrista, tenista, especialista em borboletas, goleiro de futebol, faleceu aos 78 anos, no dia 02 de julho de 1977, em Montreux, Suíça, onde, desde 1961, morava com a sua querida Véra.

*08 de agosto de 2019*

## Honras a Laika e a Félicette

**D**o nome Laika, com certeza, muitas pessoas se lembram, principalmente as que já passaram de seis décadas de vida. Laika, mártir e heroína, é uma cadela russa lançada ao espaço a bordo da Sputnik 2, uma nave espacial de origem soviética. Primeiro ser vivo a orbitar a terra, ela morreu poucas horas depois do lançamento do veículo espacial, talvez por estresse e falha no controle térmico da nave. Sabe-se que o Sputnik 2 foi montado às pressas, para atender ao líder soviético Nikita Khrushchev, que definiu a data de lançamento para o começo de novembro de 1957, a fim de celebrar o aniversário de 40 anos da Revolução Russa de 1917. Laika ficou famosa, mas, sem dúvida, renunciaria ao brilho da fama, para prosseguir solta e feliz pelas ruas de Moscou. O mundo todo se comoveu com a história de Laika, e seu nome passou a figurar na música, no cinema, na ficção, enfim, em amplo repertório no campo da emoção, mas também – precisa ser dito – por motivos políticos vigentes na guerra fria entre Estados Unidos e União Soviética, que perdurou por décadas, na segunda metade do século 20. No centro de Moscou, em abril de

2008, foi inaugurado um monumento em honra à cadela Laika, o qual se transformou em local de turismo.

E Félicette, quem há de se lembrar? Eu mesmo, confesso, só recordei quando li notícias recentes sobre a famosa gatinha francesa, no contexto das mídias voltadas para o evento marcante da chegada do homem à lua, 50 anos atrás. O relógio marcava 17h17, pelo horário de Brasília, do dia 20 de julho de 1969, quando o primeiro homem a pisar o solo lunar – Neil Armstrong – falou: “The Eagle has landed”, a Águia pousou. Mais tarde, às 23h45, após alguns passos na superfície da lua, ele disse: “É um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a humanidade”. Na guerra fria da corrida espacial entre a nação líder do capitalismo e o socialismo soviético, venceram os Estados Unidos, embora essa vitória mostrasse mais um perfil ideológico, ou da vaidade humana, do que mesmo um avanço científico relevante para a humanidade. Teria sido bem melhor se as nações que se envolveram nessa jornada, de custos tão altos, tivessem feito opção de destinar esses recursos para a pesquisa médica, na busca da cura de doenças graves.

Pois é, voltemos à França, que decidiu “se amostrear”, na agenda espacial das grandes nações do planeta. Recorro ao Eclesiastes: “Vaidade de vaidades! Tudo é vaidade”. O programa espacial francês, da década 1960 – Centre National d’Études Spatiales - CNES – preferiu os bichanos como cobaias, a fim de pesquisar os efeitos da

falta de gravidade sobre os órgãos vitais de mamíferos. Com esse mesmo intuito, os projetos americanos usaram, em maior número, os macacos; e os soviéticos, os cães. O CNES selecionou 14 gatas, pois as fêmeas, supostamente, atenção, supostamente, eram mais dóceis. Nos testes feitos, o animal de escolha foi chamado de C 341, que mudou para Félix, em alusão ao Gato Félix, mas, por ser fêmea, derivou para Félicette.

***22 de agosto de 2019***

## Honras a Ieda Pessoa Cortez

**C**hegou ao fim, aos 93 anos, a bonita e feliz vida da querida tia Ieda. Foi casada com Alfredo Pegado Cortez, grande figura humana, e do casal nasceram 05 filhos: Esequias, Alix, Zara, Eduardo Alfredo – faleceu logo após nascer – e Sérgio, falecido, vítima de desastre. Pode-se citar outra filha, do coração, a nora Ana Emília. Viveu além dos 04 irmãos e de 03 irmãs, entre elas a minha mãe Eunice. Continua em boa forma a também muito querida tia Zilpe, com idade de 91 anos. De toda a família, ela era a mais alegre, a mais divertida e a mais alto-astral. Cristã convicta, seguiu sempre as trilhas da bondade, do perdão e do amor ao próximo. No seu perfil humano havia a grandeza dos simples, a ternura dos bons e a paz das pessoas de boa fé. Ela deixou aos pósteros uma lição da arte de bem viver, não somente na busca da própria felicidade, mas no afã de tornar muitas outras pessoas também felizes.

O primo e amigo Esequias Pegado Cortez me fez um resumo da vida da sua mãe, que ele dividiu em três fases. Na primeira fase, que durou 39 anos, ela viveu

casada com Alfredo Pegado Cortez, tempo em que se adaptou ao estilo de vida do esposo. Apesar de distintos temperamentos, o casal viveu feliz; Ieda foi esposa exemplar, criou uma família dentro dos melhores princípios, mãe amorosa e dona de casa completa. Quando ficou viúva aos 56 anos, veio a 2ª fase, de grande tristeza, recolhimento e envelhecimento rápido, o que perdurou por alguns anos. De repente, ela reagiu, e passou a se dedicar às artes, ao trabalho social, à vida comunitária e a viajar. Nessa fase, criou e presidiu a primeira associação voltada para a Melhor Idade do Estado, a ABDMI-RN. Desde então, conciliou seu perfil psicológico expansivo e alegre com o novo estilo de vida. Essa mudança se completou depois de conhecer o professor Marconiedson Ferreira, seu grande amigo e instrutor musical. Em Natal, moravam em locais diferentes, mas fizeram juntos dezenas de viagens, curtas e longas. Em um dos seus livros, ela cita Drummond: “Deus me deu um amor no tempo de madureza”.

Com poucos anos de estudo formal, escrevia com desenvoltura. É autora de dois bons livros: “Conhecendo o mundo a partir dos 60 anos”, no qual ela criou uma ficção sobre suas viagens, com duas principais personagens, ela própria e o amigo Marconiedson, e “Os voos da memória”, dedicado ao resgate histórico da sua família Ramalho/Pessoa. Era uma artista nata, em especial na pintura, com a produção de belas e criativas telas; e era exímia intérprete musical no uso de

alguns instrumentos. Vaidosa, não dispensava o batom e os bonitos adereços. A convite do Reitor Onofre Lopes, deu impulso ao artesanato do Crutac, e criou a Cooperativa de Artesanato da UFRN. Depois, presidiu a Copala, com a mesma missão, no âmbito do Estado. Fez muitas viagens, conheceu mais da metade do mundo e adorava cruzar os mares de navio. Ela e Marconiedson singraram os oceanos 32 vezes, pelo Brasil, pela Europa e por outros lugares do planeta.

*05 de setembro de 2019*

Acervo da filha Alix Pessoa Cortez



Ieda Pessoa Cortez  
(1926-2019)

Em viagem de navio, ao completar 90 anos. Ela foi capa da revista do navio

# Joseph Lister e a Rainha Vitória

**A** medicina na Grécia antiga cresceu em conjunto com a filosofia, tornando-se uma ciência e uma arte. A figura humana que marca a mudança da prática médica mágica para a científica é Hipócrates (460-377 a.C.), que, entre outros ensinamentos geniais, escreveu o famoso juramento, um autêntico código de conduta da profissão. Vejam o que afirma o grande médico e escritor Pedro Nava (1903-1984): “[...] veremos que o próprio Pai da Medicina foi antes de tudo um filósofo. Verdadeiro criador do método indutivo da lógica, é nesta qualidade que o gênio reflexivo, amplo e abrangedor de Hipócrates vai marcar terminantemente a agonia da medicina místico-teúrgica, substituindo a especulação imaginativa, fácil e desordenada, pelo adestramento na observação, pela disciplina na experiência e pela serenidade no julgamento.”

Os êxitos da medicina atual tiveram origem em um passado longínquo, por meio de profundos estudos realizados, ao longo do tempo, pelo trabalho de médicos e cientistas que deixaram seus nomes gravados na

história da profissão, embora saibamos o valor, nesse processo, de uma maioria anônima mas também de grande significado. Nessa maioria estão também os pacientes que não tiveram a ventura de nascerem depois que a ciência médica passou a controlar a dor e as infecções. Além de Hipócrates, destacam-se nomes que figuram em qualquer ensaio voltado para o passado humano na sua luta para superar as doenças, dentre os quais, ressalto Joseph Lister (1827-1912), sobre quem faremos rápidos comentários, conforme a ênfase constante no livro *Medicina dos Horrores*, que serviu de motivo para a minha crônica anterior.

Joseph Lister nasceu em uma família próspera, no condado de Essex, na Inglaterra. Logo cedo, Joseph resolveu estudar medicina e, ainda aluno, assistiu à primeira cirurgia com o paciente anestesiado, na Inglaterra, em 1846. Seis anos após concluir o curso médico, Lister era residente na clínica do famoso médico cirurgião James Syme, na Universidade de Edimburgo, na Escócia. Já casado com Agnes, filha de Syme, fixou-se na Escócia, e, em 1859, foi nomeado professor de cirurgia na Universidade de Glasgow e membro do Colégio Real de Cirurgiões. A essa altura, tornou-se famoso na condição de defensor intransigente da antissepsia dos campos cirúrgicos e dos hospitais, com sua pregação a favor da higiene, cujo símbolo era a “lavagem das mãos”, tendo ao lado a grande Florence Nightingale, a mãe da Enfermagem.

Lister entrou em contato com os trabalhos de Pasteur (1822-1895) sobre os micróbios e, desde então, consolidou sua tese de que eram os germes os causadores das infecções hospitalares, em especial, durante as cirurgias, e adotou – com sucesso – o ácido carbólico como produto de escolha na antissepsia que, em conjunto com a anestesia, mudaram o rumo da medicina cirúrgica.

Em 1871, Joseph Lister foi chamado para atender à rainha Vitória (1819-1901), que sofria com um abscesso na axila. Levou consigo, além dos instrumentos cirúrgicos, o seu vaporizador de ácido carbólico. Sorte de Vitória, por ter sido, então, anestesiada com clorofórmio e tratada com o antisséptico ácido carbólico. Lister sarjou e drenou o abscesso e, na volta às aulas, brincou com seus alunos: “Sou o único homem que já enfiou uma faca na rainha!”

***31 de outubro de 2019***

## Honras a Oswaldo Lamartine

**C**onvidado pela Academia Norte-Rio-Grandense de Letras para integrar Mesa Redonda em honras a Oswaldo Lamartine de Faria, na passagem do seu centésimo aniversário de nascimento, comecei minhas palavras assim: “Agradeço o convite, mas, devo dizer, sou o de menor conhecimento sobre a vida e a obra do homenageado, entre os integrantes da mesa, porém, afirmo que não é pequena minha admiração por quem foi o maior estudioso da “alma íntima” do sertão do nunca mais. Oswaldo Lamartine nasceu em 19 de novembro de 1919, em Natal-RN, e faleceu em 28 de março de 2007, na mesma cidade. “Sou sobejo da seca de 19”, disse o próprio Oswaldo, em conversa com o saudoso e grande escritor Sanderson Negreiros. Nessa conversa, que resultou em texto publicado no jornal *O Poti* (1966), Lamartine afirma que dois motivos o levaram para o estudo do sertão: primeiro, por ouvir muitas histórias e estórias, do seu pai, Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956), sertanejo autêntico, acerca da vida no sertão; segundo, a aproximação com Câmara Cascudo, “que

me incentivou, sugeriu estudos, emprestou-me livros e pediu-me informações”.

E a família Lamartine, de onde provém? No livro *O Rio Grande do Norte no Senado da República*, de José Augusto Bezerra de Medeiros (1884-1971), consta que Juvenal Lamartine de Faria era filho do Coronel Clementino Monteiro de Faria e de D. Paulina Umbelina dos Passos Monteiro. Então, por que Juvenal Lamartine? O próprio autor responde: “Tiveram em vista homenagear dois grandes poetas de renome universal: Juvenal, o satírico, e Lamartine, o lírico francês, cujos versos ainda hoje nos deixam cheios de ternura e de encantamento”. Ali, Em Serra Negra-RN, de um casal seridoense da gema, surgia o clã Lamartine, tão repleto de nomes que engrandecem o cenário humano do Rio Grande do Norte.

Juvenal Lamartine de Faria graduou-se na Faculdade de Direito do Recife, em 1897, sendo o melhor aluno e o orador da sua turma. Foi agropecuarista, político – deputado, senador, governador – e escritor, tendo exercido as funções de presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Oswaldo Lamartine, nos 21 livros que escreveu e publicou, comprova ser um expoente nacional nos estudos da vida e da cultura sertanejas, conforme disse a notável escritora Raquel de Queiroz: “Acho que, no Brasil, ninguém entende mais de sertão e de Nordeste do que Oswaldo Lamartine”. Quando o escritor

potiguar a ajudou na formulação do romance Memorial de Maria Moura, confessou: “[...] senti-me como um garimpeiro que descobre uma mina”. Mas não é somente o conteúdo dos livros do escritor; ressalte-se também o seu estilo, sucinto e direto, no qual não se perde uma só palavra, e, ao mesmo tempo, é sonoro, ritmado e até poético. Na Apresentação do livro Sertões do Seridó (1980), de Oswaldo Lamartine, o erudito escritor Francisco das Chagas Pereira assim escreveu: “[...] nenhum dialetólogo conseguiria retratar com igual perfeição a linguagem sertaneja, como se encontra na obra de Oswaldo Lamartine, transparente, diáfana, perfeita expressão de conteúdos existencialmente capturados.”

Resta-nos prestar honras ao legado oswaldiano, e relembrar a frase do poeta francês Alphonse Lamartine (1790-1869): “Admiramos o mundo através do que amamos”.

*12 de dezembro de 2019*

## A Última Ceia (1)

**L**eonardo da Vinci (1452-1519) é o criador de duas das mais famosas pinturas do mundo ocidental, a Mona Lisa e A Última Ceia. Chegar diante delas é anseio natural de quantos sabem da existência dessas geniais criações do homem. No tocante à Mona Lisa, há quase 50 anos, satisfiz esse meu intuito, além de outras idas ao Louvre. Faltava-me a emoção de estar vis-a-vis com The Last Supper, momentos que vivi na recente viagem à Europa, com visitas feitas a Milão e a Florença, na Itália. É difícil agendar uma entrada para o mosteiro/igreja de Santa Maria delle Grazie, em Milão, onde se encontra o mural A Última Ceia, que mede 4,60 m de altura e 8,80 m de largura, pintado em uma das paredes do refeitório dos monges. Tive sorte, e consegui dois ingressos para completar um grupo de poucas pessoas, com guia em inglês. Após a espera defronte à igreja/mosteiro, tivemos acesso – eu e Ana, minha esposa – ao refeitório mais venerado do mundo. Lá dentro, apesar da grande procura, somente um número reduzido de visitantes se reveza a cada 15 minutos, para um encontro rápido com Leonardo da Vinci.

Não dá para descrever a emoção desses instantes, misto de impulsos da fé e da devoção cristã, ao lado do deleite diante da arte de um dos maiores gênios da humanidade. É o lugar perfeito para se pensar na conjugação do divino com o humano. O ambiente é de paz, reflexão e de encanto. Desliguei-me do guia para sentir melhor aqueles instantes de aprazível emoção, e notei que outras pessoas do grupo fizeram o mesmo. De repente, uma gentil senhora, somente com gestos, informou que a visita acabara, estava na hora de sair.

Leonardo pintou A Última Ceia de 1495 a 1498, e tudo começou quando o Duque de Milão, Ludovico Sforza, resolveu construir um mausoléu sagrado para si próprio e para sua família. Escolheu, para esse fim, um mosteiro com uma igreja, o Santa Maria delle Grazie, no centro de Milão, e convidou o já famoso Leonardo da Vinci para pintar a última ceia de Cristo com os apóstolos, uma das cenas mais populares da arte sacra, em uma das paredes do salão destinado às refeições dos monges. Encontrei no livro *Leonardo and The Last Supper* (2012), do escritor inglês Ross King, que o artista conheceu a cena de A Última Ceia em versões pintadas em Florença, bem como na leitura dos Evangelhos Sinóticos, de Mateus, Marcos e Lucas. Ressalte-se que as representações de A Última Ceia remontam ao cristianismo primitivo, bem assim à arte bizantina, e há sinais dessa passagem bíblica, por exemplo, em mosaico na basílica de

Sant'Apollinare Nuovo, do século 5º, em Ravena, e em vitral da Catedral de Chartres, do século 12.

De forma única Leonardo da Vinci transformou uma das mais marcantes cenas da vida de Cristo em uma das mais luminosas criações do espírito humano, A Última Ceia. Na ceia da Páscoa, Jesus reuniu seus 12 apóstolos para instituir a Eucaristia, e para dizer-lhes: “Em verdade vos digo que um de vós me há de trair”. A frase causou grande espanto e forte reação dos seus fiéis discípulos, e fez Judas logo deixar o recinto. Na história da arte, o mural A Última Ceia, de Da Vinci, é obra sem par no uso dos gestos das mãos e da linguagem do corpo, para transmitir as intenções da mente e as expressões da alma.

*09 de janeiro de 2020*

## A montanha mágica\*

**D**esde 1971, ao final de cada mês de janeiro, realiza-se em Davos, pequena cidade dos Alpes Suíços, o Fórum Econômico Mundial. O Fórum tem sede em Genebra, também na Suíça, e foi fundado pelo Professor alemão Klaus Martin Schwab. É uma organização sem fins lucrativos, mantida com o apoio de empresas ao redor do mundo, após seleção rigorosa dos seus objetivos e das suas missões. Apesar de certas distorções, esses exponenciais encontros de Davos tentam ajudar na equação de problemas globais, a exemplo da ameaça à paz, da sustentabilidade do planeta e da questão da desigualdade social, que ainda atinge grande parte dos países do mundo. Mesmo com a palavra “Econômico” no nome do evento, trata-se de uma reunião de líderes nas diversas áreas da atividade humana, de várias origens, para discutirem e proporem as melhores propostas para os seus países, mas que atendam ao bem-estar de todos. Foi perante o Fórum Econômico Mundial, em 1992, que o Presidente da África do Sul Frederik Klerk, e o insígne líder negro Nelson Mandela, apertaram as mãos pela primeira vez, e selaram a paz naquele país.

Por que o Fórum Econômico Mundial ocorre em uma cidade tão pequena, de acesso difícil, e no frio dos Alpes? Aventa-se que o criador do Fórum buscou inspiração no romance *A Montanha Mágica*, para escolher Davos como sede dos mega eventos anuais. Com quase 900 páginas, o livro, lançado em 1924, concorreu para que o autor Thomas Mann (1875-1955) fosse contemplado com o Prêmio Nobel de Literatura, em 1929. A ficção gira em torno de um hospital para tuberculose, o Sanatório Internacional “Berghof”, localizado nas montanhas ao redor da cidade Davos-Platz, no cantão dos Grisões, na Suíça. A figura principal do livro é Hans Castorp, um jovem engenheiro de Hamburgo, Alemanha, que resolveu visitar o primo Joachim Ziemssen, interno do Berghof em tratamento de tuberculose pulmonar. A visita, com programa prévio de três semanas, prolongou-se por sete anos, tempo que ocupa quase todo o romance. A leitura da obra não é simples, é longa e deve ser repetida; o próprio Mann, ao falar para estudantes norte-americanos, em Princeton, em 1939, recomendou: “De início, uma exigência bastante arrogante, qual seja: a de que se deve lê-lo duas vezes. O prazer do leitor se aprofunda na segunda vez.”

A obra *A Montanha Mágica* traz enfoques médicos, filosóficos, religiosos e políticos, com ênfase, em muitas cenas, às reflexões filosóficas e políticas. Os doentes isolados no Sanatório Berghof, provindos de diversos lugares da Terra, à procura de melhores ares

para a cura da tísica, numa época antes dos antibióticos, interagem e mostram, uns para os outros, suas visões pessoais da vida e do mundo. Dois desses doentes eram opostos em suas formações culturais e se destacam em suas convicções firmes quanto ao destino da humanidade: Settembrini e Naphta. O primeiro, fica mais próximo do liberalismo, da democracia, enfim, do Iluminismo; o segundo, defende o autoritarismo, a rigidez totalitária, ou seja, parece ser um nostálgico remanescente da Idade Média. Transcorridos quase 100 anos, desde que *A Montanha Mágica* veio à luz, a paisagem alpina de Davos pouco mudou, ou mudou somente em alguns detalhes. De outro lado, será que mudou e aumentou o afinco do homem por um mundo melhor, mais fraterno e mais feliz?

\* Pequena revisão para integrar o livro *Honras à Vida*.

*20 de fevereiro de 2020*

## Duas visões sobre a Peste

**A** Peste, de Albert Camus, livro publicado em 1947, ou seja, dois anos após o término da Segunda Guerra Mundial, é a obra que mais instiga uma leitura, releitura ou apenas citações, na vigência da Covid-19, a terrível doença que assusta o mundo, nos dias atuais. O romance do argelino Camus se reporta a uma epidemia causada não por um vírus, como a Covid 19, mas por uma bactéria, a *Yersinia pestis*, identificada somente em 1894, pelo pesquisador Alexandre Yersin, e causadora da Peste Negra. A pulga do rato é o vetor que transmite a bactéria do roedor para o ser humano. Ocorreram vários eventos mundiais da Peste Negra, mas o pior, o mais cruel, data de meados do século XIV, com um saldo de cerca de 100 milhões de mortes, para uma população global de 450 milhões. Emblemáticas eram as vestes dos médicos que viveram as pestes do século XVII, o corpo coberto por roupas longas, chapéu e uma máscara com um bico feito cone, para conter perfume, a fim de compensar o odor fétido causado pelos cadáveres em decomposição.

A atual procura pelo livro *A Peste* aumentou em vários países, inclusive no Brasil. Esta é a única obra que li de Camus, e os estudiosos do autor, Prêmio Nobel de Literatura 1957, apontam outras melhores: *O estrangeiro* e *O mito de Sísifo*. Diz-se que, em 1947, após o lançamento desse seu livro, Albert Camus, em face da explosiva venda, escreveu ao seu editor a irônica mensagem: “*A Peste* chegou a 96 mil exemplares. Fez mais vítimas do que eu podia imaginar”. Nota-se na obra uma clara alegoria da ocupação nazista na França, durante a Segunda Guerra Mundial, quando Camus integrou um grupo da “resistência francesa”. Existem outros livros famosos que têm uma epidemia como tema central, porém, conforme o crítico Manoel da Costa Pinto, em texto publicado na *Folha*, nenhum iguala essa obra de Camus em termos de força literária e de significados humanos. Costa Pinto, no entanto, faz a seguinte ressalva: “O único livro a rivalizar com a obra *A Peste* numa abordagem frontal de epidemia é ‘*Um Diário do Ano da Peste*’, de Daniel Defoe, híbrido de romance e reportagem sobre o flagelo sofrido por Londres, em 1665”.

A versão da metáfora do livro *A Peste* em relação à ocupação nazista da França é enfoque bastante óbvio e aceito pela crítica mundial. Mas não param por aí as ilações e as conclusões a que chegam os críticos quando se debruçam sobre a obra. Em dias recentes, li o ensaio que o brilhante escritor suíço Alain de Botton escreveu

para o *The New York Times*, transcrito pela Folha, sob o título “Para Camus, ninguém é imune e a doença está dentro de todos”. Tenho e já li alguns livros desse autor, basta citar *Arquitetura da Felicidade* e *Aeroporto*, entre outros. Alain de Botton comenta que Camus não escreveu somente a ficção de uma peste em particular, no caso sobre o flagelo de Orã, cidade da Argélia, e que vitimou grande parte da população do lugar. Tampouco sua criação se limitou a uma metáfora sobre a ocupação nazista da França. Para o escritor suíço, Camus vai além disso, e fala do absurdo da vida e do seu cortejo, mas não é ao todo cético, pois prega o amor ao próximo e o viver com decência. No final, Camus se refere ao Dr. Rieux, personagem central do livro, e à conclusão que o médico aprendeu no meio do flagelo: “Há nos homens mais coisas a admirar que coisas a desprezar”.

***16 de abril de 2020***

## Fé e razão

**D**eus e ciência foram e são guias certos da vida humana, em qualquer tempo e lugar, mais ainda diante dessa tragédia da Covid19. Contudo, poderá alguém dizer: não é possível, Deus e ciência repelem-se, atritam-se, são incompatíveis. O aparente choque entre fé e razão é antigo, tem acompanhado o homem através dos séculos. Há quem aponte o italiano Galileu Galilei (1564-1642) como o precursor da chamada Revolução Científica, com a qual a ciência ganhou prestígio e se libertou da teologia. Veio no bojo das mudanças trazidas pela Renascença, que teve a Itália como berço principal. Galileu pagou caro por defender a teoria heliocêntrica e recebeu do Santo Ofício a sentença de prisão perpétua. Porém, dentro da própria Igreja, surgiram críticas a esse julgamento, até que, 350 anos após a morte do cientista, o Papa e santo João Paulo II, em outubro de 1992, absolveu Galileu, à guisa de reparar erro histórico cometido por homens da igreja de Cristo. O santo que visitou Natal, o Papa João Paulo II, deixou um legado de lições eternas para o bem da vida humana. A sua 12ª Encíclica, de 1998,

Fides et Ratio, dissipou todas as dúvidas sobre o até então ambíguo tema: “A fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade”.

Há poucos meses, li que o mundo estava na mira de três plausíveis ameaças: o estoque atômico de alguns países, com uma possível guerra nuclear, a elevação da temperatura global e a inteligência artificial, porquanto um dia ela poderia se voltar contra o próprio homem, seu criador. Mas havia uma outra ameaça à espera do momento certo para dar o bote, o golpe mortal, certo, que chega a afrontar a inteligência humana. É incrível, mas um simples vírus, a menor estrutura viva sobre a Terra, desafia o arsenal científico do planeta; põe contra a parede os governos – do mais poderoso ao de menor poder –, amedronta todos os homens, de qualquer lugar, ricos e pobres, reis, rainhas e súditos. Põe em xeque-mate todas as arrogâncias, todas as ambições e todas as vaidades. É tempo de refletir: basta de soberbas, de egoísmos e de apego aos bens materiais. Façamos um pacto em prol do amor, do humanismo e da espiritualidade, e que, depois de tudo, floresça uma civilização melhor e mais fraterna. A fé em Deus nos fortalece nessa direção.

A par das grandes conquistas trazidas para a humanidade pela Revolução Francesa, também houve distorções severas, a cargo de alguns protagonistas, a exemplo de Pierre Gaspard Chaumette (1763-1794),

presidente da Comuna de Paris, crítico radical do cristianismo. Em 1793, ele liderou um amplo movimento sob o nome de “culto à razão”. Em seu discurso, dentro da vetusta Catedral de Notre-Dame, Chaumette externou todo seu ódio às religiões: “Abaixo os padres. Não mais deuses, senão aqueles que a natureza nos oferece”. Terminou guilhotinado pela própria Revolução. A fé em Deus envolve a essencialidade do ser humano, até mesmo dos que se dizem céticos. No prefácio do livro “Os Santos que Abalaram o Mundo”, de René Fülöp-Miller, li que Heiinrich Heine, poeta e pensador alemão (1797-1856), em momento de retorno à fé, confessou: “Sim, voltei a Deus. Sou o filho pródigo. Há uma centelha divina em cada alma humana”. Belo exemplo e belas palavras que se prolongam por gerações.

***30 de abril de 2020***

## Honras a Max Cunha de Azevedo

O cenário humano do Rio Grande do Norte perdeu um ícone, há poucos dias, com a morte de Max Cunha de Azevedo. Vida longa e repleta de boas realizações, de bons exemplos e de ações benfeitoras. Seu nome se irmana com solidariedade, competência e vontade de ser útil. Também, pode-se associar ao seu nome muitos outros méritos, quais sejam: buscar sempre a paz, venerar o senso de justiça e pautar seus atos pelos preceitos da ética e da moral. No seu perfil há um outro atributo marcante, indissociável da sua figura humana, que é a alegria de viver. Seu bom humor era quase constante, e ele gostava de partilhar esse dom com outras pessoas.

Max Cunha de Azevedo nasceu em Jardim do Seridó-RN, a 27 de setembro de 1921, e faleceu em Natal, a 02 de maio de 2020. Estudou no Grupo Escolar Antônio de Azevedo, na sua cidade de origem, e ainda em Mossoró e em Natal, até concluir o ciclo básico. Em 1944, graduou-se em Odontologia, no curso conjunto com a Faculdade de Medicina, no Recife-PE. Em 1948,

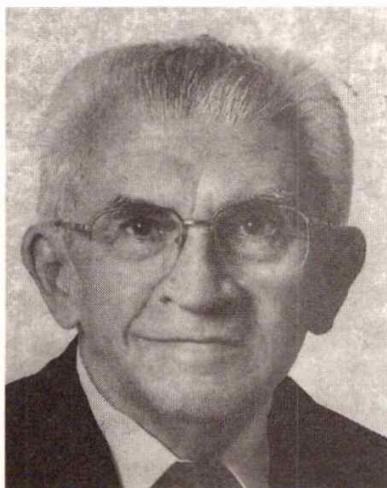
prestou concurso público, realizado em âmbito nacional, para o cargo de Inspetor de Ensino do Ministério da Educação. Dos 40 candidatos do Rio Grande do Norte, ele foi o único aprovado. Nesse mesmo tempo, mereceu aprovação em processo seletivo para professor da disciplina de Legislação e Administração Escolar, da Faculdade de Educação de Natal, que se integrou à UFRN. Seu trabalho na condição de Inspetor Seccional do MEC tornou-o conhecido e admirado em todo o Estado, pelo zelo, cuidado e mestria com que exerceu, à época, a importante função.

Dividiu-se entre a Odontologia e a Educação, com ênfase para a área escolar. Mas o cirurgião-dentista Max Azevedo honrou a profissão, a exemplo dos nove anos em que dirigiu a Clínica Odontológica do Hospital Miguel Couto, hoje Hospital Onofre Lopes, da UFRN. Integrou a Academia de Odontologia do RN, da qual era devoto e entusiasta. No tocante à Educação, além de Inspetor Seccional do MEC, exerceu a docência no Departamento de Educação da UFRN, por muitos anos, como um dos nomes mais respeitados, em todos os tempos. Por 12 anos, integrou o Conselho Estadual da Educação e, ao se afastar, por força da lei, recebeu uma placa, com esses dizeres: “Ao Conselheiro Max Cunha de Azevedo, pelos 12 anos (1966/1978), em que enriqueceu este Conselho, com seu saber de experiência feita, a homenagem de seus pares. Natal, 18/12/78”. Recebeu também muitos títulos e condecorações. Exerceu o cargo de Diretor

da Faculdade de Educação, durante quase seis anos, por nomeação do Presidente da República.

Apesar de trilharmos caminhos diversos, na profissão e no exercício de funções públicas, sempre guardamos boa e mútua amizade, e por ele mantive, ao longo dos anos, grande admiração. Na condição de Reitor da UFRN, tive a honra de entregar-lhe o título de Professor Emérito, em 1988. Nos últimos 15 anos, até 2018, tivemos uma convivência mais próxima, nas reuniões do Conselho Diretor da Liga de Ensino do RN. Foi feliz e fez sua família também feliz. Além das qualidades aqui citadas, Max era um bom escritor e um cultor do nosso idioma. Tenho dele quatro livros, todos muito bem escritos e com ótimo conteúdo. O nome de Max Cunha de Azevedo integra o panteão das maiores e melhores figuras humanas do Rio Grande do Norte.

***14 de maio de 2020***



Max Cunha de Azevedo  
(1921-2020)

# Centenário de Noilde Ramalho

**E**m um dos seus famosos Sermões, Padre Antonio Vieira (1608-1697) escreveu: “Morrer de muitos anos, e viver de muitos anos, não é a mesma coisa. Ordinariamente, os homens morrem de muitos anos, e vivem poucos. Por quê? Porque nem todos os anos que se passam se vivem: uma coisa é contar os anos, outra vivê-los; uma coisa é viver, outra durar. [...] Enquanto agimos racionalmente, vivemos; o demais tempo, duramos.” Quanta sabedoria existe nessas palavras do Padre Vieira, escritas cerca de quase quatro séculos atrás, mas que são atemporais. A vida de Noilde Pessoa Ramalho foi não somente longa – 90 anos – mas foi, sobretudo, vivida intensamente, incansavelmente, tendo como guias a fé em Deus e o amor à Educação.

Nasceu em Nova Cruz-RN, a 19 de julho de 1920, e faleceu em São Francisco do Sul-SC, em 25 de dezembro de 2010. Com a idade de 15 anos, veio da cidade onde nasceu para ser aluna interna da Escola Doméstica de Natal. Após concluir o curso, em 1940,

passou logo às funções de professora, até 1945, quando recebeu convite do Presidente da Liga de Ensino do RN, Dr. Varela Santiago, para assumir a Direção da ED, função que exerceu por 65 anos. Foi uma missão grandiosa em tempo e nas incontáveis realizações, a maior parte no campo educacional. Projetou a ED no âmbito nacional e criou uma escola mista, o Complexo Educacional Henrique Castriciano, em 1987, ambas mantidas pela Liga de Ensino do RN. Da sua inspiração de educadora integral, nasceu a ideia de criação, também pela Liga de Ensino, da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do RN – FARN, instalada em 1999, transformada no Centro Universitário do RN – UNI-RN, unidades de ensino sob o manto da qualidade acadêmica.

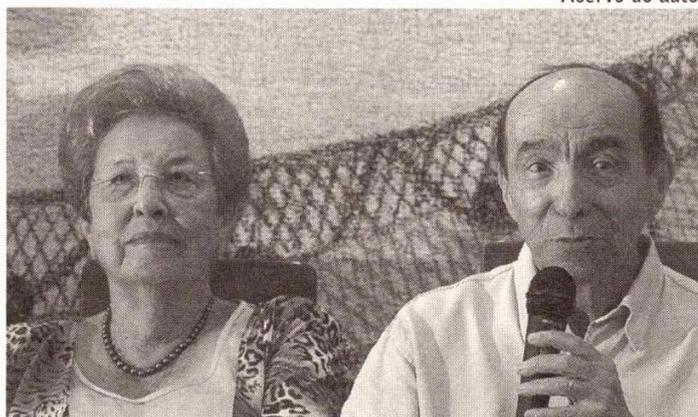
Em 2004, lancei o livro Noilde Ramalho – Uma História de Amor à Educação, com 565 páginas, biografia dessa figura humana singular e inesquecível. Nesse livro, constam depoimentos de algumas pessoas ilustres da terra, as quais conheciam a história da vida da querida educadora. No transcurso do centenário de Noilde Ramalho, trago aqui trechos colhidos de quatro desses depoimentos, cujos autores também já partiram para a eternidade. Na “orelha” do livro, o registro do escritor, poeta e pintor Dorian Gray Caldas: “A Professora Noilde Ramalho é referência nacional. Méritos todos. Reconhecida por mais de uma geração; elegância e cultura, discernimento, doação.

Assim é este livro, harpa sensível, harmoniosa, solidária, som e luz, encantamento.” O Cardeal Dom Eugênio de Araújo Sales escreveu: “Há pessoas, como Noilde Ramalho, que avançam em idade e em virtudes.” A escritora Ana Maria Cascudo Barreto assim se expressou: “Noilde é personagem permanente na minha galeria emocional. Seu porte de rainha é suavizado pelas flores perfumadas da ternura, recolhidas daqueles a quem dedicou atenção profunda e diária.” De Vingt-Un Rosado e América Rosado, escritores: “Singular personalidade, Noilde Pessoa Ramalho, na ótica dos autores, é a maior mulher do Rio Grande do Norte, depois de Nízia Floresta.”

Em face das limitações decorrentes da Covid 19, a Liga de Ensino do RN, sob a digna presidência do Dr. Manoel de Medeiros Brito, adiou as celebrações alusivas ao Centenário da professora Noilde Pessoa Ramalho, mas espera realizá-las ainda em 2020.

**09 de julho de 2020**

Acervo do autor



Noilde Pessoa Ramalho  
(1920-2010)

Noilde Ramalho no  
auditório do UNI-RN,  
ao lado do autor

## Honras ao amigo Paulo Macêdo

**E**m seu livro *Gente Viva, Câmara Cascudo* (1898-1986) escreveu: “A Morte existe; os mortos não! Prolongo-lhes a companhia, nesses vestígios de convivência”. Transporto esse genial pensamento para a triste verdade da morte de Paulo Macedo (1931-2020), enquanto recordo passagens da sua vida, próprias de um amigo sincero e de uma pessoa íntegra, de cidadão correto, de homem que trazia sempre a bondade no coração. Foi um artífice de amizades, não somente no que concerne a ele mesmo, mas também no intuito de fomentar a paz e a boa convivência entre seres humanos. Não perdia a chance de ser útil e de fazer o bem, pois fazer o mal estava fora da sua agenda. Chega-me à mente uma quadrinha que Cascudo citava: “Se o bem não podes fazer,/ O mal não faças também/ Que o bem já fez sem saber/ Quem não faz mal a ninguém”.

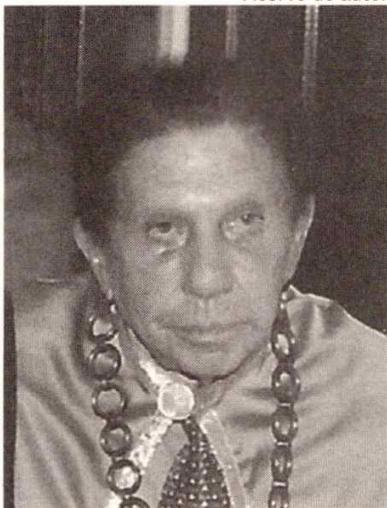
Em artigo publicado no jornal *Tribuna do Norte*, o escritor, artista plástico e poeta Dorian Gray Caldas assim se expressou: “Diz-se sempre que Paulo Macedo nunca fez um inimigo; nunca escreveu para conseguir

proveito próprio ou para denegrir a imagem de ninguém. E isto é certo e verdadeiro. É que acima do escritor, existe o homem Paulo Macedo, sua ética, sua sensibilidade, sua alma”. Era um porta-voz obcecado das lides culturais e educacionais do estado, sem perder sua função laboral de difundir tudo o que tinha valor no âmbito social como um todo.

Além dos jornais Diário de Natal e O Poti, nos quais brilhou por mais de quarenta anos, Tribuna do Norte e outros, Paulo Macedo também atuou no rádio e na televisão, haja vista o famoso programa Sala Vip, na TV Ponta Negra. Graduou-se em 1966, na Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, que se integrou à UFRN, fez o curso da Escola Superior de Guerra, e obteve certificação de diversos outros estudos. Mas o seu maior título conquistou-o ao longo da vida, com louvor, no dia a dia da profissão. Integrou as mais distintas instituições culturais e sociais do estado, tais como Academia Norte-Rio-Grandense de Letras – Vice-Presidente –, Conselho Estadual de Cultura, Instituto Histórico e Geográfico do RN, Rotary, entre outras, bem como foi membro honorário de órgãos similares de diversos estados. Recebeu muitas honrarias, dos setores públicos e privados. Nesse enfoque, poucas pessoas o igualam. Foi casado com Luíza Maria Dantas, pianista de escol, e do casal nasceu o filho Miguel Dantas Neto. Luíza tornou-se sua grande amiga. Seu segundo casamento foi com Tânia Macedo, com os filhos Paulo e Adriana.

Exerceu alguns cargos públicos, entre os quais destacam-se o de Secretário Municipal de Turismo – citado duas vezes por Câmara Cascudo no seu livro *Na Ronda do Tempo* – e Presidente da Fundação José Augusto. Nesta função, Paulo Macedo venceu resistências e conseguiu instalar o Memorial Câmara Cascudo, ao lado da antiga Catedral, com a escultura do homenageado na palma de uma mão, na frente do histórico prédio que abriga acervo do famoso escritor. Não pedia aplausos por ser honrado e honesto, nem recompensas por usar a profissão somente para fazer o bem. Morreu pobre, ao ponto de ter dificuldades de prover a própria vida simples que levava. Manteve-se digno e silente das suas agruras. A lembrança dos dias finais do amigo Paulo Macedo parece-me ter algo a ver com os versos do poeta português Augusto Gil: “Se aquilo que a gente sente/ Cá dentro, tivesse voz/ Muita gente, toda a gente/ Teria pena de nós”.

Acervo do autor



Paulo Macêdo  
(1931-2020)

*25 de julho de 2020*

## Júlia, a mãe de Thomas Mann

**A**nação brasileira se ressentida de não ostentar um Prêmio Nobel, nas diversas áreas contempladas por tão importante láurea da Academia Sueca. Embora, ao longo do tempo, vários brasileiros tenham sido indicados ao Prêmio, até agora essa frustração persiste, às vezes sem uma causa plausível para a exclusão dos nomes que trazem as cores do Brasil, a exemplo de Érico Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade e Jorge Amado. Não que possa servir de consolo, ou de evasiva para minorar nossa frustração, mas deve-se ressaltar que Thomas Mann, autor do famoso romance *A Montanha Mágica*, e Prêmio Nobel de Literatura 1929, é filho da brasileira Júlia da Silva Bruhns, nascida em 1851 no litoral do Rio de Janeiro, entre Angra dos Reis e Paraty.

O pai de Júlia é João Luiz Germano Bruhns (1821-1893), membro de uma família de comerciantes de Lübeck, Alemanha, que emigrou para o Brasil em 1840. Depois de se fixar no litoral do Rio de Janeiro, em Angra dos Reis, casou-se com Maria Senhorinha da Silva,

que faleceu durante um parto, em 1856. A pequena Júlia, quarta filha do casal, tinha cinco anos à época, e, dois anos depois, foi levada pelo pai para a Alemanha, onde ficou sob os cuidados de um internato e de uma educadora. Júlia da Silva Bruhns jamais voltou ao Brasil, e, pouco antes de completar 18 anos, casou-se na cidade de Lübeck, com o senador vitalício Thomas Johann Heinrich Mann. Ela faleceu em 1923, quase dois anos antes da 1ª edição de *A Montanha Mágica*.

Em 2001, o Museu da República do Rio de Janeiro celebrou os 150 anos de nascimento da menina Júlia, que se tornou matriarca de um clã de escritores e de intelectuais de língua alemã, conforme consta no ensaio escrito pelo professor e escritor Paulo Astor Soethe – Posfácio do livro *A Montanha Mágica*, tradução de Herbert Moritz Caro. Além de Thomas Mann e do irmão Heinrich Mann, dois escritores consagrados da Europa no século XX, também filhos e netos de Thomas, portanto, netos e bisnetos de Júlia, destacaram-se na vida intelectual da Alemanha e de toda Europa. No tocante aos filhos de Thomas Mann, há de se citar os escritores Erika e Klaus, o historiador Golo e o músico Michael. O neto Frido, filho de Michael, é autor de romances e de obras de ensaio. Ele é o membro da família Mann que mais se relaciona com o Brasil.

São poucas referências de Thomas Mann sobre sua parcial origem brasileira. Vale a pena a citação de uma carta que o famoso escritor enviou para a norte

-americana Agnes E. Mayer, em 1939: “Minha herança paterna e materna divide-se exatamente segundo o modelo goetheano: do pai a ‘estatura’, ao menos uma dose disso, e o ‘jeito sisudo de ser’; da mãezinha, tudo que Goethe resume simbolicamente nas palavras ‘alegria, candura’ e a vontade de histórias tecer.” Ele escreveu poucos textos sobre sua mãe brasileira, mas ressalta que dela herdou o gosto e a aptidão para a música. Thomas Mann encontrou e manteve cordiais conversas com destacados escritores brasileiros: Sérgio Buarque de Holanda, em Berlim, a 18 de dezembro de 1929, e Érico Veríssimo, no dia 15 de março de 1941, em Denver, nos Estados Unidos. Em seu livro *Gato Preto em Campo de Neve*, Veríssimo mostra detalhes da sua impressão pessoal sobre Thomas Mann, bem como da conversa com o grande escritor que chamava o Brasil de terra mátria.

*06 de agosto de 2020*

## Reflexões sobre a Covid-19

O quadro *O Triunfo da Morte* encontra-se no Museu do Prado, em Madri-Espanha, pintado por volta de 1562, pelo artista flamengo Pieter Bruegel, o Velho. Essa alcunha, o Velho, passou a uso corrente para distingui-lo do seu primogênito. Nasceu em Breda, nos Países Baixos, em 1525, e faleceu em Bruxelas, Bélgica, a 09 de setembro de 1569. Destacou-se por suas retratações de paisagens, numa época em que ganhava projeção as cenas religiosas. Sua obra de maior renome é *O Triunfo da Morte*, na qual Bruegel retrata a vitória da Morte sobre todas as coisas mundanas, sem distinguir qualquer condição. Até o rei surge na cena, a entregar o cetro e a coroa nas mãos da morte. O quadro foi produzido quando as pestes se alastravam sem controle, e as guerras eram constantes e frequentes.

Por vezes, é a vida que imita a arte, outras vezes ocorre o oposto. No caso dessa obra, penso que a arte imitou a vida, a fim de retratar toda a crueza da morte, a ponto de causar impacto, pelo forte realismo que expressa. Uma obra produzida quase 500 anos atrás

suscita alguma correlação com o enorme número de mortes pela Covid-19 em todo o mundo? Aquelas cenas de profunda tristeza que vimos na TV, as covas abertas em série, os veículos frigoríficos parados nas portas dos hospitais, relembram o quadro O Triunfo da Morte? Penso que sim, até como alerta de que nós seres humanos continuamos frágeis, apesar de todos os avanços, e que a terrível pandemia pelo novo coronavírus persiste ativa, ainda sem um tratamento globalmente aceito, e sem vacina para proteger contra novos contágios. Restam-nos o isolamento social, o uso de máscaras e a higiene pessoal, até que venham as mudanças por todos esperadas.

Em algum lugar, li que as liturgias das grandes epidemias são sempre muito parecidas. As reações dos líderes, as crendices populares, o medo geral, muito se assemelham, apesar das épocas tão distintas. Ainda hoje, falamos em quarentena, que surgiu em Veneza, durante a Peste Negra do século XIV. Um membro do clero sugeriu a restrição de circulação de pessoas, e escolheu 40 dias, conforme o Velho Testamento falava em relação ao isolamento em casos de lepra, e assim ficou até hoje.

Durante a Peste Bubônica, séculos atrás, as pessoas também se mantinham em casa, para não se contaminarem com os miasmas, que, na verdade, era a podridão vinda das ruas. Porém, as infecções se faziam pelas pulgas dos ratos, que infestavam as vias públicas,

onde se jogavam os dejetos humanos. Quem não leu ou não ouviu a expressão de que a atual pandemia é um castigo divino? Pois bem, esse mesmo temor já existia nas pandemias da Idade Média. Mas as crendices e as receitas caseiras podem também trazer benesses. Segundo consta, na Gripe de 1918, em São Paulo, espalhou-se que a mistura de mel, limão e cachaça curava a virose. Estava criada, então, a bendita caipirinha.

***20 de agosto de 2020***

## Thomas Mann, cidadão do mundo

**E**m uma crônica passada, sob o título Júlia, a mãe de Thomas Mann, escrevi que esse grande escritor criou para o Brasil a alcunha de terra mátria. Em 1943, Thomas Mann, ferrenho opositor ao nazismo, morava na Califórnia, exilado, quando enviou uma carta a Karl Lustig-Prean, intelectual austríaco incansável no combate à ideologia de Hitler, na qual fala do seu sangue latino-americano e, pela primeira vez, explica a alcunha dada ao Brasil: “A perda da minha terra pátria (mein Vaterland) deveria constituir uma razão a mais para que eu conhecesse minha terra mátria (mein Mutterland). Ainda chegará essa hora, espero”. Essa expressão de Thomas Mann, além do apelo afetivo em relação ao país onde nascera sua mãe, Júlia, tinha também uma conotação política, no tocante ao desgosto com a sua terra de origem, a Alemanha, à época, ainda sob o jugo hitlerista. Thomas Mann, sua esposa, Kátia, e seus filhos perderam a cidadania alemã, desde dezembro de 1936.

No posfácio do livro *A Montanha Mágica*, edição da Companhia das Letras (2016), o autor do texto, Paulo

Astor Soethe, professor da UFPR, grande estudioso da obra de Thomas Mann e de Heinrich Mann, afirma que, na Alemanha, a família Mann tem para o país a mesma significância que os Kennedy têm para os Estados Unidos, e os Windsor para a Inglaterra. E acrescenta: “Desde a reunificação alemã, com fases menos e mais intensas, há naquele país o que a imprensa chama de mannomania”. De fato, entre os maiores escritores europeus do século 20, estão os irmãos Heinrich Mann (1871-1950) e Thomas Mann (1875-1955), além de outros membros do clã que se destacam em alguma área da ciência, das artes e das letras. Dos descendentes desses famosos nomes das letras, apresso-me em destacar o escritor Frido Mann, neto de Thomas, não somente pelo mérito literário, mas também pelo seu constante contato com o Brasil, desde a década de 1990. Em julho passado, Frido completou 80 anos, nasceu e reside nos Estados Unidos, onde é professor e escritor. Quando ele nasceu, Thomas Mann morava em Princeton e escreveu em seu diário: “O primeiro neto, americano de nascimento, tem sangue alemão, brasileiro, judeu e suíço, o último por parte da minha avó.”

Thomas Mann exilou-se por muitos anos e, somente em 1944, tornou-se cidadão norte-americano. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1929 e, desde esse tempo, em face do crescimento do nacional-socialismo na Alemanha, já pensava no exílio, o que se efetivou a partir de 1933 – jamais voltou a residir em seu país de

nascença –, com estadas na Lituânia, Suíça, França e Estados Unidos, com ênfase na América. Thomas Mann, em certa fase da vida, rejeitou a sociedade burguesa alemã, e passou a se sentir um estrangeiro em sua própria nação. Seus ideais cosmopolitas condizem com um perfil humano de preclaro cidadão do mundo.

*17 de setembro de 2020*

*Capa Cartão Triplex 250g/m2 - Laminação Fosca*

*Miolo Pólen Soft 80g/m2*

*Fontes texto - DaxCompact e Cambria /título - Atlantis the lost City e Times New Roman*

*Projeto Gráfico e Diagramação Terceirize Editora*

*Tiragem 500 exemplares*

*Impresso na Gráfica Sul em Novembro de 2020*

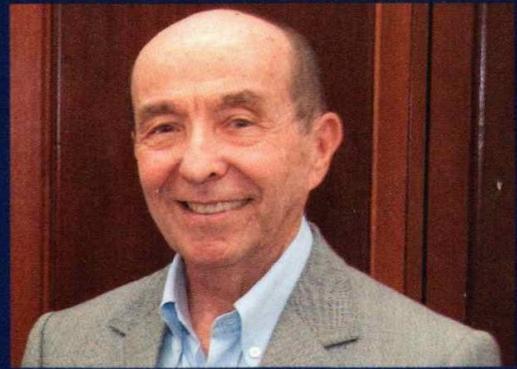
“Em seu longo itinerário, o escritor Daladier Pessoa Cunha Lima sempre soube que a literatura só tem sentido quando se liga à vida.

Daladier colabora há décadas no jornal ‘Tribuna do Norte’, com artigos e crônicas sobre assuntos de natureza cultural, notadamente perfis de figuras notáveis em vários setores de atividades – escritores, médicos, etc. Entre parênteses: ele é médico e professor do curso de Medicina da UFRN, aposentado. Mas, além dos inúmeros homens e mulheres, exemplos de humanismo, o autor focaliza obras-primas da arte universal e instituições, que se constituem em verdadeiros monumentos à humanidade, como, por exemplo, o afresco ‘A Última Ceia’, de Leonardo da Vinci; a basílica do Sacré-Coeur, em Paris; o romance ‘A Montanha Mágica’, de Thomas Mann; a árvore simbólica da nacionalidade brasileira – o pau-brasil, e empreendimentos educacionais como o CRUTAC e o UNI-RN/FARN. Dentre as homenagens não falta uma louvação à xanana, humilde flor dos canteiros urbanos natalenses, elevada, liricamente, a símbolo ou distintivo sentimental da cidade dos Reis Magos. Todo esse material jornalístico de interesse literário, foi enfeixado, pelo autor, em um livro sob o título ‘Honras à Vida’.

Escritor experiente, conhecendo, como poucos, os segredos da escrita, Daladier consegue prender o leitor em sua prazerosa malha, com muita simplicidade e leveza de estilo. Faz bem o autor nova-cruzense em salvar da efemeridade do jornal esses seus textos, que representam, verdadeiramente, celebrações da Vida com V maiúsculo.

Honras a Daladier!”

**\*MANOEL ONOFRE JR.** é desembargador aposentado e escritor. Autor de “Chão dos Simples”, “O Caçador de Jandaíras”, “Ficcionistas Potiguares” “Antônio de Souza (Polycarpo Feitosa) Uma Biografia” e de vários outros livros. É membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e Diretor da Revista da ANRL. Integrante de outras instituições culturais.



Daladier Pessoa Cunha Lima nasceu em 1939, na cidade de Nova Cruz-RN. Aos 12 anos, veio para Natal e, em 1965, formou-se em Medicina na UFRN. Pós-graduado pela USP, na área das doenças infecciosas, tem, ainda, especialização em Medicina do Trabalho e em Administração Universitária. Por vários anos, foi médico atuante e professor de Medicina, época em que publicou diversos trabalhos de pesquisa. Primeiro reitor eleito da UFRN, exerceu o cargo de 1987 a 1991, após ter assumido as funções de Diretor do Centro de Ciências da Saúde, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Vice-Reitor da Universidade. Atualmente, exerce as funções de Reitor do Centro Universitário do Rio Grande do Norte, desde 2012, tendo atuado como diretor da faculdade FARN, de 1999 a 2012. Sua experiência acadêmica é também enriquecida pela vivência em instituições universitárias no Brasil e no exterior.

Daladier Pessoa Cunha Lima escreve e publica no jornal Tribuna do Norte crônicas ou artigos, a cada duas semanas, desde 2004. É autor das obras “Noilde Ramalho – Uma História de Amor à Educação”, com 555 páginas, “Retratos da Vida” e “Recordando Henrique Castriano”, entre outras publicações. É integrante da Academia Norte-rio-grandense de Letras – ocupante da Cadeira 3 –, da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte e do Instituto Histórico e Geográfico do RN, e de várias outras instituições culturais. É detentor de diversos títulos honoríficos, tanto nas áreas educacional e cultural, quanto na área social.

“Honras à Vida nos eleva a partir de uma viagem local para o universal, homenageando pessoas e instituições (criadas também por pessoas), nos levando à reflexão de como o ser humano é realmente grandioso, e veio ao mundo para ser útil, para contribuir.

No livro, estão presentes alguns colegas de profissão, médicos, professores e amigos de longa data. Giselda Trigueiro, Hiram Diogo Fernandes, Araken Irerê Pinto, Jessione de Carvalho Lima, Ernani Rosado ganham retratos em corpo inteiro, assim como grandes nomes do passado, como Câmara Cascudo, Henrique Castriciano, Onofre Lopes e Varela Santiago, além de importantes nomes da música e da literatura, bastando citar Rubem Alves, Clarice Lispector e Wolfgang Amadeus Mozart”.

Thiago Gonzaga  
Escritor

“Escritor experiente, conhecendo, como poucos, os segredos da escrita, Daladier consegue prender o leitor em sua prazerosa malha, com muita simplicidade e leveza de estilo. Fez bem o autor nova-cruzensense em salvar da efemeridade do jornal esses seus textos, que representam, verdadeiramente, celebrações da Vida com V maiúsculo.

Honras a Daladier!” .

Manoel Onofre Jr.  
Desembargador aposentado e escritor

  
**terceirize**  
projetos gráficos e editoriais

